

4A

14

19

1

4A
14
19
1

THEOLOGIA
V Theologos

5— Theologia ascetica ou mystica

4A

14

19

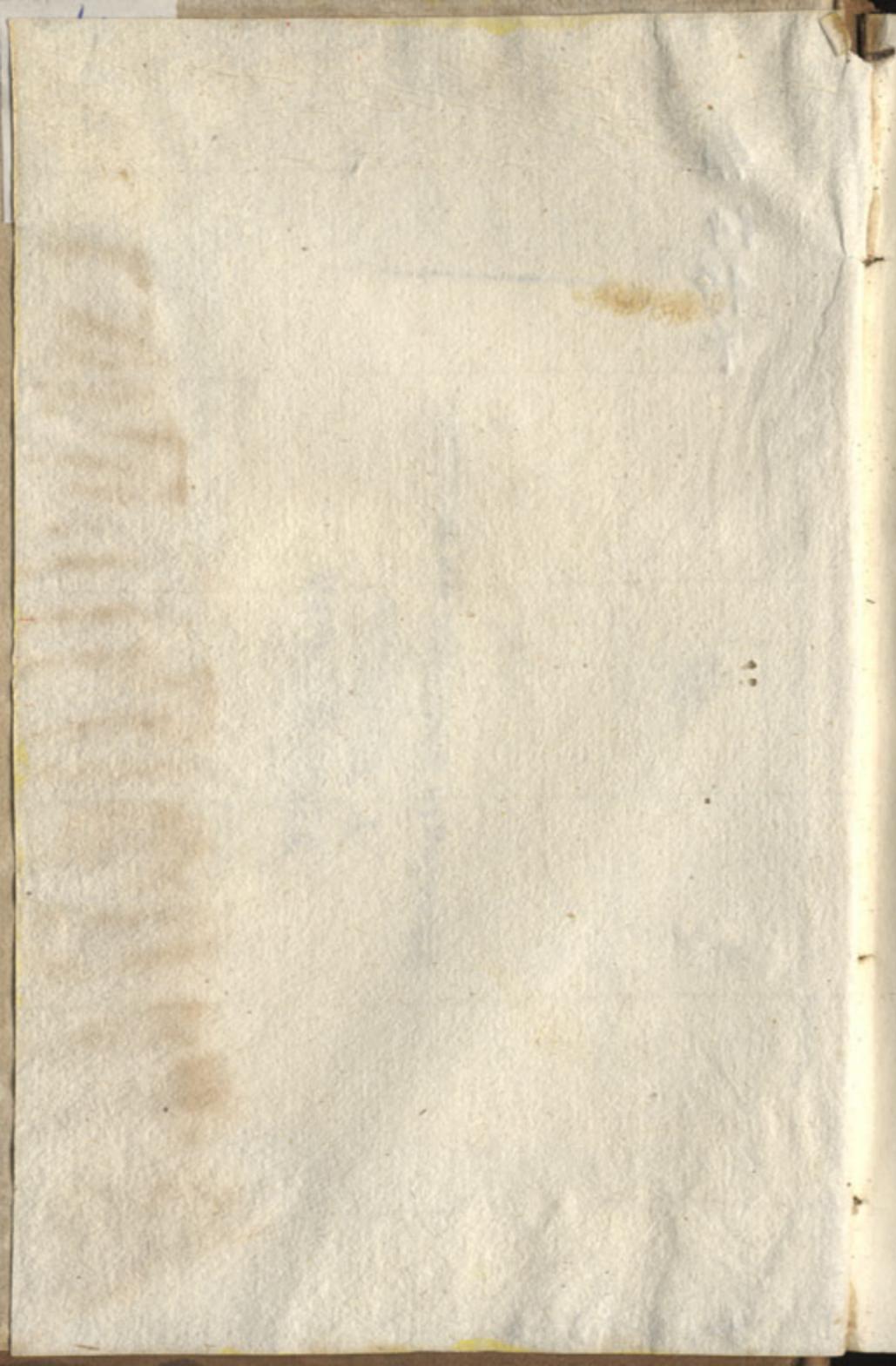
1

RETIRO

ESPIRITUAL

UMA SEMANA DE CADA MÊS

Foi: 4-20-52-2



RETIRO
ESPIRITUAL
PARA HUM DIA DE CADA MEZ
DESA MUITO UTIL PARA TODA
A CLASSE DE PESSOAS
RETIRO
ESPIRITUAL
PARA HUM DIA DE CADA MEZ;

COIMBRA

Na Real Imprensa da Universidade;

Anno de 1783.

Por ordem da Real Mesa Censura.

RETRO

ESPIRITUAL

PARA HUE DIA DE CADA MES

RETIRO ESPIRITUAL

PARA HUM DIA DE CADA MEZ.

OBRA MUITO UTIL PARA TODA
a sórte de pessoas , e principalmente
para aquelles , que desejaõ se-
gurar huma boa morte :

Traduzido da Lingoa Franceza.

QUINTA EDICÇÃO MAIS CORRECTA ,
e exacta.



COIMBRA

Na Real Imprensa da Universidade ,
Anno de 1783.

Com licença da Real Mesa Censoria.

RETIRO

ESPIRITUAL

PARA HUMILDADE DE CADA UM

OBRA MUITO UTIL PARA TODA

a lousa de peccados, e principalmente

para os que se acham em estado de

graves humas peccados;

Traduzido da lingua Francesa

QUINTA EDICAO MAIS CORRECTA

e exacta



COIMBRA

Na Real Imprensa da Universidade

Anno de 1783

Com licença da Real Mesa Censoria

PROLOGO

DO TRADUCTOR.

Algumas pessoas zelozas da gloria de Deos , e do bem espirital dos Christaõs , quizeraõ dar ao publico hum Livro , que servisse de os persuadir , e juntamente mover efficaamente á boa reformaçãõ dos costumes. Para este effeito nenhum pareceo mais proprio , e mais efficaç , do que o Retiro Espiritual escripto na lingoa Franceza ; o qual pela sua excellencia tem sido adoptado pelas Nações Estrangeiras , traduzindo-o na sua lingoa , para o bem dos seus respectivos Nacionaes : a multiplicidade de edicçoens , que delle se tem feito bem mostra a universal aceitaçãõ , com que os Fieis o tem recebido.

Era bem para sentir , que só os nossos Nacionaes se naõ podessem aproveitar de hum taõ excellente Livro , mais que apenas de alguns pedaços tirados delle mesmo , que há annos hum pio Religioso teve o trabalho de traduzir em o nosso Idioma , e fez dar ao publico ; a qual obra certamente servio de se de-sejar mais a presente , que aqui se dá , e quasi de nos pôr nesta obrigaçãõ , pa-
ra

ra satisfazer ao desejo das pessoas devotas; que conhecendo o grande bem, e fructo espirital, de que estavaõ privadas, pela mesquinhez, digamo-lo assim, com que tinhaõ dado ao publico o dito Livro, julgariaõ por huma falta de caridade, se se lhes naõ dèsse esta obra nova, e inteiramente traduzida.

Verse-há por toda a parte deste Livro tudo, o que he proprio para a reformaçaõ dos costumes, que he o que se pertende com elle: persuade, convince, move, arrebatã o coraçãõ no amor de Deos. Quando trata de fazer ver a importancia da salvaçaõ, e do cuidado, que devemos pôr nella, a vaidade, e o nada de todas as couças mundanas; emprega toda a força das razoens mais fortes, e efficazes, fundadas na Fé, e na verdade; e como todas pela maior parte, saõ estabelecidas unicamente na boa razaõ, saõ accommodadas á capacidade de todos; e assim convince, e naõ deixa lugar ao amor proprio para se valer dos seus pretextos. Quando falla da Morte, do Juizo, do Inferno; humas vezes, nos poem taõ sensivelmente diante dos olhos, a imagem de hum moribundo nos ultimos instantes da sua vida, e de huma maneira taõ viva, que nos parece estamos

mos vendo hum máo Christaõ, agitaõdo com os crueis remorços da sua má consciencia, que lhe está manifestando toda a sua vida passada: outras vezes vemos a hum justo na mesma hora cheio de suavidade, paz, e doçura, vendo-te no ponto de ir gozar o premio da sua boa vida: ve-se huma alma penetrada de amargura diante do Soberano Juiz, outra submergida em os fõgos eternos: finalmente quando falla do amor de Deos, da gloria dos Bemaventurados no Ceo, da imitação do Pai Celestial, a que todo o Christaõ deve aspirar, tudo he proprio para mover, e elevar o coração ao Ceo, inspirar amor, e apreço das cousas eternas, desprezo das mundanas, horror ao vicio, estimação da virtude.

Seria na verdade huma bem sensivel magoa, se hum Livro taõ util, perdesse toda a sua graça, toda a sua força, e toda a sua estimação por culpa, e defeito do traductor: o que temendo eu, teria desistido desta empreza, se o desejo de cooperar para a gloria de Deos, bem espirital da sua Igreja, e de obedecer a pessoas, cujas vontades me são como Leis, mo não prohibira; com tudo confesso ingenuamente, que ainda que me resolvo a concluir o meu trabalho

balho ; e a publicar esta obra ; não o
faço sem temor.

Todos os eruditos conhecem a difficuldade de huma boa traducção ; e verdadeiramente he mais difficultosa ; do que vulgarmente se imagina. Para evitar o fazer aqui hum grande discurso ; pois não he isto o meu intento ; mas só cingir-me aos limites de breve advertencia ; não me detenho a mostrar as boas qualidades ; que deve ter a traducção ; e os vicios ; em que de ordinario se cahe neste genero de escriptura : só direi que ella nada póde ter melhor ; do que ser simplez ; clara ; e correctã ; que ponha exactamente todos os pensamentos do Auctor ; e ainda as mesmas expressões quanto póde ser ; e quanto se conformaõ com as da lingua ; em que se traduz ; de sorte ; que se se violentar a fraze ; devemos entaõ tomar toda a liberdade ; que neste caso he permittida a hum traductor : finalmente deve-se cuidar menos no numero das palavras ; que do seu valor : esta mesma regra nos ensina o mais eloquente dos antigos Romanos ; em huma versãõ ; que fez do Grego para o Latim ; cujas palavras julgo escusado aqui referir.

Assim assentando commigo ; que
quem

quem traduz, he (para uzar do pensamento de hum erudito nesta materia) como hum pintor, que se sujeita a copiar, o qual tem feito tudo, quando chega a assemelhar a sua copia ao objecto, que se propoem, e que não faz nada, quando faz tudo ao seu gosto; cuidei na presente traducção de me cingir aos pensamentos, ao estilo, e ainda ás expressões, quanto he permittido, do Auctor: para assim conservar o mais, que póde ser, o seu character, e a força do original. Todos sabem, que são mui differentes os Idiotismos, as frases, e ainda alguns termos da lingua Franceza dos da nossa; por isso cuidei sempre de examinar as frases, e as palavras, uzando daquellas, que me pareciaõ mais Portuguezas, ou que o uzo geralmente recebido, deixa passar por taes, para isto uzei da auctoridade daquelles Escriptores, que sem contestação, escreveraõ melhor na nossa lingua, e que floreceraõ quando ella estava na sua pureza.

Naõ me atrevo com tudo a affirmar, nem ainda a lizongear me, de que tenho feito huma traducção completa: mas como o que se pertende nesta obra, naõ he mostrar as belezas da eloquencia, nem exprimir com toda a força, e vi-

veza, os sublimes pensamentos de algum Auctor, que se esmerasse nesta arte, mas sim, o bem espiritual das almas; e considerando, que o meu trabalho só há de servir para as almas simples, e pequeninas, ou para as que sendo grandes, se querem fazer pequenas por amor daquelle Senhor, que enchendo toda a terra de si mesmo, se fez pequeno por amor de nós todos; julguei que tinha feito tudo e conseguido o que se dezeja, applicando-me a pôr tudo com a clareza possivel, no que tenho posto, me parece, todo o cuidado; contentando-me por premio deste trabalho, que elle venha a servir para a edificação espiritual, e reforma de costumes de alguma pessoa, que se quer entregar a Deos.

INDEX

DOS RETIROS, CAPITULOS, E MEDITAÇOENS,

Que se contém neste volume, para hum
dia de cada mez.

- C** AP. I. *Do Retiro Espiritual.* Pag. 1.
CAP. II. *Quanto importa ter hum dia de
Retiro todos os mezes.* pag. 7.
CAP. III. *Com que disposição devemos estar
para nos aproveitar deste dia de Re-
tiro.* pag. 16.
CAP. IV. *De que modo se deve passar o dia de
Retiro.* pag. 21.
*Meditação para a vespera, em que se hade ter o Re-
tiro.* pag. 28.

MEDITAÇOENS

Para o dia de Retiro do mez de Janeiro.

- I. MEDIT. *Do fim do homem.* pag. 41.
II. MEDIT. *Dos meios que todos temos para che-
gar ao nosso fim ultimo.* pag. 52.
III. MEDIT. *Sobre os sentimentos, que teremos á
hora da morte.* pag. 60.

MEDITAÇOENS

Para o dia de Retiro do mez de Fevereiro:

- I. MEDIT. *Da importancia da salvação.* pag. 77.
II. MEDIT. *Dos motivos, que todos temos de cuidar
continuamente na nossa salvação.* pag. 89.
III. MEDIT. *Do estado, a que a morte nos re-
duz.* pag. 197.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Março:

- Da Paixão de nosso Senhor Jesu Christo.* pag. 108.
I. MEDIT. *Dos trabalhos, que padeceu Jesu Christo em o Horto.* pag. 109.
II. MEDIT. *Do que padeceu Jesu Christo em Jerusalém.* pag. 122.
III. MEDIT. *Da morte de nosso Senhor Jesu Christo.* pag. 138.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Abril.

- I. MEDIT. *Da Resurreição de nosso Senhor Jesu Christo.* pag. 158.
II. MEDIT. *Da felicidade dos Santos no Ceo.* p. 173.
III. MEDIT. *Da morte dos Justos.* pag. 186.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Maio.

- I. MEDIT. *Do pequeno numero dos Escolhidos.* pag. 197.
II. MEDIT. *Do peccado mortal.* pag. 211.
III. MEDIT. *Da certeza da morte.* pag. 219.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Junho.

- I. MEDIT. *Do Santissimo Sacramento da Eucharistia.* pag. 230.
II. MEDIT. *Do pouco respeito, que se tem a Jesu Christo no Santissimo Sacramento.* pag. 243.
III. MEDIT. *Da incerteza da morte.* pag. 253.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Julho.

- I. MEDIT. *Da demora da conversão.* pag. 266.
II. MEDIT. *Do bom uso do tempo.* pag. 280.
III. MEDIT. *Dos pezares, que tem hum peccador na morte.* pag. 288.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Agosto.

- I. MEDIT. *Da falta de sinceridade, que se acha na vontade, que a maior parte dos Christãos tem de se salvarem.* pag. 301.
II. MEDIT. *Da tibieza.* pag. 312.
III. MEDIT. *Dos pezares, e dores, que hum Christão imperfeito sente na hora da morte.* pag. 322.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Setembro.

- I. MEDIT. *Dos descaminhos de huma alma, depois que se há apartado de Deos, mostrados na Parabola do Filho Prodigio.* pag. 331.
II. MEDIT. *Dos dois estandartes, ou da obrigação de nos declarar descubertamente por Jezu Christo.* pag. 343.
III. MEDIT. *Do Juizo particular.* pag. 355.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro Do mez de Outubro.

- I. MEDIT. *Do Inferno.* pag. 367.
II. MEDIT. *Dos fructos da Penitencia.* pag. 383.
III. MEDIT. *Do Sacramento da Extrema-Unção.* pag. 392.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Novembro.

- I. **MEDIT.** *Do Amor de Deos.* pag. 408.
 II. **MEDIT.** *Do peccado venial.* pag. 417.
 III. **MEDIT.** *Da recommendação da alma, e das Orações que a Igreja faz a Deos pelas almas dos Agonizantes.* pag. 427.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Dezembro.

- I. **MEDIT.** *Do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.* pag. 440.
 II. **MEDIT.** *Da vida occulta de Jesus Christo.* pag. 452.
 III. **MEDIT.** *Da preparação para a morte.* p. 464.
Modo, como huma pessoa se há de preparar para bem morrer. pag. 477.
Orações faculatorias proprias para nos dispor a bem morrer. pag. 496.



RETIRO ESPIRITUAL

PARA HUM DIA DE CADA MEZ.

CAPITULO I

De Retiro Espiritual



Em todas as practicas de piedade, o Retiro espiritual se he o das mais proprias para converter a alma e salvar a unica, de que nunca nos servimos justamente.

He facil effarmos pouco movimento das mais terribes verdades da nossa Religiao, quando todo ventosillo se dissipar o espirito, he a consumir o coração; mas quando apartados do tumulto, e do embargo dos negocios do mundo, consideramos de vagar as grandes verdades, que nunca ficamos vendo ao bem, que nunca apparecem como em huma nova luz, quando os meditamos cuidadosamente, o que he de servir para descobri-nos o seu verdadeiro foyso, e todas as consequencias, não podemos deixar de fazer um amor humo grande, e viva impressao.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Festa de São Martinho de Novembro.

- I. MEDIT. De amor a Deus pag. 455.
 II. MEDIT. De peccados pag. 457.
 III. MEDIT. Da misericórdia de Deus, e da
 graça que a Igreja nos dá para nos livrar
 dos Arrebatamentos. pag. 459.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Festa de São Sebastião.

- I. MEDIT. De Natividade de Nosso Senhor Jesus
 Christo. pag. 460.
 II. MEDIT. Da vida eterna do Justo. pag. 462.
 III. MEDIT. Da expiação pela morte. pag. 464.
 Além disso, há mais duas meditações para São
 Sebastião. pag. 477.
 Orações e Materias proprias para os dias de
 Advento. pag. 480.



RETIRO ESPIRITUAL

PARA HUM DIA DE CADA MEZ:

CAPITULO I.

Do Retiro Espiritual.



É todas as praticas de piedade, o Retiro espiritual he huma das mais proprias para converter huma alma; e talvez a unica, de que nunca nos servimos inutilmente.

He facil effarmos pouco movidos das mais terriveis verdades da nossa Religiao, quando tudo contribue ou a dissipar o espirito, ou a corromper o coracao; mas quando apartados do tumulto, e do embaraço dos negocios do mundo, consideramos de vagar as grandes verdades, que nunca tinhamos penetrado bem, e que entao apparecem como em huma nova luz, quando as meditamos cuidadosamente, o que tudo serve a descobrir-nos o seu verdadeiro sentido, e todas as suas consequencias; não podem deixar de fazer em nós huma grande, e viva impressao, em

em hum tempo , em que a Graça he mais abundante , a alma está menos distrahida , e mais socegada , e o coração mais bem disposto , que nunca.

A conversão milagrosa de tantos peccadores, o estabelecimento , ou a reformação de tantas Comunidades Religiosas , o fervor de tantos Christãos , que primeiro vivião relaxados , e tibios em o serviço de Deos , provaõ bem sensível , e bem claramente que he huma cousa utilissima meditar por ordem no Retiro as verdades capitaes da Religião.

A estes exercicios de Piedade S. Francisco Xavier , S. Carlos Borromeu , Santa Theresa , S. Francisco de Sales , e quasi todos os Santos destes ultimos seculos reconhecêraõ que deviaõ sua conversão , e seu adiantamento na virtude : a seu exemplo tambem todas as pessoas , que querem trabalhar seriamente no importante negocio da sua salvação , e todas as Communidades hum pouco mais reformadas se tem feito huma lei indispensavel , de consagrar ao menos oito , ou dez dias a estes santos exercicios , todos os annos.

Por mais que nos lisongeemos , sempre he verdade que he muito difficil defender-nos dos máos desejos no meio do mundo , onde tudo conspira a faze-los brotar em nós. He muito difficuloso viver muito tempo no meio de hum mundo taõ corrompido , onde se respira hum ar taõ contagioso , sem nos sentirmos inficionados do seu contagio. O maior fervor se esfria com o tempo ; a virtude mais constante tem necessidade de tomar de tempo em tempo novas forças : he pois precisamente necessario apartarmo-nos do tumulto ; he necessario retirar-nos algumas vezes á solidão , se quizermos respirar hum ar mais puro.

Como sempre he por huma muito grande
diffi-

diffipação da alma, pelo commercio, que temos com os homens, que o fervor se apaga, e a virtude se faz frouxa, não podemos remediar esta tibieza, senão pelo retiro, e recolhimento.

O Espírito Santo não desceoz vizivelmente, senão em o deserto, ou em quanto os Apóstolos estavaõ recolhidos no Cenaculo. Põde-se dizer que Jesu Christo não se retirou tantas vezes só ao monte para orar, senão para nos instruir com o seu exemplo da necessidade, que temos de nos recolher de tempo em tempo á solidão; e também foi aqui que elle fez sentir aos seus tres Apóstolos hum anticipado gosto das delicias do Ceo, e os encheu dos maiores favores.

S. Bernardo confessa que não pôde nunca ouvir bem a voz de Deos em quanto esteve no meio do mundo, e occupado com as cousas exteriores; mas que desde o instante, em que elle, entrando em si, deixou tudo para entrar na solidão, vio-se em estado de conversar familiarmente com Deos, e pôde dizer com confiança: *Fallai, Senhor, porque o vosso servo ouve; fallai, porque eu estou prompto á obedecer-vos.*

É podemos racionavelmente recusar servir-nos de hum meio tão proveitoso, tão facil, e que nos he tão necessario?

Facilmente nos persuadimos da utilidade, e ainda da necessidade do Retiro: porém há poucas pessoas, que inteiramente se resolveão a fazello; e toda a difficuldade consiste em achar tempo, e esta he a desculpa mais ordinaria daquelles, que não têm este Retiro. Mas será bem recebida a desculpa destes? Temos, dizem, negocios, que occupaõ, e que gastaõ todo o nosso tempo. E por ventura a nossa salvação não he negocio bem importante? Teremos nós nunca algum, que nos pertença mais, e que nos seja de
A ii maior

maior consequencia? Ah! nós não temos propriamente, senão este unico negocio; toda a vida nos foi dada para trabalharmos nelle: Deos não julgou que, para sahirmos bem com esta empreza, fosse necessario menos tempo: e se buscamos oito, ou dez dias no anno, para nos applicar só ao interesse da nossa alma, não achamos tempo? Se estamos enfermos, o cuidado da nossa faude nos faz deixar qualquer outro cuidado: se estamos em perigo de perder huma demanda, ou huma herança; se sobrevêm a hum amigo, a hum parente algum negocio grave, apartamos por mezes inteiros de qualquer outra cousa, e não cuidamos por então, senão nella, e dizemos que a necessidade nos obriga a apartar de nós qualquer outro cuidado: e por ventura não estamos mais urgentemente obrigados a sahir do estado do peccado, do que a convalescer de huma enfermidade? Não he mais necessario alcançar o Ceo, do que conservar huma herança? Que negocio nós importa mais, que a salvaçãõ da nossa alma? e que cousa mais importante, do que tomar medidas certas para alcançarmos huma morte santa? Que cousa mais necessaria, do que livrar-nos do perigo evidente, em que estamos, de ser condemnados?

Espera-se empregar no cuidado da Salvaçãõ o primeiro tempo livre, que restar dos mais negocios. Ah! se nós não esperamos, senão este tempo, os negocios não o darão já mais. Por ventura temos nós achado muito, depois que nós o buscamos neste tempo vago dos negocios? Ora, tenhamos menos indifferença para a nossa salvaçãõ; consideremo-la ao menos como hum negocio, e logo sem duvida não nos custará achar oito, ou dez dias para gastar nesta grande empreza, que he só propriamente nossa, e negocio de huma Eternidade.

He

He bem para admirar que as pessoas mais innocentes, e que tem menos necessidade deste Retiro, julguem que não podem passar sem elle. Os homens Apostolicos, que não apparecem no mundo, senão para o santificar, temem perverter-se nelle. Essas almas puras, que não perdem nunca a presença de Deos, reconhecem com tudo que se dissipão em os mais santos exercicios de seu zelo. Esses Heroes do Christianismo interrompem seus mais santos trabalhos para se recolherem de tempo em tempo á solidão; e não julgão poderem-se defender do máo, e pellifero ar do mundo, senão vindo tomar no Retiro novas forças, e novos preservativos.

Os Religiosos mais reformados, e cuja vida he hum Retiro perpetuo, não se achão ainda assaz retirados; e com tudo aquelles, que não se atreverão a lizonjear-se de passar huma vida tão pura, tão innocente, e que não tem tão grande fundo de virtude; agitados em ondas continuas, expostos todos os instantes aos maiores perigos; vivendo em huma continua dissipação do espirito no meio de hum mundo tão corrompido, que elles mesmos confessão, que he muito difficuloso não se condemnarem nelle; estas pessoas, digo, julgarão que oito, ou dez dias de Retiro não lhes convém; e que só aquelles, que vivem com piedade, isto he, aquelles, que tem menos necessidade deste saudavel exercicio, se devem applicar a elle; que para os outros he huma cousa impraticavel, e isto pela maior parte com o falso pretexto de não terem tempo: e vivendo cheios de ociosidade, passando em vaõs divertimentos a maior parte da sua vida, podem dizer que não tem tempo? Confessemos pois sincera, e claramente, que he a vontade que lhes falta, e não o tempo.

Aquel-

Aquelle caminho publico , onde a semente misteriosa da palavra de Deos , he logo pizada aos pés , e arrebatada pelas aves ; he a imagem de hum homem prezo , e enredado com os embaraços do mundo : pois se he certo que nos não podemos salvar , senão pelo bom uso da Graça , e que esta semente não pôde produzir em hum coração , aonde tudo entra , e sahe indifferentemente ; he bem claro que temos huma especie de necessidade de ter de tempo em tempo algum retiro , e de ir buscar á solidão o repouso , a tranquillidade , o silencio , que são couzas tão necessarias a huma alma , que quer ouvir a voz de Deos , e trabalhar efficazmente no negocio da sua salvação.

Mas que dirão no mundo , se souberem que eu me retiro por alguns dias á solidão , a fim de me applicar unicamente ao negocio da minha alma ? A quantas murmuraçoens não estarei expostó ?

Ah meu Deos ! até quando se farão inuteis os mais bellos movimentos , e as maiores graças com hum tão vão , e tão irracionavel temor ? Até quando este não sei que fantasma de respeito humano , suffocará as mais bellas resoluçoens , e ainda a prudencia a mais Christã ?

Que dirão , se eu consagro oito , ou dez dias ao negocio da minha alma ? Dirão que quereis salvar-vos , e que tomais os meios para isto ; que credes as verdades da vossa Religião , e que quereis conformar vossos costumes com a vossa fé. As pessoas sabias vos louvarão , muitos seguirão vosso exemplo ; e se houver pessoas , que tenham que dizer a hum modo de vida tão ajustado , serão alguns homens de vida livre , que se vangloriaão de não fazer nada do que crêm ; os quaes hão de confessar algum dia na presença de

de todo o Universo , que forã loucos em censurar a vossa vida , e a reforma de vossos costumes ; pessoas pouco racionaveis , e pouco Christãs , cuja approvaçã importa bem pouco , e cujas murmuraçoens vos honraõ , e podem passar por verdadeiros louvores : e deve-se fazer caso do que dizem semelhantes pessoas ? Pois que homem há taõ irracional , que possa estranhar que empregueis alguns dias todos os annos no negocio da Eternidade ? Que cousa mais prudente , do que temer ser sorprendido da morte no meio dos perigos , dos quaes toda a vida está como cercada ?

Ah ! naõ temos vergonha de passar dias inteiros no jogo , em palestras de ociosidade , em vaõs divertimentos , dos quaes nos havemos de arrepender , e talvez estejamos já arrependidos ; e naõ teremos animo de empregar alguns dias em hum negocio , em que , se naõ se empregar toda a vida , nos causará algum dia huma bem irremediavel desesperaçã ?

CAPITULO II.

Quanto importa ter hum dia de Retiro todos os mezes.

Facilmente convém todos que o Retiro espirital he hum meio muito proprio para viver huma vida regulada , e tratar do negocio da salvaçã ; mas he cousa muito difficilissima persuadir a todo o mundo que , se quizerem , podem achar tempo , e vagar para este Retiro. Oito dias parecem muito longos a algumas pessoas ; e he certo que muitos naõ se atreverã a gastar todo este tempo neste taõ santo exercicio.

Eu concedo que o embaraço dos negocios , o cuidado da familia , a pouca saude , os empregos ,

gos, e o estado, em que se vive, sirva a alguns de razão, ou de pretexto para se dispensarem de hum retiro de oito dias; porém de hum dia de retiro, ao menos todos os mezes, estando na nossa mão a escolha deste dia, quem poderá racionavelmente dispensar-se?

Pedem-nos hum dia de todos os mezes para empregar no mais importante negocio de todos os da vida, no qual devemos continuamente trabalhar com preferencia a qualquer outro, e de cujo bom, ou máo successo depende huma felicidade, ou huma infelicidade eterna.

Pedem-nos hum dia de retiro todos os mezes, isto he, que depois de ter empregado hum mez inteiro em negocios alheios, demos só hum dia ao que he nosso unicamente; que depois de ter trabalhado todos os dias do mez para adquirir os bens temporaes, trabalhemos ao menos hum dia todo para os eternos.

Que homem haverá, que, desejando servir a hum amigo, a quem ama devéras, se contente com empregar hum só dia no seu serviço? Ah! perde-se tanto tempo no jogo, em prazeres vaõs, frivolos passatempos, e em outros inuteis, e ociosos entretenimentos; e se nos pedem hum para cuidar seriamente na Salvaçaõ, podemos recuzalo, e dizer com verdade que desejamos o bem da nossa alma? Se alguem tomar o trabalho de ler nos capitulos seguintes de que modo se tem este dia de Retiro, parecerá huma cousa taõ facil, que será obrigado a confessar que ninguem se póde racionavelmente dispensar de o ter.

De que industria não se servem os Mercadores para enriquecer? Com que cuidado attendem a seus proprios intereces? Nada escapa á sua vigilancia: com que diligencia, com que exactidaõ examinaõ elles de tempo em tempo o estado dos
seus

seus negocios, as suas perdas, os seus lucros? Ao menos tomemos nós a seu exemplo hum só dia para examinar de vagar, e com socego o estado da nossa consciencia, e os progressos, que temos feito na virtude.

He bem facil comprehender quam util póde ser huma pratica taõ Christã a todas as pessoas; quanto he efficaz assim para retirar os peccadores de seus descaminhos, e encaminha-los para Deos, como para firmar os justos, e leva-lòs á mais alta perfeiçãõ do Christianismo.

Além de que, as Meditaçoens, que se fazem neste exercicio, saõ todas sobre as mais importantes verdades da Religiaõ; he muito difficultoso que huma pessoa, que interrompe todos os mezes as suas mais serias occupaçoens, e que se aparta hum dia todo do commercio dos homens para o gastar em cuidar na sua salvaçaõ, he muito difficultoso, digo, que naõ configa o seu fim: e aquelle Deos, que, sem se enfadar, busca tanto tempo áquelles, que se apartaõ mais d'elle; este Deos, que naõ cessa de fallar ainda áquelles, aos quaes o tumulto dos negocios do mundo faz surdos á sua voz, poder-se-hã negar aos que o vem buscar tantas vezes á solidãõ? Fallará pouco ao interior daquelles, que se apartaõ de tudo para p escutar?

Naõ he precisamente huma obrigaçaõ do nosso estado, que nos obriga a ter este dia de Retiro; naõ he hum costume, que no-lo persuade, nem hum certo lustre, ou esplendor inseparavel dos outros exercicios de piedade, que nos attrahe a este; he unicamente o desejo sincero de trabalhar seriamente na nossa salvaçaõ, que nos persuade isto: e hum desejo sincero nesta materia póde deixar de ser efficaz? Póde ser para nós pouco proveitoso? He impossivel, ao que pare-

ce, viver desordenadamente, quando há cuidado de tomar todos os mezes hum dia para regular, e compor a vida; e nunca estamos em estado de sermos affaltados de repente pela morte, quando nos preparamos taõ constantemente para morrer bem.

Mas o que nos faz ver ainda mais sensivelmente quanto este Retiro nos he necessario, he a necessidade, que nós temos todos, de fazer muitas vezes serias reflexoens sobre as grandes, e terriveis verdades, que nos ensina a Fé.

A razãõ, porque há taõ poucas pessoas solidamente virtuosas, ainda que a Religiaõ Christã, que nós professamos, nos obrigue a huma virtude taõ perfeita, he porque reflectimos pouco sobre as verdades do Christianismo, contentamo-nos com sujeitar o juizo ás verdades da Fé; e assim parece-nos que temos feito tudo, quando naõ fazemos mais que crer; porque em fim he raro achar muitos Infiéis em o seio da Igreja: mas eu naõ sei se he mais difficiloso achar muitos Christaõs, que façãõ serias reflexões sobre o que crêm. Os objectos creados nos occupaõ, e dissipaõ; o tumulto nos distrahe; naõ temos mais que huma fé esteril de boas obras, e mal nutrida; huma fé frouxa, e que naõ fáz em nós movimento algum.

Daqui procede, que o que nós cremos a respeito do ultimo fim do homem, do pequeno numero dos escolhidos, das penas do Inferno, e dos rigores infinitos da infeliz eternidade, faz muito pouco abalo no nosso espirito, e ainda menos no nosso coração: e podemos dizer, que a causa mais ordinaria das nossas recahidas, e de todas as nossas desordens he hoje, assim como foi sempre, a falta de reflexoens; os que vivem mais reformados, tem razãõ de attribuir o pouco progresso, que fazem na virtude, a esta mesma falta.

Assim

Assim como ninguem se faz sabio, senão reflectindo muito sobre o que estuda; assim tambem não nos podemos fazer virtuosos, senão reflectindo muito sobre o que nos ensina a Fé. As maiores conversoens são ordinariamente o fructo de alguma reflexão séria; e sem estas reflexoens, as mais terribeis verdades do Christianismo, os successos, que ferem, e penetraõ mais vivamente a nossa alma, e ainda as graças as mais sensiveis se fazem inuteis, e não produzem algum effeito em nós.

Quando hum homem considera attentamente a vaidade de tudo o que agrada, e encanta mais no mundo; quando considera socegadamente a inutilidade da maior parte dos nossos cuidados, a vileza dos gostos, e prazeres, e o nada de tudo, o que se chama grandeza humana; quando considera com applicação, e diligencia, o que ha de passar por nós na terrivel, e fatal hora da morte; com que rapidez desaparecerá entãõ de nós, semelhante ao fumo, que se desfaz, tudo o que agora nos lisonjea, e atrahê mais; quando olha, e vê o miseravel, e infeliz estado de huma alma, que vai apparecer diante de Deos, sem ter feito quasi nada para lhe agradar; quando elle se representa o seu corpo lançado na sepultura, e entregue aos bichos; quando considera seriamente o que crê do Inferno, do Juizo, e da Eternidade; penetrando os rigores de tudo isto, prevendo todas as suas consequencias; pôde deixar de se render á Graça, que sempre se aproveita destes felizes momentos.

Estas reflexoens tem povoado os desertos, e enchem todos os dias as Casas Religiosas, e fazem com que os justos perseverem no bem: por estas reflexoens, os peccadores se apartaõ dos seus descaminhos, e dissoluçoens. Por aqui se
tem

tem achado o meio de reformar os costumes dos homens, de conservar o fervor em as Communidades Religiosas, e impedir as maiores desordens; em huma palavra, por estas reflexoens se acha o meio de fazer santos. E exaqui verdadeiramente o que nos propomos neste dia de Retiro, fazer serias reflexoens sobre as mais importantes verdades da Fé.

Todo este dia se passa em reflectir sobre a nossa vida, e sobre a nossa fé: este he propriamente hum dia de reflexaõ, donde he bem facil comprehender quanto nos póde ser util huma practica taõ Christã, e taõ necessaria, e quanto importa applicar-nos a ella perfeitamente.

He verdade que em o Retiro de oito dias nos propomos o mesmo fim; mas além de que a extensaõ deste tempo serve de falso pretexto ou para nos dispensarmos totalmente deste exercicio, ou para passar ligeiramente, e como de caminho, pelas mais importantes, e terriveis verdades; fazem-se estas reflexoens huma só vez no anno: mas neste Retiro de hum dia fazem-se todos os mezes.

Não he nova em o Christianismo a practica de hum exercicio taõ Christã; foi esta practica mui familiar aos maiores Santos de todos os seculos. Ainda que a vida dos primeiros Fieis fosse hum retiro continuado, com tudo, tinhaõ este pio costume de se disporem para as maiores Festividades da Igreja, pelo exercicio de hum maior recolhimento. Por esta practica de piedade todos os antigos Mestres da vida espiritual restituiraõ o fervor ás almas tibias, e aos Religiosos imperfeitos.

Podemos dizer que propriamente nosso Senhor Jesu Christo foi o primeiro, que nos deu exemplo destes breves, e frequentes retiros, a-

par-

partando-se tantas vezes das turbas ; que o seguiaõ, e ainda de seus mesmos Discipulos para se retirar só ao monte ; ou em algum deserto : e o fructo , que ordinariamente se tira deste exercicio de piedade , faz ver bem claramente quanto elle he agradavel a este Senhor.

Naõ he necessario buscar a solidão fóra de nós mesmos ; póde-se fazer este retiro sem interromper os proprios negocios , e sem cada hum se dispensar das obrigaçoens do seu estado.

Há muitos Domingos , e alguns dias de festa em o mez ; póde-se escolher de todos os dias do mez aquelle , em que houver menos que fazer. Pede-se unicamente neste Retiro , que se prive huma pessoa por hum dia só de alguma parte dos divertimentos , de alguma visita pouco necessaria , e de outras semelhantes occupaçoens menos sérias , para cuidar mais devagar em Deos , e na Eternidade. E quanto naõ seria hum homem inimigo de si mesmo , se recusasse gastar hum dia no mez para empregar nestas importantes consideraçoens.

Pedem-vos unicamente hum dia ; bem pouco vale a salvaçaõ , se naõ merece que , para a alcançarmos , tomemos hum meio taõ effcaz , e taõ facil. Mas no caso , que este meio houvesse de nos custar muito , poderemos em algum tempo comprar muito caro aquella paz interior , que excede a tudo quanto se póde imaginar ? O testemunho de huma boa consciencia , que nos faz felizes já nesta vida ; aquella doce confiança na misericordia do Senhor , consequencia certa deste piedoso exercicio ; hum desgosto das vaidades mundanas ; hum augmento de zelo , de fervor , e de outras vantajens , que ordinariamente saõ o fructo do cuidado , que tomamos na salvaçaõ , e que nunca deixamos de colher destes Retiros ?
He

He por ventura muito , dedicar hum dia inteiro cada mez a hum negocio desta importancia ? Podemos fazer mais suave este cuidado , que devemos ter da nossa salvaçaõ ? Não seria muito , se empregassemos nella todos os dias da nossa vida : e he bem para admirar , que seja necessario ainda buscar razoens para nós persuadir a dar de tempo em tempo hum dia inteiro para cuidar della.

Tambem devemos attender , que o demonio inimigo declarado da salvaçaõ dos homéms , que conhece perfeitamente quanto este Retiro lhes he util , não deixará de empregar toda a sua astucia para nos apartar delle. Elle fará nascer em nós mil pequenas difficuldades , que as almas tibias nunca terãõ animo de vencer.

Humas vezes nos sobrevirá huma pequena incommodidade , hum successõ não ordinario , hum negocio novo , e outros muitos similhantes pretextos , que nós moverãõ a dilatar este Retiro para outro dia. Algumas vezes não nos sentiremos com devoçaõ , outras não estaremos de humor para ter este Retiro ; e qualquer outro tempo nos parecerá mais proprio para o ter , do que aquelle , que tinhamos destinado ; e tudo para nós pôr em huma especie de necessidade de não praticar este exercicio tão pio , e tão santo. Sobreviráõ tambem algumas vezes negocios , e nos parecerá que os não podemos dilatar para outro dia : mas para desvanecer todos estes vaõs pretextos basta huma pouca de generosidade , huma pouca de resoluçaõ , e boa vontade.

Este exercicio de piedade tão util , e tão necessario , accomoda-se facilmente com todos os estados , e com todas as occupaçoens , e empregos ; he sem differença proprio ás pessoas Seculares , e Religiosas ; aos que tem chegado a hu-

ma sublime perfeição, e aos que começam a vida espiritual, e áquelles, que tem necessidade de se converter. Não há remedio algum mais efficaz para curar principalmente aquelles, que vivem na tibieza; se este não obra algum effeito na sua alma, o seu mal he quasi incuravel.

Como as pessoas Ecclesiasticas, e Religiosas, são obrigadas a huma perfeição mais alta, que os mais Christãos, fica bem claro que este dia de Retiro lhes he mais necessario, que aos outros; além disto, he tambem muito mais facil a estes, achar no mez hum dia commodo para este exercicio.

Se houvesse algum entre estes, que pertendesse dispensar-se de huma pratica tão Christã, e tão santa, com o pretexto de suas occupaçoens, bastaria para os persuadir, lembrar-lhes o que Santo Agostinho escrevia ao Bispo Valerio: e que poderei eu responder para justificar-me diante do Senhor, quando apparecer diante do seu juizo? Atrever-me-hei a dizer-lhe que a multidão de minhas occupaçoens Ecclesiasticas me impediraõ retirar-me, para cuidar na minha perfeição? Mão servo, me dirá o Senhor, acharias meio para ausentar-te por muito tempo, se fosse necessario ir tratar huma causa contra hum injusto usurpador, e para conservar á tua Igreja alguma fazenda, que unicamente seria util a aliviar as oppressões temporaes dos pobres: e não pudeste achar tempo de ter algum retiro para te santificares, sabendo quanto a santidade te era necessaria não sómente para consolar, e assistir aos pobres nas suas enfermidades corporaes, mas tambem para trabalhar efficazmente na salvação de todos os homens? Que replicarei eu a isto? continúa este grande Santo: mas, que responderemos nós mesmos á reprehensão, que aquell

Senhor nos fizer algum dia, se formos agora tão indifferentes a respeito da nossa salvação, que não queiramos empregar oito, ou dez dias em hum retiro? Mas ainda muito mais, que teremos nós para responder, se não tivermos querido gastar hum só dia em o mez no retiro?

Não há razão para nos desculpar com certas occupaçoens annexas a estes dias. Deixão-vos a liberdade de escolher o dia, que vos for mais commodo: se os negocios vos perseguem ainda neste dia, fazei o que S. Eucherio aconselhava a Valeriano: rompei essa serie continua de negocios seculares para dar vossos primeiros, e maiores cuidados ao importante negocio da Eternidade; fazei delle não sómente o principal, mas o unico negocio; ponde nelle, ao menos neste dia de retiro, toda a vossa applicação, pois he este hum negocio, em que vai tudo:

Abrumpatur illa interminabilis secularium negotiorum catena. Primas apud nos curas, quæ primæ habentur, obtineant, summasque sibi sollicitudinis partes, salus, quæ summa est, vindicet, hæc nos occupet, jam non prima, sed sola. S. Euch. Episc. Lugd. in Epist. ad Valerianum.

C A P I T U L O III.

Com que disposição devemos estar para nos aproveitar deste dia de Retiro.

O Fructo, que esperamos tirar dos exercicios de piedade, depende muito dos motivos, que nelles nos propomos, das disposiçoens, que levamos, e do meio, que tomamos, para os fazer com perfeição.

Quanto aos motivos, parece que em huma pratica tão santa não podem ser, senão perfeitissimos.

os. Só o desejo sincero de reformar os nossos costumes, de regular a nossa vida, e de crescer em virtude, nos pôde persuadir a ter este Retiro; porque, como se faz sem estrondo, e sem esplendor, em que o amor próprio, e soberba não tem alguma parte, parece difficiloso que nos proponhamos outros motivos neste exercicio. Resta pois agora mostrarmos em primeiro lugar as disposições que devemos ter, e depois os meios, que devemos tomar para tirar fructo desta pratica de piedade.

He huma grande disposição para aproveitar-nos deste dia de Retiro, entrar nelle persuadidos do quanto este exercicio nos he necessario, e que esta pratica de piedade nos pôde ser de grande soccorro.

As outras disposições são quasi as mesmas, que as que devemos levar para ter utilmente o Retiro de oito dias: ellas se reduzem a estas cinco.

A primeira he hum desejo sincero de cuidar na propria salvação, e de examinar sinceramente sem nos lisonjear, e sem dissimular nada, que progresso fazemos no caminho da Perfeição; que fructo tiramos do uso dos Sacramentos; que victoria temos alcançado sobre nós mesmos; com que pontualidade cumprimos as obrigações do nosso estado; com que fervor trabalhamos em o negocio da nossa salvação; se estaremos ao presente em estado de apparecer diante de Deos para lhe dar conta de toda a nossa vida: em fim, se nos achamos ao presente taes, como quizeramos ter sido toda a nossa vida na hora da morte.

Mas todos estes conhecimentos, todas estas reflexões seriaõ muito inuteis, se este desejo de conhecer o que ha reprehensivel em a nossa vida, não fosse acompanhado de huma vontade efficaz de a reformar.

Não he esta huma daquellas praticas de devoção estereis , e infructuosas , que só servem ordinariamente de entreter as pessoas imperfeitas em seus defeitos. Aquelles , que não tem hum verdadeiro desejo de vir para Deos sinceramente , ou que se contentão com viver huma vida tibia , ou imperfeita , accommodar-se-hão pouco com esta pratica de piedade , e brevemente se enfartiarão della.

A segunda disposição he huma humilde desconfiança propria , sustentada por huma firme confiança em Deos , persuadidos que a obra da salvação he principalmente obra sua , e que sem elle o homem não vale nada ; mas que este mesmo Deos , que nos inspirou o desejo de ter todos os mezes este dia de retiro , não nos negará as graças necessarias para nos aproveitarmos d'elle.

Este desejo , que Deos nos inspira de nos aproveitarmos de hum meio tão proprio para a nossa conversão , he huma prova sensivel da sincera vontade , que este Senhor tem que nos convertamos. Ordinariamente se observa que aquelles , que morrem relaxados , nunca se servirão destes meios.

A terceira disposição he hum coração liberal para com Deos , prompto a dar-lhe tudo sem reserva , dizendo-lhe com a mesma generosidade , que S. Paulo : Que quereis que eu faça , ó meu Deos ? Ou com David : Meu coração está prompto , Senhor , meu coração está prompto para tudo. A falta desta disposição faz inuteis os mais santos exercicios.

Desde que tratamos de nos converter perfeitamente , queremos , e não queremos ; nós mesmos não sabemos bem o que queremos ; porque com effeito muitas vezes nenhuma cousa temos menos na vontade , que aquillo , que nos parece
que

que queremos. Somos perpetuamente escassos com Deos, conservamos sempre alguma cousa em nós, do que lhe temos promettido dar : e pomo-nos a deliberar sobre tudo, o que elle nos pede, e disputamos-lhe, para o dizer assim, cada passo, tememos entrar muito no seu serviço.

Ah Senhor ! Que tememos ! Tememos entregarnos inteiramente a vós : não porque deixemos de estar persuadidos que esta entrega nos seria utilissima, mas custa-nos tomar este caminho, porque bem prevenimos que, se alguma vez nós entregássemos a Deos totalmente, e sem rezerva; elle não deixaria de se communicar á alma de huma maneira bem sensível, e de nos fazer desfogtar de tal sorte das creaturas, que perderíamos toda a consolação, que nellas achamos; o que nós não queremos. Arrepender-nos-hiamos de ter rompido todas as ligaduras, que nos prendem ao mundo; contentamo-nos sómente de ter cortado por algumas : e exaqui verdadeiramente a causa de nossa pouca liberalidade no serviço de Deos : exaqui a causa do nosso temor.

A quarta disposição he huma exacta pontualidade em observar a ordem, que se prescreve para este Retiro, e applicarmo-nos perfeitamente a todos os exercicios deste dia, não despresando cousa alguma de tudo, o que pôde ajudar a fazelos bem, não tendo por cousa pequena tudo, o que se dirige a hum fim tão importante, como a Salvação; persuadindo-nos, (o que he certo) que desta grande exactidão nas menores cousas, depende o principal fructo desta pratica de piedade, ou porque esta fidelidade he huma prova sensível do desejo sincero, que temos de aproveitar-nos de hum meio tão effcaz; ou porque ella obriga, e empenha a Deos, para o dizer assim, a não recusar cousa alguma a huma alma, que

que, para lhe agradar, nada despreza.

A quinta disposiçãõ he hum perfeito socego da alma, e retirar o espirito de todo o buliço exterior; o recolhimento he como a alma de todos os Retiros espirituaes. Deve-se pois guardar hum grande silencio, e fugir, quanto for possível, de tudo, o que for capaz de nos distrahir, e dissipar.

Certamente no Retiro de oito, ou dez dias, o demonio pôde achar occasiãõ de causar fastio de hum taõ santo exercicio a huma alma tibia, e imperfeita, que acha o tempo mui longo, quando não trata, senãõ com Deos: apenas principia a ter o Retiro, logo se enfastia delle.

Que poucas consolaçoens interiores se achãõ na oraçãõ, quando se está nella quasi sempre distrahido? Quando huma pessoa não tem mais que meia vontade de se converter, quando tem o fervor apagado; as mais santas praticas de devoçãõ, os exercicios os mais religiosos de piedade enfastiãõ summamente, e não se podem aturar; oito dias de retiro parecem hum seculo a quem está com estas más disposiçoens; contaõ-se cuidadosamente todos os dias, pelo grande desejo, que ha de ver o seu fim.

Mas no Retiro, de que aqui tratamos, não ha o mesmo perigo; trata-se sómente de hum dia de recolhimento; e de hum dia, que pôde servir-nos tanto, ou talvez mais, do que hum dilatado retiro: e assim não devemos deixar passar alguma cousa, que possa ajudar a empregar bem hum tempo taõ precioso.

Na verdade he bem pouco hum só dia em cada mez; demos ao menos este pouco tempo com hum bom, e generoso coraçãõ, e com boa vontade. Appliquemo-nos a fazer taõ perfeitamente todos os exercicios espirituaes deste dia, que
 não

naõ tenhamos cousa alguma , em que nos reprehender neste ponto. Hum dia passa-se bem de pressa ; tenhamos ao menos a consolaçaõ de ter feito todo o possivel para o passar bem.

CAPITULO IV.

De que modo se deve passar este dia de Retiro.

Como o dia deste Retiro naõ he determinado , cada hum deve escolher em o mez o dia, que prevê estarã mais livre , menos distrahido , e menos occupado.

Aquelles , que por seus empregos , pelas obrigaçoens do seu estado , ou por outros negocios estaõ occupados em os dias de trabalho , devem escolher hum dia de festa ; e as pessoas Religiosas devem escolher aquelle dia , em que puderem mais devagar , e com mais socego applicar-se a este santo exercicio de piedade.

Seria bem acertado que cada hum tivesse na vespera deste dia meia hora de Meditaçaõ , para se dispor a este Retiro : ao menos deve-se ler attentamente a Meditaçaõ , que se poem neste livro destinada para este fim. Os que tem commo-didade de visitar o Santissimo Sacramento , o devem fazer na vespera com intençaõ de se dispor para este santo exercicio.

O dia de retiro deve-se passar em silencio , quanto o estado de cada hum permittir , e sempre em hum grande recolhimento interior , e em hum perfeito retiro de coraçãõ ; isto porẽm naõ obriga as pessoas , que vivem nas Communidades Religiosas a se dispensarem das recreaçoens ordinarias auctorizadas pelas Regras , e muito menos das outras obrigaçoens do seu estado.

Far-se-haõ neste dia tres Meditaçoens destinadas

nadas para cada mez , huma meia hora de confissão sobre as verdades praticadas ; a lição de alguma das reflexoens Christãs , que mais convier á pessoa , que tem o Retiro , ao menos alguma , das que se assignaõ para cada mez neste livro.

Tambem será acertado fazer huma confissão mais bem feita , do que se faz ordinariamente ; com a qual busquemos , quanto nos for possível , reparar os defeitos das confissoens passadas , excitando-nos principalmente a huma Contrição verdadeira , em que todos , e principalmente os que vivem com mais regularidade , faltaõ mui frequentemente.

Deve-se assistir á Missa , e commungar neste dia com tanta devoção , se he possível , como se esta communhaõ houvesse de ser a ultima de nossa vida ; e com este pensamento se devem fazer todos os exercicios de piedade neste dia.

Os Sacerdotes devem examinar principalmente se vivem de hum modo correspondente á sublime santidade do seu caracter , e se dizem a sua Missa como pessoas verdadeiramente penetradas do que a Religião Christã , que professãõ , os obriga a crer. Devem applicar-se a offerecer neste dia este adoravel Sacrificio com tanta reverencia , e piedade , que seja esta Missa , para o dizer assim , huma reparação das faltas , que se commetteraõ em as outras todas , e como hum modello , das que se haõ de dizer para o diante , não desprezando cousa alguma , que possa servir para tirar dellas mais fructo para o futuro , do que o que se tem tirado até este tempo.

Como nenhuma cousa he tão necessaria como o recolhimento , deve-se evitar com cuidado tudo , o que póde distrahir. Não ha perigo de que alguem se enfatie deste exercicio ; hum dia taõ

bem

bem cheio, como este he, passa-se bem de pressa; isto não he mais, que hum dia de retiro; não he justo, e ninguem deve deixar de pôr toda a diligencia para o passar verdadeiramente em a solidão. Ou se esteja só, ou se esteja na Igreja, em toda a parte se deve estar mui recolhido, e retirado.

Como a pratica deste exercicio he utilissima a todas as pessoas, e são mais em numero as que não sabem meditar, do que as que tem uso disso; pareceo racionavel que nas Meditações, que aqui propomos para este exercicio, attendessemos mais para a commodidade do maior numero: para isto se fizeram as Meditações muito compridas, para que estas pessoas achem em que se occupem utilmente pelo espaço de huma hora, e possam verdadeiramente meditar, e tirar da Meditação todo o fructo necessario, ainda que não fação mais que ler attentamente.

As pessoas, que já estão acostumadas a meditar, tomarão destas Meditações somente o que julgarem lhes he necessario. Duas, ou tres reflexões podem dar materia a algumas pessoas para meditar por espaço de huma hora; o que restar póde servir-lhes de lição espiritual em outro tempo.

Devem com tudo estes guardar-se de cahir em o defeito, em que ordinariamente costumão cahir os que meditaõ as verdades da Religião; e he, que tanto que ao principio se sentem persuadidos dellas, contentaõ-se logo, e apegaõ-se unicamente a esta mesma persuasão sem irem mais adiante. Não basta crer estas grandes verdades, he necessario passar da especulação á pratica, e fazer que as Meditações sirvaõ á reforma dos nossos costumes: assim não nos devemos contentar somente com ler; e estar persuadi-

ditos da verdade, que lemos; mas he necessario considerar seriamente, e com animo socegado, o que se medita, applica-lo a nós, tirar todas as reflexoens, que todo o homem prudente, e de bom juizo, he capaz de fazer, as quaes nós mesmos não deixaremos de fazer na hora da morte, quando já não estivermos em estado de nos aproveitarmos dellas.

Exaqui o modo, pelo qual se podem fazer as Meditaçoens. Se ledes, lede attentamente, e demorai-vos muito tempo em tudo, o que vos mover mais. Perguntai a vós mesmos, se o que meditais, se o que ledes, he verdade, se tendes vivido até o presente conforme o que acabais de ler, que fructo haveis de tirar daqui por diante deste maior, e dobrado conhecimento, que agora tendes, e o que deveis esperar, se esta Meditação for como as outras, de que não haveis tirado fructo algum.

Não vos canceis em querer ler tudo; se huma só reflexão vos occupasse toda a hora, com tanto que fosse com fructo, terieis feito bem a vossa meditação; e o que della vos restar, poderia servir de lição espiritual.

Tambem he muito conveniente, e ainda necessario, tomar hum pouco de tempo para considerar com socego a vossa vida, e assim se deve tambem fazer isto com cuidado. A materia para esta consideração deve ser huma verdade toda practica: humas vezes será o frequente uso dos Sacramentos; outras as obrigaçoens do proprio estado, e algumas vezes tambem as obrigaçoens da vida civil. Os exercicios de piedade os mais ordinarios, as obrigaçoens particulares do proprio emprego, as Regras do Estado Religioso para as pessoas Religiosas; e outras semelhantes materias, que servem todas de fazer a nossa vi-
da

za mais regular, e fazer-nos mais exemplares, e mais perfeitos: cada hum deve escolher o que julgar lhe he mais conveniente a respeito das disposiçoens interiores, dos seus defeitos mais ordinarios, a todas as suas neçessidades espirituaes.

He necessario que advirtamos aqui como ponto de muita importancia, que naõ nos devemos contentar sómente com ter exercicios espirituaes, e fazer projectos excellentes de conversão, e humas affectuosas resoluçoens de reformar a vida: estas resoluçoens por mui sinceras, que pareçaõ, haõ de ser certamente inuteis, se naõ tomarmos logo os meios seguros, e efficazes de pôr em pratica o que nos tivermos proposto, e se naõ descermos a examinar com toda a miudeza o que devemos obrar, ou evitar para viver santamente no nosso estado.

Tambem he bem util que os Religiosos leiaõ as suas Regras huma vez no dia. Aconselhamos tambem ás pessoas virtuosas, que tornem a ler os seus bons affectos, e propositos, e tudo o que tiverem escripto nos seus retiros antecedentes; porque acharão nesta liçaõ de que se confundir, e de que se animar. Naõ he bom cansar o espirito com ler muito; vale mais ler pouco com fructo, do que muito inutilmente. Cada hum deve escolher aquella liçaõ, que lhe for mais propria. Naõ nos devemos contentar com ter lido, para podermos dizer que tivemos liçaõ espiritual; mas havemos de ter liçaõ espiritual com o desígnio de nos aproveitarmos do que lemos.

Já dissemos que as pessoas Religiosas naõ devem dispensar-se dos exercicios da Communidade, nem ainda da recreaçãõ ordinaria; porque como com as reflexoens, que já tem feito neste dia, poderãõ conhecer os defeitos, em que costumãõ cahir nelas, devem estar bem advertidas pa-

ra a sua emenda, e deixar ver pela reforma dos costumes, e de tudo o que havia de reprehensivel, e menos regular na sua vida, o fructo do seu retiro: devem portar-se em todas as occasiões como pessoas, que estão já convertidas, ou reformadas. Deve haver grande cuidado neste tempo, mais que em outro qualquer, de levantar frequentemente o coração a Deos para evitar que o espirito se dissipe; o que communmente nos costuma causar o trato, e familiaridade exterior com os homens.

Dirigindo-se principalmente este Retiro para hum preparo para a morte, julgamos acertado fazer a terceira Meditação de cada mez sobre a morte: na verdade, não he muito, cuidar sériamente hum dia cada mez em huma verdade de tão grande consequencia, como he a morte; pois nenhuma cousa nos importa tanto, e he tão necessaria, como o morrer bem.

O principal fructo, que se pertende deste exercicio, he a emenda de todas as desordens da nossa vida: hum mais vivo desejo da Perfeição, a victoria das paixões, que nos dominaõ; hum amor mais ardente para com Jesu Christo em o Santissimo Sacramento; e em summa, huma pontualidade maior em cumprir com todas as nossas obrigações: para o que ao principio deste Retiro deve cada hum prever, e como determinar o fructo particular, que pertende tirar delle: e como este Retiro he huma preparação para a morte, deve procurar sahir sempre delle naquelle estado, em que quizera achar-se na ultima hora, não desprezando cousa alguma, que possa servir para conservar-se dahi por diante neste feliz estado.

As resoluções geraes ordinariamente não são proveitosas. Hum meio excellente para aproveitar

veitar , he determinar em cada retiro emendar hum defeito particular , e praticar huma virtude. Este defeito , ou esta virtude poderã ser a materia do exame particular até o retiro do seguinte mez.

Para conservar o fructo deste dia de retiro, depois de ter louvado a Deos pelas graças , que delle temos recebido , devemos apresentar a nosso Senhor todas as boas resoluçoens , que temos feito ; as quaes se devem renovar entã ainda com mais sinceridade , pedindo á Virgem Nossa Senhora , que queira ser nossa medianeira , e nossa fiadora diante de seu amado Filho , e que nos alcance delle a graça de lhe ser fieis.

Naõ devemos com tudo ficar-nos de tal sorte nas boas disposiçoens , em que nos achamos , que naõ fiquemos ainda com maior desconfiança da nossa propria fraqueza. Nenhuma cousa ha mais para temer , que huma segurança demasiada. Em fim he muito necessario que ao principio nos armemos contra os assaltos do amor proprio , e das paixoens , principalmente aquelles primeiros trez, ou quatro dias ; os quaes passados , custará pouco fermos fieis. Os primeiros passos saõ os mais difficultosos ; hum meio muito efficaz para huma pessoa se conservar em o fervor , he declarar-se logo pela virtude , e naõ ter vergonha de parecer reformado nos costumes : nenhuma cousa ha mais pernicioza aos que começaõ a vida espiritual , que os respeitos humanos.

MEDITAÇÃO

Para a vespera do dia, em que se ha de ter o Retiro.

A Materia desta Meditação he tirada da parabola, que refere S. Lucas no capitulo 13. do seu Evangelho, onde se diz, que hum Pay de Familias hindo buscar o fructo de huma figueira, que tinha plantada na sua vinha; e não o achando, disse para o que a cultivava: Bem vedes que ha tres annos, que venho buscar fructo a esta figueira, e nunca o acho; cortai-a pois logo; para que ha de estar occupando este lugar inutilmente, e sem proveito? Responde-lhe o cultivador: *Senhor, deixai-a estar este anno; eu a cultivarei com mais cuidado; e se os meus cuidados, e toda a minha diligencia em a fazer produzir forem sempre inuteis, e sem fructo, então a cortareis.*

He bem facil comprehender o que nosso Senhor Jesu Christo nos quer ensinar por esta parabola: he necessario applicar-nos a penetrar bem o seu verdadeiro sentido, fazer a sua applicação, e considerar que de nós mesmos falla esta parabola, e em nós mesmos se verifica.

I. P O N T O.

Considerai tudo o que Deos tem obrado para o bem de nossa salvação: o cuidado, com que elle tem cultivado até o presente a nossa alma, para nos fazer produzir fructos de vida eterna copiosos, e abundantes: a bondade, com que nos proveo de innumeraveis, e efficazes meios para nos santificar. Esta,

Estavamos neste mundo não sómente como huma arvore esteril, e infructuosa, mas tambem como huma planta secca, e corrompida pelo peccado original. Deos por huma misericordia singular, e bondade infinita, nos transplantou, para o dizer assim, preferindo-nos a outros innumeraveis, ao fertil, e abundante campo da sua Igreja, e depois ao da Religião (se com huma providencia ainda mais admiravel, e singular, nos fez a graça de abraçarmos este estado.)

E por ventura comprehendemos nós ainda bem as grandes vantajens, e abundantes lucros, que recebemos com termos sido transplantados a huma terra tão santa, cultivada com trabalhos, e regada com suores, e com o mesmo sangue de hum homem Deos? Esta he aquella mesma terra, que tem produzido tantos Heroes illustres do Christianismo, cujas vidas nos encham de admiração, e ainda hoje está produzindo tão grandes Santos de toda a idade, de todo o sexo, e de todos os estados. Estas grandes, e generosas almas produzirão, e produzem ainda hoje fructos dignos de vida eterna com a mesma cultura, isto he, com os mesmos soccorros da Graça, que nós temos.

Aquelles grandes Santos não tiveram outro Evangelho, nem outros Sacramentos; as graças em todo o tempo foram abundantes: sómente tiveram mais que nós o cuidado de viverem conforme ás maximas, que naquella mesmo Evangelho ensinou, e praticou N. Senhor Jesu Christo, e o cuidado de se aproveitarem do frequente uso dos Sacramentos, e de corresponder às graças, que elles nos alcançam. Temos nós por ventura a felicidade de estar no doce estado da Religião? Olhemos, e consideremos esses Santos, cujos lugares occupamos, cujos exemplos deve-

mo

mos imitar, estes excellentes modelos da Perfeição : elles tiveram as mesmas regras, que nós ; só nos excederam em terem mais fidelidade na observancia destas mesmas regras ; e só com a sua fiel , e exacta observancia he que se fizeram santos. Ainda nós temos mais, do que elles, huma vantagem, que elles não tinham ; que he o socorro, e o estímulo dos seus bons exemplos ; elles passaram por este apertado caminho do Evangelho primeiro, que nós ; estão-nos continuamente ensinando quam seguramente caminhamos, se seguimos as suas pisadas : confessamos que foram sabios, e que são felizes por terem vivido como viverão ; e somos por ventura nós sabios, e podemos prudente, e racionalmente esperar ser felizes vivendo, como vivemos, huma vida frouxa, tibia, e relaxada ?

Ajuntemos a todos estes beneficios geraes todos os socorros, e beneficios particulares. Lembremo-nos, e juntamente consideremos os cuidados, que Deos sempre tomou de nós, para nos fazer produzir muitos fructos de virtudes Christãs. Que providencia mais amavel desde o berço ? Que serie mais dilatada, e nunca interrompida, de graças, de auxilios, e de meios poderosissimos em toda a nossa vida ? Quantos bons pensamentos, quantos excellentes movimentos no interior da nossa alma, depois que temos uso de razão ? Poderião nunca contar-se todas as graças, que Deos nos tem feito, depois que estamos no mundo ? Quantas vezes nos tem sustentado com o pão dos Anjos, que he a sua propria Carne, e o seu precioso Sangue ? Quantas vezes o temos nós ouvido em o interior da nossa alma ? Quantas luzes sobrenaturaes ? Quantas vezes nos tem chamado para o seu serviço com huma ternura, e amor inexplicavel ? Quantas graças em os Re-

tiros

tiros espirituaes, nas Communhoens, nas enfermidades, com a nova de huma morte, com a vista de hum successo extraordinario? Quantos bons exemplos, e santas inspiraçoens, e outros innumeraveis favores singulares, com que Deos nos tem enriquecido?

Não era necessario tanto para se fazer hum grande Santo: ha muitos Santos no Ceo, que não tiverão todos estes soccorros para a salvaçãõ, e com tudo produzirão fructos admiraveis de virtudes, multiplicarão os seus talentos, fizeram a sua vida fertil, e abundante de boas obras: nem o falso lustre, e esplendor das grandezas humanas, nem o pestifero contagio dos máos exemplos, nem cousa alguma deste mundo lhes pôde abrandar a sua constancia: trabalhãõ continua, e efficaçmente na sua salvaçãõ, correspondendo á Graça; e agora, cheios de merecimentos, gozãõ diante de Deos, bondade summa, e infinita, de huma felicidade eterna, como justa recompensa da sua fidelidade.

Consideremos agora seriamente, e sem nos lizonjear, se, tendo nós recebido os mesmos auxilios da Graça, as mesmas vantajens, e meios, que elles, temos vivido huma vida tão cheia de fructos, e de boas obras; e se o sangue de Jesu Christo, com o qual a terra de nosso coração tem sido regada, tem produzido em nós a mesma fertilidade, e abundancia.

II. P O N T O.

Considerai que pelos fructos, que Deos pede de nós, não se entendem certas praticas de devoçãõ estereis, nem huns certos exteriores, e apparencias de virtude, que só servem ordinariamente de lizonjear, e enganar as pessoas imperfeitas,

feitas, e enterte-las, e conserva-las em huma vida tibia, e frouxa; na qual com o disfarce, e com a lizonja destas imaginadas boas obras, vivem toda a sua vida com imperfeições grosseiras, sem se corrigirem de hum só defeito. As virtudes apparentes destes imperfeitos, e tibios, são pela maior parte como as formosas folhas das arvores, isto he, excellentes exteriores, que enganaõ aos olhos dos homens, e muito mais a quem os possui; fazendo-lhes tomar por virtude o que não he mais, que effeito de huma paixã encoberta, e dissimulada, de respeito humano, ou pela maior parte do natural, e da educação.

Pelos fructos, que S. Joã chamava fructos dignos de penitencia, e S. Paulo chama fructos do Espirito Santo, entendemos aquelles effeitos necessarios, que são consequencia certa de hum amor verdadeiro, e sincero para com Deos, e de huma perfeita caridade para com o proximo. Entendemos os fructos, que produz huma solida piedade, que vem a ser, hum summo horror aos menores peccados, huma fome insaciavel de justiça, huma mortificação generosa, e constante, huma profunda humildade, e huma grande, e exactissima pontualidade em cumprir todas as obrigações do proprio estado: além disto, hum verdadeiro, e sincero horror a tudo, o que Jesu Christo aborrece; e hum apreço singular de tudo o que Jesu Christo ama; a victoria das proprias paixões, a reformação dos costumes, em fim huma vida perfeitamente Christã. Exaqui qual he o verdadeiro sentido destas palavras: *Facite ergo fructus dignos pœnitentiæ.* Produzi na vossa alma fructos dignos de penitencia; que he o mesmo que dizer: Mostrai pelas vossas boas obras, e pela vossa vida regulada, que estais verdadeiramente convertidos.

Con:

Consideremos agora dentro de nós mesmos ; se temos produzido atéqui muitos destes fructos. Já temos visto bem com que cuidado tão amavel , e tão singular , nós tem Deos cultivado , e cheio de graças. Há mais de tres annos , e talvez mais de dez , que trabalha em fazer-nos ferteis ; é abundantes de boas , e santas obras ; muito menos graças poderiaõ ter já feito grandes Santos , e com tudo todas estas não tem talvez ainda feito hum Religioso mediocre , nem ainda hum verdadeiro , e perfeito Christão. Certamente não he isto vicio da terra , em que eu estou ; pois ella he santa , e produz cento por hum : e quantas pessoas acharei eu entre essas mesmas ; com quem vivo , que com muito menos soccorros , e graças produzem muitos mais fructos em abundancia ? Que vantajens ; e proveito espirital tenho tirado de tantas Missas , e de tantas confissoens , e de hum tão grande numero de communhoens ? Huma só he capaz de converter o maior peccador , e de elevar huma alma a huma perfeição sublime. Ah Senhor ! eu tenho talvez commungado mais de duzentas vezes , e não estou ainda corregido , nem emendado de hum só defeito. Depois de tantos retiros , em que tenho feito as mesmas reflexoens, que faço agora ; depois de tantas oraçoens , bons exemplos , e praticas de piedade , tenho-me por ventura feito eu mais humilde , mais observante , mais mortificado , mais exacto ? Tenho-me feito com todas estas cousas mais Religioso , e mais Christão ? Sou eu mais generoso para comvosco , ó meu Deos , e mais fiel nas occasioens ? Estou menos sensivel , e menos apegado aos respeitoos humanos ? Amo por ventura mais a Jesu Christo ?

Que he feito de tão excellentes movimentos , e affectos , que tive em algum tempo para a virtude

tude? Eu tinha feito excellentes projectos de converter me; eu estava taõ desapegado, e taõ defenganado, e aborrecido das vaidades do mundo: Que he feito daquella piedade terna, que eu sentia no meu interior? Onde está aquelle fervor dos primeiros annos de minha conversação? Eu gostava de tudo, o que era Deos; o menor peccado me fazia horror; eu estava sensivelmente movido, e penetrado das terriveis verdades do Christianismo; agora nada me move: e por ventura estas mesmas verdades saõ hoje menos terriveis? He já o peccado menor mal? Este Deos, que nos enche todos os dias de novos beneficios, he por ventura menos amavel? Merece agora menos ser bem servido? Onde está aquella paz, aquella consolação interior, que eu sentia em meus exercicios de piedade? Que effeito tem produzido tantos bons propositos? Onde está o fructo de minhas promessas? Ah! talvez que me naõ reste de tudo isto, senaõ huma triste lembrança, que só serve de me fazer ver bem claramente quanto estou apartado daquelle estado, em que devia estar, e que terrivel he a conta, que tenho de dar a Deos, de tantas graças, que tenho feito inuteis, e de tanto tempo, que tenho perdido.

A' medida dos grandes beneficios, que tenho recebido de Deos, me tenho feito mais ingrato para com elle mesmo: e quem olhar, e vir a tibieza, em que vivo, dirá certamente, que os cuidados, que Deos tem tomado em me cultivar, e fazer fertil, só tem servido de me fazer cada dia mais esteril de boas obras.

Mas o que nos deve fazer chorar ainda mais, he, que depois de ter andado no caminho da perfeição dez, ou vinte annos, talvez teremos motivos de ter saudades da piedade, e do fervor dos

Nos nossos primeiros annos, e de julgar-nos felizes, se nos achassemos agora tão adiantados em o caminho da perfeição, como o estavamos naquelle tempo, em que só faziamos principiar a nossa carreira. Mas em fim o tempo passa, os annos correm, e o Pay de Familias cãçado, e já como enfadado de ver frustrados todos os cuidados, que tem tido em cultivar huma arvore cada vez mais esteril, está resolutó á corta-la, e lança-la no fogo.

III. P O N T O.

Considerai o perigo, a que nos expomos vivendo huma vida esteril de boas obras; e quanto he para temer attrahir por este meio sobre nós os castigos de hum Deos justamente irritado, e aquella terrivel sentença de reprovação, fulminada contra a arvore infructuosa.

Há muitos annos que Jesu Christo nos vem visitar, para ver se acha em nós algum fructo. Tem-se sempre achado enganado nas suas esperanças, achando só folhas, ou fructos semelhantes aos de Gomorra, os quaes debaixo de huma excellente, e formosa apparencia, não escondião mais que podridão, e cinzas. Qual será pois a nossa sorte? em que devemos pôr as nossas esperanças? Não temos bastante causa para applicar a nós as mesmas reprehensões, que Deos faz pelo seu Profeta? *Quid est quod debui ultra facere vinee mee, & non feci?* Que devia eu, diz o Senhor, fazer á minha vinha, que o não tenha feito? Depois de tantos cuidados, que tenho posto em cultiva-la, não tinha razaõ de esperar della bons, e copiosos fructos? Mas na verdade só tem produzido alguns fructos silvestres, e máos, que não servem de cousa alguma: *Nunc ergo habitato-*

*res Jerusalem, & viri Juda, judicate inter me;
& vineam meam.*

Julgai vós mesmos agora, homens ingratos, se tenho razão de me queixar de vós. Não há bem alguém, que eu vos não tenha feito; e que fructo haveis tirado de todos estes bens? Eu tenho obrado por vosso respeito mais, do que podíeis esperar, mais, de alguma maneira, do que podíeis crer, mais do que vos atreveríeis a desejar. Conheceis muito bem, e confessais todos os meus beneficios: mas por ventura tendes-me mais amor por esta causa? Servis-me com maior, e mais generosa fidelidade? Ora olhemos para dentro de nós mesmos, e vejamos se não tem Jesu Christo razão de nos fallar desta sorte. E que temos para responder a humas reprehensões tão solidas, e tão bem fundadas? Temamos ainda mais o justo castigo, com o qual o Senhor ameaça huma vinha tão esteril: *Et nunc ostendam vobis, quid ego faciam vinee mee*: E agora, diz o mesmo Senhor, eu vos mostrarei bem claramente o que hei de fazer á minha vinha: *Auferam sepem ejus, & erit in direptionem*: Arrancar-lhe-hei a seve, com que a tinha rodeado, e a deixarei como alvo, e preza a todos os passageiros, sem muros, sem fôssos, e sem seve; ella será pizada, e calcada pelos caminhantes, e far-se-há hum caminho publico; ninguem a cultivará já mais, crescerão nella filvas agrestes, e espinhos; e por cume de todas as desgraças, eu mandarei ás nuvens, que não chovaõ mais sobre huma terra tão ingrata, sobre huma vinha, que só produz fructos máos, e inuteis.

He bem facil, e bem clara a intelligencia, e significação de todas estas expressões: applico-las a nós. Os meios mais poderosos para nos santificar nos foraõ atéqui inuteis: as mais for-

Fortes, e abundantes graças não tem em nós algum effeito; só temos produzido até o presente folhas, ou fructos corrompidos, e viciados: pois Deos nos privará destes grandes foccorros, que nós fazemos inuteis, e destas singulares graças, de que nós abusamos. Tira a feve, isto he, deixa-nos perder o recolhimento interior, permite que se enfraqueça em nós aquelle saudavel temor dos Juizos de Deos; e exahi a alma se dissipa igualmente, e sem differença sobre todos os objectos creados, e se faz como alvo, e preza de todas as suas paixoens. Mil cuidados mundanos, alheios, e inquietos do seculo, occuparáo todo o espirito; ouvirá a voz de Deos, como de muito longe, em o fundo do seu interior; os saudaveis, e prudentes avizos do Director sabio, e douto já não farão quasi impressão alguma em o seu espirito; encher-se-há a alma de fastio, e aborrecimento para o exercicio mais doce, e suave da virtude; o suave jugo do Senhor se fará muito pezado, e insupportavel; a fonte, donde manaõ todas as graças, parecerá esgotada, e secca: em que virá a parar huma alma em tão lamentavel estado? Pois isto he o que devem esperar todas aquellas almas estereis, que não cuidão em produzir fructos de boas, e solidas virtudes.

Não temos nós razão de temer que nos tenhamos feito semelhantes ao sarmento infructuoso, que, depois de o separarem da vide, se secca, e não serve para outra cousa mais, que para o lançarem no fogo? Ordinariamente nos lizonjeamos com que não vivemos nas maiores desordens; mas lembremo-nos que aquelle mão servo do Evangelho não foi condemnado por ter perdido o talento, que lhe tinha entregue o seu Senhor; mas por não o ter aproveitado bem; e

o Pay de familias não deixa perder a sua vinha sómente por não lhe produzir fructos , mas por não lhos produzir bons.

Nós imaginamos que Deos ainda espera mais tempo ; e póde ser que elle já tenha applicado o machado á arvore : *Jam enim securis ad radicem arborum posita est* ; talvez seja este o ultimo convite da Graça ; talvez seja este o ultimo Retiro , a ultima vez que Deos nos chama , e insta para a sua graça , e nos dá hum meio tão proprio para sahir deste estado esteril , secco , e infructuoso de boas , e santas obras.

Há tanto tempo que Deos nos espera , e solicita ; tem vindo tantas vezes , mas sempre inutilmente , buscar fructos a huma arvore , que elle não tem cessado de cultivar com tanto cuidado , e disvello : agora , justamente indignado de huma tão longa esterilidade , está quasi pronunciando contra vós a mesma sentença , que o Pay de Familias pronunçiou contra aquella figueira esteril : *Succide ergo illam : ut quid terram occupat ?* Corte-se logo esta arvore má , lance-se no fogo : de que serve consentir por mais tempo que ella occupe o lugar de outra , que produzirá bons fructos ?

Por causa de huma sentença tão terrivel , he que tem acabado mal tantas pessoas , que tinhão principiado bem , mas não foraõ fieis á Graça ; e outras , que tinhão sido bem chamadas de Deos , não tiveraõ o dom da perseverança ; e deixáraõ juntamente com o seu lugar a sua coroa a outras , que se souberaõ aproveitar da sua desgraça.

Por ventura não temos razaõ de temer huma desgraça semelhante , depois de tudo o que Deos tem obrado até o presente para nos fazer sahir do estado da tibieza , para nos fazer mudar de vida , e para nos fazer produzir muitos fructos

frutos de virtudes solidas, e Christãs? Há hum mez, há hum anno, que eu fazia as mesmas reflexoens, que acabo agora de fazer, porém foraõ-me todas inuteis, e sem proveito; e seraõ estas agora mais efficazes? Deos ainda me dá este dia de Retiro para me converter; mas se eu faço com que a sua esperança saia ainda frustrada, devo eu crer, que elle ainda me esperará mais tempo?

Com que ancia tem desejado o Senhor a nossa perfeita conversão? Que cuidados? Que zelo tem tido atéqui para nos fazer servos mais uteis? Temos nós correspondido aos seus cuidados? Ainda essas poucas boas obras, que temos feito, não tem sido corrompidas com máos motivos, e más intençoens? Estamos por ventura muito ricos de virtudes, e merecimentos? E se nós houvessemos de apparecer diante de Deos dentro de poucas horas, ou de poucos dias, não achariamos nada, em que nos reprehender? Estaríamos em estado de lhe dar conta da nossa vida? Teríamos razãõ para estar contentes?

Ah Senhor! não entreis em Juizo com o vosso servo; porque ninguem há sobre a terra justificado nos vossos olhos: *Non intres in iudicium cum servo tuo; quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.*

Eu estou plenamente convencido, que tenho sido até o presente huma arvore não sómente esteril, e infructuosa, mas tambem viciada, e corrompida; que tenho occupado inutilmente o lugar em hum campo fertilissimo, e por consequente só sirvo para ser lançado em o fogo; mas Senhor, tende paciencia: *Patientiam habe in me;* não por hum anno, mas por hum dia só: eu espero com os soccorros da vossa graça de me aproveitar tão bem deste dia, que não fiquem

os vossos cuidados para comigo já inuteis, mas antes mui proveitosos.

Eu tambem me atrevo a persuadir-me firmemente, que se vós não estivesseis em estado de dilatar, ou ao menos de suspender o castigo, que eu justamente tenho merecido pela minha pouca fidelidade á Graça, e pelo máo uso, que tenho feito atéqui de tantos soccorros, e beneficios recebidos da vossa liberal mão, não me daries agora nem o pensamento, nem vontade, nem tempo, e meio de ter este dia de Retiro. Póde ser que não me reste mais, do que este dia: e talvez que se eu me não aproveito d'elle, estejais já prompto a pronunciar contra mim aquella terrivel sentença, e resolução deciziva da minha salvaçaõ eterna. Eu tenho bastantes motivos para a temer: mas cheio de confiança nas vossas misericordias, eu confio firmemente em o soccorro poderosissimo da vossa Graça, e sobre a effi az protecçaõ da Virgem Maria, na do meu Anjo da guarda, e de tantos Santos, que vos tem pedido por mim, e ainda pedem ao menos neste dia: eu estou resolute com o auxilio da vossa Graça de me aproveitar tambem d'elle, que, quando este houvesse de ser o ultimo da minha vida, eu ao menos teria a consolaçaõ de poder appresentar-vos o fructo deste ultimo dia: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi* (Math. 28.) Dai-me tempo, e eu vos pagarei tudo: *Domine Deus occurre, obsecro, mihi hodie, & fac misericordiam.* (Gen. 4.) Meu Senhor, e meu Deos, eu vos peço que me assistais neste dia; e fazei que seja para mim hum dia este de misericordia: *Domine Deus ostende hodie quia tu es Deus Israel, & ego servus tuus, & juxta preceptum tuum feci omnia verba hec.* (3. Reg. 18.) Meu Senhor, e meu Deos, fazei ver
neste

neste dia que vós sois o meu unico, e bom Senhor; e que eu começo a ser vosso servo fiel; e dai-me graça para fazer efficazes todas as resoluçoens, que tenho feito.

MEDITAÇOENS

Para o dia de Retiro do Mez
de Janeiro.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Do fim do homem.

I. PONTO.

O homem foi creado para servir a Deos.

Considérai que não estamos neste mundo por acaso: Deos quando nos creou, e tirou do nosso nada, propoz-se hum fim, e este foi a sua gloria, creando-nos unicamente para o conhecer, para o amar, e para o servir. Nós glorificamos a Deos, conhecendo-o, mostramos-lhe o nosso amor, quando o servimos, e o servimos, guardando os seus preceitos.

Este he o fim, para que Deos nos creou. Podia deixar de nos crear, mas não podia crear-nos para outro fim. A desordem dos nossos costumes bem pôde fazer-nos esquecer da nossa obrigação, mas nunca poderá mudar o nosso ultimo fim. Por mais dissolutos que venhamos a ser, sempre será verdade, que não estamos no mundo,
para

para nelle amontoar grandes riquezas, adquirir honras, gozar de muitos prazeres, e ter huma grande fortuna; estamos no mundo unicamente para servir a Deos. Os Reys, os povos, os sabios, os ignorantes, os moços, os velhos, os ricos, e os pobres, todos foraõ creados para este unico fim. Aindaque os homens fejaõ de diferente condiçaõ, e haja entre elles subordinaçaõ, porque huns nascem senhores, outros subditos, com tudo, todos tem o mesmo fim, e todos convem, que unicamente foraõ creados para conhecer, amar, e servir a Deos.

Distrahidos nós com a multiplicidade de objectos, aturdidos com o rumulto do seculo, occupados em divertimentos vaõs, arrastados pela torrente do máo exemplo, podemos passar toda a nossa vida sem cuidar para que fim estamos no mundo: mas a indispensavel obrigaçaõ, que temos de caminhar continuamente ao nosso ultimo fim, e de fazer tudo por elle mesmo, nunca se mudará.

O fogo não foi feito com mais propriedade para queimar, nem o Sol para allumiar, do que o homem foi feito para amar, e servir a Deos. Este Senhor creou essa multidaõ quasi infinita de creaturas, com o fim de nos ajudar a chegar mais facilmente a elle; e assim não ha alguma, que tomada em si mesma, não nos dê próva de alguma razaõ para o conhecer, de algum motivo para o amar, e de algum meio para o servir.

Não nos he necessario mais, do que consultar sobre isto o nosso proprio coraçãõ. A paixãõ violenta, que todos temos naturalmente de ser felizes, e a impossibilidade absoluta, em que estamos, de o chegar a ser na terra, nos fazem conhecer bem sensível, e bem claramente, que o homem não foi feito para os objectos creados;

e assim, que lhe he indispensavelmente necessario elevar-se a Deos : e desde o instante , em que toma este partido , acha huma paz completa , e perfeita , que só poem termo a todos os seus desejos ; gosta entãõ huma doçura , que nunca achou em outra parte ; signal evidente de que Deos he o seu fim , e o centro do seu repouso : *Fecisti nos , Domine , ad te : inquietum est cor nostrum , donec requiescat in te.*

Naõ estamos pois no mundo , senãõ para servir a Deos. Este he o fim de todos os homens : mas proventura vivem todos como quem caminha para este fim ? esta he a unica cousa necessaria , de que nos falla o Filho de Deos no Evangelho ; mas respeita-se ella como tal ?

Que cuidados extraordinarios naõ tem o homem no mundo para chegar ao fim de seus designios ; para acertar a encher o seu emprego , para exercitar bem o serviço do Principe ? E porventura há os mesmos cuidados para o serviço de Deos ? Se consideramos bem o modo de viver da maior parte dos homens , naõ diremos que só estaõ no mundo para tudo o que naõ he Deos ? Quantas vezes a qualidade de servo de Deos cede a quaesquer honras mundanas ? Quantas vezes as maximas do mundo obrigaõ a obrar contra as obrigaçoens de Christãõ ? Todos tem seus designios , todos caminhaõ a seus fins. He pois necessario que estejamos bem pouco persuadidos que Deos he o nosso ultimo fim , pois que taõ pouco cazo fazemos de caminhar para elle , como para nosso summo bem , e fim ultimo.

Naõ há verdade em o Christianismo , que se aprenda mais cedo , que a do fim do homem ; e naõ há alguma , em que se cuide menos , e de que menos nos penetremos , quando nella consideramos. Estamos quasi acostumados desde o berço a ou-
vir

vir dizer, que o homem foi unicamente creado para servir a Deos; porém nada nos penetramos da significação destas palavras. Talvez não tenhamos penetrado nunca bem o seu sentido, e muito menos previsto as suas consequencias. Porque, se he verdade que eu não estou no mundo, senão para servir a Deos, não deve haver na minha vida huma só acção, que não seja referida a Deos; e não sei se haverá em toda ella huma só, que eu tenha feito unicamente por este Senhor.

Esta he a verdade fundamental da nossa Religião; e vivemos nós como quem crê nesta verdade tão importante? Esta he a maxima capital do Evangelho: todo elle se funda sobre este principio: esta he a baze, sobre que se estriba tudo: e se consultarmos os nossos costumes, nossos sentimentos, e nossa vida, diremos que Deos he o nosso ultimo fim? Cuida-se em tudo; e á vista do pouco, ou quasi nada, que em Deos se cuida, não diremos, que este Senhor he reputado por cousa nenhuma?

Acha-se tempo para tudo, excepto para amar, e servir a Deos. Riquezas, honras, prazeres, tudo nos encanta; só em Deos não achamos atractivos, que nos arrebatem; mas com tudo, onde se poderá achar verdadeiro, e solido prazer, senão unicamente neste Senhor? Fizeste-nos para vós, Senhor, dizia Santo Agostinho, e o nosso coração estará sempre agitado, e inquieto, até que descanse em vós.

Não o temos nós experimentado mil vezes a respeito daquellas cousas, que temos desejado mais apaixonadamente? Ficámos por ventura contentes quando as alcançámos? Muitas vezes basta gozar dellas para as desprezar, e sentirmos hum total desgosto, e fastio dellas. Buscamos que ellas nos offusquem o juizo, para as gozar com

menos temor. Aquelle mesmo desgosto, aquella inquietação interior, que nós sentimos quasi toda a vida, he huma voz occulta, que nos está dizendo, que não fomos feitos para as creaturas; que tudo sobre a terra he vaidade, dór, afflicção de espirito, e que fomos feitos só para Deos.

Não podemos, nem está na nossa mão escolher outro fim; aquelle, que nos deu o ser, há unido a este mesmo ser huma obrigação indispensavel de caminhar para elle. E se fosse da nossa escolha tomar a Deos, este bem infinito, por nosso ultimo fim, cuidaríamos em escolher outro? Ah! Deos mesmo poz nos na feliz necessidade de não podermos ter outro; e com tudo quasi nada se nos dá de caminhar a este nosso fim ultimo.

Homens ingratos, ainda não estais contentes, com que tenha cahido em vós a sorte de serdes destinados para hum fim tão nobre? *Usquequò claudicatis in duas partes? Si Dominus est Deus, sequimini eum.* (3. Reg. 18.) Para que vos quereis dividir entre Deos, e o mundo? Se Deos he o vosso unico Senhor, porque razão não o servis unicamente? Que espero eu, Senhor, para tomar este partido? Por ventura he porque tenho boa saude, sou ainda muito moço, temo servir-vos muito tempo, se começar neste instante a servir-vos? Eu, que não estou no mundo para outra cousa?

Ah! eu não gastei tempo para me deliberar, quando tratava de perder os mais bellos annos da minha vida em vãos passatempos no serviço do mundo; e agora estando convencido, e apartado das minhas primeiras dissoluções, ainda vos disputo o resto da minha vida, e duvido começar neste instante a amar-vos unicamente?

He cousa estranha, e bem para admirar, que me sejaõ necessarias tantas razoes, e reflectir

ctir tanto , para me determinar em hum ponto de taõ grande importancia , e de que estou plenamente convencido ; mas ainda he mais para admirar , que fazendo todas estas reflexoens , naõ me acabe de resolver.

Espero que reduzido á ultima extremidade ; me venhaõ dizer , que naõ tenho mais do que alguns dias de vida , para cuidar seriamente em converter-me ? Meu Deos ! de que me servirãõ nessa hora as reflexoens que agora faço ? Que tristes reflexoens naõ farei eu entãõ sobre a inutilidade, de as fazer naquelles ultimos momentos ?

Basta , Senhor : eu já naõ reparto o meu coração ; fizestes-me para vós ; eu tambem farei daqui por diante todo vosso : *Dixi : Nunc cœpi : hec mutatio dexterae Excelsi.*

He só á vossa misericordia que eu devo esta mudança. Eu começo tarde a servir-vos , esta he a verdade ; mas em fim , vós naõ rejeitastes os serviços daquelles , que vieraõ á undecima hora. Eu espero que com o soccorro da vossa graça o meu fervor , e a minha fidelidade , vos resarcirãõ em parte das minhas infidelidades passadas , e que em qualquer parte , e em qualquer tempo , que eu morra , terei ao meños a consolação de haver principiado : *Quid mihi est in cœlo , & à te quid volui super terram ?* Que he o que eu posso desejar no Ceo , ou na terra , que me possa contentar fóra de vos ? *Deus cordis mei , & pars mea , Deus in eternum.* Vós sois o Deos do meu coração ; e só a vós quero por minha herança.

II. P O N T O.

O homem foi creado para se salvar servindo a Deos.

Considérai que Deos, tendo-nos creado só para o servir, quiz por huma bondade singular, que não podéssimos servi-lo sem nos fazermos felizes eternamente. Elle mesmo quiz ser a nossa felicidade eterna, creando-nos para a sua glória: e como esta felicidade eterna nos he proposta como huma recompensa, toda a vida nos he concedida sómente para a merecer.

Para isto fez Deos leis, e préceitos; e aquelle instincto tão natural, que move todos os homens a desejar, e a buscar a sua felicidade, ainda no meio das maiores desordens, nos está continuamente advertindo, que não estamos na terra para outra cousa mais, que para trabalhar em ser eternamente felizes no Ceo. O remorso da consciencia, que quasi nunca se extingue, não nos diz claramente, assim que nos apartamos hum pouco do caminho direito da salvação, que nos pomos em perigo de nos perder? Aquelle temor saudavel do Inferno, e dos terriveis juizos do Senhor, que sentem ainda os mais atrevidos, e livres, não he huma voz bem forte, que continuamente nos diz, que só andamos no mundo para ganhar o Ceo?

Este he o maior, e o unico negocio de todo o mundo; este he o nosso fim ultimo. Ninguem está na terra para ter este emprego, ser elevado áquella dignidade, distinguir-se em algum estado, fazer-se douto em alguma arte, e grangear reputação pelo seu merecimento. E se estais elevado a alguma dignidade, Deos não vos deu esse emprego, nem essas excellentes qualidades, nem

a mesma prosperidade, ou merecimento entre os homens, senão como huns meios para vos ajudar a salvar, e chegar mais facilmente ao voffo fim ultimo.

Naõ somos pois creados para outra cousa mais, que para salvar-nos, isto he, para evitar hum inferno, e huma infelicidade eterna, e ganhar hum Paraizo, e huma felicidade eterna. Fomos creados para o Ceo, e estamos na terra como desterrados, ou, quando muito, como caminhantes, que se alegraõ todos os dias, vendo se chega o principio de sua alegria; e o termo do seu desterro.

Mas acafo vivemos deste modo sobre a terra? Acafo olhamos o Ceo como nossa Patria? Se consideramos o nosso modo de viver, poderemos dizer com verdade, que temos a salvaçaõ como nosso fim ultimo? Todos sabem muito bem tomar os meios necessarios para chegar a seus fins; só a respeito da salvaçaõ há taõ poucos, que tomem os meios necessarios para a conseguir, que somos obrigados a dizer, que bem poucas pessoas devem de haver, que se proponhaõ á salvaçaõ como seu ultimo fim:

He bem facil-conhecer qual he o fim, que o mercador se propoem no seu negocio, o sabio nos seus estudos, o cortezaõ nas suas politicas, o valente no meio dos riscos, a que se expoem todos os dias. Mas será taõ facil o conhecer que todos no seu estado, no seu emprego, naõ cuidaõ mais, que em salvar-se; e naõ se propoem, senão a Deos por seu fim ultimo?

De que serve a hum homem ter huma grande fortuna, de que lhe serve ganhar todo o mundo, se perde a sua alma? E que cousa há que o possa refarzir desta perda? Valer-lhe hiã mais naõ ter nascido, do que naõ haver sabido salvar-se.

Lem-

Lembre-mos, que se Deos não for a nossa maior felicidade, será a nossa maior, e terrivel infelicidade. Podemos passar sem todas as outras cousas, quaesquer que sejam; mas não poderemos passar sem este bem infinito. Hum homem pobre, desprezado, mettido no esquecimento, e na obscuridade, se se salva, he feliz para toda a eternidade, e não necessita de cousa alguma. Hum homem rico, poderoso, feliz, honrado no mundo, se se condemna, he desgraçado para sempre.

De que servio áquelles homens extraordinarios em talentos, o ter cheio o mundo de suas excellentes accoens, o ter adquirido tanta honra, se se condemnárao? Considera a hum homem na hora da morte, que tivesse possuido riquezas infinitas, que tivesse gozado de todos os prazeres mundanos, e chegado ao cume da gloria, e da grandeza, e que, tendo acertado em tudo o mais, desprezasse unicamente o negocio da sua salvaçao: e perguntai-lhe neste ultimo momento, *quid prodest?* de que vos servem agora todos estes bens, prazeres, e as grandezas? Tudo isto passou, tudo isto para vós he como se nunca tivesse sido. Mas a vossa alma, que perdestes, nunca acabará: as penas terriveis, que são as consequencias funestas desta perda, sempre duraráo; o cruel pesar de ter desprezado o unico, e importante negocio, existirá eternamente.

Consideremos a nós mesmos neste ultimo momento. Que idéas, e sentimentos teremos entao de tudo o que nos serve agora de obstaculo á nossa salvaçao? Com que olhos olharemos naquelle momento para os bellos designios de fortuna, e todos os grandes projectos, com os quaes tivermos vivido todos occupados?

Escolhemos antes arrisicar o perder a nossa

alma, do que perder a hum amigo, do que deixar menos bens aos filhos, e do que ser de qualidade menos distincta nesta vida. Que juizo se fará de tudo na hora da morte? Poderá consolar muito a lembrança das honras passadas a hum homem que vai a ser condemnado? As riquezas, de que se vê naquella hora já quasi despojado, servirhe-hão de grande soccorro? Os nossos perentendidos amigos estar-nos-hão muito obrigados por nos termos perdido por lhe dar gosto? Nós mesmos estaremos muito obrigados áquelles que tiverem sido a occasião, ou causa da nossa perda, e por cujo amor formos condemnados?

Pobres Pays de familias! Trabalhai, suai, gastaí a vossa saude para deixar a vossos filhos satisfeitos, e contentes; e se vos condemnardes, quem vos ficará obrigado pela vossa perda?

Ah Senhor! como usamos nós da nossa razão? Somos os primeiros em condemnar o procedimento daquelles, que desprezão seus proprios negocios para tratar dos alheios; e ao mesmo tempo não nos occupamos mais, que em vãos divertimentos, ou, quando muito, em os negocios daquelles, que nos hão de sobreviver, desprezando ao mesmo tempo o nosso proprio, e unico negocio, que he a nossa salvação.

Se para ser rico não fosse necessario mais do que quere-lo, haverião muitos, que deixassem de o ser? Depende de nós com os auxilios da graça, que nunca feitaõ o ser santos, basta quere-lo de veras; e não o queremos. Qual he a causa porque não se salvaõ tantos, senão porque não querem salvar-se?

He para admirar, que os homens tendo tanto amor a si mesmos, façaõ taõ poucas reflexoens sobre huma verdade de tanta importancia. He cousa estranha ver tantas pessoas na verdade sabias,

e que mostrãõ tanta prudencia no seu modo de vida, sahirem deste mundo, sem terem cuidado quasi nunca para que entraraõ nelle, donde vieraõ, e para onde haviaõ de hir depois desta vida, e naõ querer cuidar na morte, deixando-se cegar com alguma apparencia de conversaõ.

Que he feito, Senhor, daquelle ardente desejo da nossa salvaçaõ, que vos tem feito obrar taõ grandes cousas? Parece, meu Deos, que já vos naõ move a perdã daquelles, que remistes com o vosso sangue. Até quando soffrereis, que se percaõ sem remedio as almas, que vos tem custado tanto? Por ventura naõ sois ainda o nosso Deos, e nós o vosso Povo? E podereis esquecer-vos já mais, que sois o nosso Salvador?

He verdade, que eu naõ soube aproveitar-me da felicidade, que eu tinha de ser creado unicamente para vós. Bem longe de me servir das creaturas para vos conhecer, me esqueci de vós, para me entregar todo a ellas. Errei o caminho, que me conduzia ao meu fim ultimo, e naõ quiz seguir a voz do bom Pastor, que me chamava; mas agora conheço, e choro os meus erros; e por muito infiel que tenha sido, isto só me basta para me fazer esperar, que haveis de ter misericordia de mim. Vós me amastes quando eu vos naõ amava, e quando fazia tudo o que podia obrigarvos a aborrecer-me. Vós me buscaveis, ainda quando eu de vós fugia mais cegamente. E agora, meu Deos, que quero amar-vos, rejeitar-me-heis vós? Agora, que vos busco, fugireis de mim? Eu naõ me atreverei, ó meu Deos, a formar este pensamento de hum Pay, de hum Salvador, e de hum Deos taõ bom, e taõ misericordioso como vós sois.

Sim, meu Deos, reconheço, e confesso, que naõ estou neste mundo mais, que para amar-vos,

e servir-vos. Estou resoluto com o soccorro da vossa graça, a fazer huma e outra cousa, espero, que assim como tivestes atéqui tanta paciência para soffrer os meus erros, e peccados, haveis de ter tambem agora bondade para nos perdoar: *Dixi: Nunc cepi: hæc mutatio dextera excelsi.* Eu começo neste instante huma nova vida: e só á vossa misericórdia, ó meu Deos, devo esta mudança.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Janeiro.

Dos meios, que temos todos para chegar ao nosso fim ultimo.

I. PONTO.

Os meios que são communs a todos os Christãos.

C Onsidéra, que não se contentou Deos só com o haver-nos creado para si, como para nosso ultimo fim. Quiz tambem, por hum effeito singular da sua bondade, obrigar-nos indispensavelmente a caminhar para elle pelo grande numero de meios, que nos deu para chegar ao nosso termo final.

Não há alguma creatura, que tomada em si mesma, não nos dê hum meio de conhecer, e amar a Deos; e se alguma nos serve de obstaculo, he pelo abuso que fazemos della. Os bens, e os males desta vida, os mesmos castigos de que Deos se serve para vingar nossas infidelidades, tudo pôde servir para a nossa salvação. Até

Os mesmos defeitos nos pódem ser uteis. Não temos mais mortal inimigo da nossa alma, que o demonio: e com tudo as suas astucias, e as suas mesmas tentações pódem servir para o bem espirital da nossa alma, e para conseguirmos a felicidade eterna.

He precisamente necessario ter a graça de Deos para chegar ao nosso fim ultimo; sem ella seriaõ inuteis todos os nossos esforços: tambem he de fé, que podemos faltar á graça; mas a graça nunca nos faltará, porque não há condemnado algum, que se perdesse, se não por sua culpa, e porque quiz.

Somos fracos, as occasiões são frequentes; e pela corrupção, que o peccado causou em o coração do homem, temos todos huma furiosa inclinação, que nos arrebatá para o mal: mas pódiamos ter socorros mais poderosos, do que temos, para evitar o cahirmos, e para nos levantar depois de cahidos? Concebemos já mais na nossa alma quam facil he alcançar a salvação, se quizermos aproveitar-nos dos grandes, e efficazes meios, que temos para isto? Tantos Sacramentos, onde nos são applicados os merecimentos de Jesu Christo, Sacramentos, que são, para o dizer assim, hum banho do seu sangue, e por meio dos quaes a nossa alma acha tão grandes socorros em todas as suas enfermidades; estes Sacramentos, remedios saudaveis, fontes inexauriveis de tantas graças, não são meios bem faceis, e efficazes para chegar seguramente ao nosso ultimo fim?

Era na verdade bem facil aos discipulos de Jesu Christo o ser santos, tendo continuamente consigo o seu divino Salvador. E ser-nos-há muito difficultoso o chega-lo a ser, tendo o mesmo Senhor continuamente com nosco? Elles eraõ felices

lices em poder alcançar deste divino Salvador o que desejavaõ: e temos nós por ventura menos felicidade que elles, possuindo a Jesu Christo na Eucaristia? E porque razaõ não alcançamos neste Mysterio tudo o que queremos?

A Oraçaõ he tambem hum meio efficacissimo: o mesmo Jesu Christo se obrigou solememente a conceder-nos tudo o que pedissemos em seu nome. Não exceptuou cousa alguma nas suas promessas: e fez estas promessas geralmente a todos, e sem differença de pessoa alguma. Não he necessário mais que pedir: e quem he que o não saberá fazer? Temos nós pedido muito estas graças? E que fazemos para as merecer?

Quando não tivessemos mais que o Sacrificio de nossos altares, não estaria a nossa salvaçaõ em boa segurança? Por mui grandes que sejaõ as graças que nos são necessarias, podemos-nos capacitar que hum Deos appresentado, e offerecido por preço dessas mesmas graças, não seja capaz de as alcançar? E depois de todas as seguranças, tantas vezes repetidas, da vontade que elle tem de nos encher de bens, atrever-nos-hemos a desconfiar? Na verdade devemos muito á Justiça divina: necessitamos de graças extraordinarias; mas huma só Communhaõ, huma só Missa, nos provê abundantemente de que pagar todas estas dividas, e com que remediar toda a nossa pobreza? Temos huma hostia, que não pôde deixar de agradar a Deos, huma hostia capaz de apagar todos os peccados dos homens: e quem tem a culpa de que ella não apague os meus?

Certamente se estivesse no nosso poder, e na nossa liberdade, escolher os meios proprios para alcançar a nossa salvaçaõ; vir-nos-hia ao pensamento escolher tão poderosos, tão faceis, e em tão grande numero como os que temos? Vir-nos-hia

nos-hia ao pensamento pedir o que Jesu Christo obra continuamente em nosso favor? Que graças, que soccorros espirituaes? Mas de que modo usamos de todos estes meios? Que fructo temos tirado atéqui de todas estas graças? E que máo signal he, não nos ter aproveitado dellas!

Na verdade he necessario que haja bem pouco desejo da salvação, se nos condemnamos depois de ter huns meios tão faceis, e tão efficazes para nos salvar. Que desculpa poderemos allegar, se nos não salvamos?

Que responderemos á reprehensão, que nos fizerem os Infieis, e á reprehensão do mesmo Jesu Christo, que servirá do exemplo dos mesmos Gentios para nos confundir? Houverão Gentios, que tiverão estimação singular da virtude, e hum summo horror ao vicio; tão religiosos, que chegarão a ser superficiosos; e isto sómente com a esperança de huma honra vã, e de huma recompensa vilissima: e que farião elles, se illustrados com a Fé, como nós estamos, houvessem tido as graças que agora temos?

Que dôr terá hum Christão, que se há condemnado com tantos soccorros? Que sentimento, que desesperação terei eu, se com tão poderosos meios me perco eternamente! E que não devo temer, senão me sirvo melhor destes meios, do que tenho feito até o presente?

Que obras tem produzido em mim esta Fé, a qual sempre he morta sem ellas? Quantas vezes me tenho chegado ao Sacramento da Penitencia, depois que sou peccador! E tenho-me por ventura feito mais penitente, depois que me chego a elle? Que pasmo seria, se aquella pobre mulher enferma, que com tanta confiança tocou sómente a fimbria da vestidura de Jesu Christo, não sarasse? Que admiração, se aquelle morto, a quem

quem Jesu Christo não fez mais do que tocar a caixa em que hia para a sepultura, não resuscitasse no mesmo instante? Pois certamente não he menos para admirar, ver o pouco fructo, que eu tiro de auxilios tão poderosos, que continuamente recebo do mesmo Senhor. Donde procede, que depois de me ter alimentado tantas vezes com o corpo, e sangue precioso de Jesu Christo, estou sempre tão fraco, e tão enfermo? Donde vem, que estando penetrado, e admirado de ver o excesso com que Jesu Christo me ama, não o agrade eu cada vez mais?

II. PONTO.

Os meios particulares de cada hum.

Considéra, que além destes grandes auxilios concedidos a todos os Christãos, todos tem particularmente meios propriissimos, e facillimos para chegar a huma santidade sublime. O natural de cada hum, os talentos, e as mesmas paixoens pôdem ser de grande soccorro, se nos sabemos servir dellas: ordinariamente a Graça obra em nós sobre este fundamento; e, ou as nossas inclinaçoens nos levem ao bem, ou ao mal, huma boa vontade faz que tudo sirva á virtude.

As enfermidades, e todos os successos, que nos acontecem em toda a nossa vida, são enviados para nos fazer caminhar mais de pressa ao nosso ultimo fim, separando-nos, ou, ao menos, enfastiando-nos de infinitos objectos, que nos occupão, e nos divertem por muito tempo; o que sempre nos detêm no serviço de Deos.

Mas os meios mais seguros, e mais efficazes para tratar da salvaçaõ, são aquelles que cada hum acha em o estado; aonde Deos o há chamado,

mado. Todos os estados da vida saõ os caminhos differentes, que conduzem ao nosso ultimo fim, segundo a ordem da Providencia. E he hum erro bem grosseiro parecer-nos, que para chegar a huma alta perfeiçã, seja necessario fazer cousas extraordinarias. Para chegar a ser santo, basta encher, e satisfazer perfeitamente as obrigaçoens do proprio estado. A Mulher forte, aquella heroína taõ celebrada, e taõ grandemente louvada na Escriptura, adquirio estes taõ grandes merecimentos unicamente pelo cuidado especial, que tinha na sua familia; e o mesmo Jesu Christo julgou, que naõ podia fazer cousa mais digna de si mesmo, pelo espaço de trinta annos, do que cumprir perfeitamente as obrigaçoens mais ordinarias de hum estado pobre, e humilde, que tinha escolhido.

Perdêmo-nos em outro qualquer caminho. He illusã o querer fazer muito, quando se naõ executaõ as proprias obrigaçoens; e estas sempre se executaõ quando se obra o que Deos quer. Quando cumprimos até as menores obrigaçoens do nosso estado, estamos sempre certos que fazemos o que agrada áquelle Senhor. Os seculares, sem sahir dos limites da sua condiçã, achaõ todos os dias nas proprias obrigaçoens tudo o que he necessario para serem santos: e que desculpa terã elles diante de Deos senã as fizerem, quando por amor do mundo fazem muito mais, do que Deos os obriga a fazer por amor da sua salvaçã?

Os que vivem no estado Religioso, achaõ nelle naõ só todos os meios, mas unicamente os que lhes convém para chegarem a huma sublime virtude, pela perfeita observancia das suas Regras, e dos seus Votos. As mesmas Regras tem feito os Santos, que se venerã na Religiaõ que elles

elles tem abraçado; e assim só pela observancia destas mesmas Regras perfeita, deve cada hum esperar fazer-se santo.

He hum erro dizer, que estas Regras são de pouca consequencia, não obrigando a peccado mortal: porque, além de que nada he pequeno em o serviço de Deos, honra-se, e ama-se muito a Deos, quando se faz por seu amor o que se poderia deixar sem incorrer na sua desgraça. E por onde nos distinguiremos dos outros Religiosos, senão pela observancia das obrigaçoens particulares do nosso estado? Só por este meio havemos merecer as graças extraordinarias, que nos são necessarias.

Admiramo-nos de que tantas Communhoens, tantas Missas, e outros muitos poderosos meios, não produzaõ em nós quasi fructo algum: sempre estamos cada vez mais tibios. Há sempre mais causa para temer a salvaçaõ, ainda que ao nosso parecer tenhamos feito grandes progressos no serviço de Deos: porque certamente todos os outros meios nos são inúteis, tanto que desprezamos os particulares do proprio estado. Os maiores remedios fazem mais mal, que proveito, quando se desprezaõ os mais pequenos.

Assim huma pessoa Religiosa, que despreza as suas Regras, não deve esperar tirar fructo algum do uso dos Sacramentos. Hum secular que não tem cuidado da sua familia, que despreza as obrigaçoens domesticas, e cumpre com o proprio estado muito imperfeitamente, não confie nas suas pertendidas boas obras. Hum servo, por bem intencionado que seja, ainda que faça cousas muito grandes, nunca póde agradar a seu senhor, se não fizer aquillo a que está obrigado: e como póde este servo fazer a sua obrigaçaõ, se não fizer o que o seu senhor quer?

Ora

Ora façamos aqui sérias reflexoens sobre a nossa vida, e consideremos como nos temos servido atéqui dos meios, que temos para alcançar este importante negocio da salvaçã. Que proveito temos tirado dos meios communs? E temonos servido com fructo dos particulares? Deos não examinará sómente o mal que tivermos feito; examinará tambem rigorosamente o bem mal obrado, e o bem que podiamos fazer, e o qual deixámos. Estariamos agora em estado de dar conta da nossa vida? Não deveria haver nella huma só acçã, que não se referisse a Deos? E talvez nos custará a achar huma só feita unicamente por este Senhor.

Examinemos a causa do pouco fructo, que temos tirado atéqui de tantos soccorros espirituaes; examinemos sinceramente como temos usado de todos os meios, que temos para chegar á Perfeição. Aquelle, que vive em o seculo, examine de que modo se applica ás obrigaçoens do seu estado: o Ecclesiastico, ou Religioso, como tem cumprido as suas obrigaçoens, e observado as suas Regras.

Ah! talvez que eu esteja na vespera do dia decisivo da minha sorte eterna! Ao menos he certo que alguns, dos que fizerem estas reflexoens neste dia de Retiro, não veraõ o fim deste anno: e se esta sorte cahe sobré mim, não me restaõ mais que alguns dias de vida, e depois huma eternidade para chorar o tempo, e os meios de tratar da minha salvaçã, de que tenho abusado.

Se a figueira, de que falla o Evangelho, foi condemnada ao fogo por não ter produzido com o cuidado, que tinha tido o seu cultivador de a fazer fertil; se o servo pouco diligente foi reprobo por ter enterrado o talento que tinha rece-

recebido ; que devo eu julgar da inutilidade da minha vida , e do abuso que tenho feito atéqui de tantas vantagens espirituaes , que tenho recebido do Senhor para me fazer santo.

Mas de que nos serve , ó meu Deos , discorrermos tão bem , se não obrarmos melhor ! de que me serve confessar ingenuamente , que ainda não tenho feito nada para ganhar o Ceo , se não começar neste mesmo instante a trabalhar para o conseguir ! Há seis mezes que eu me julgava com esta mesma justiça ; e por ventura tenho-me feito melhor ? E que devo esperar , se conhecendo agora bem claramente , que tenho abusado atéqui das maiores graças , não me aproveito das reflexoens que ao presente faço sobre este mesmo abuso ?

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Janeiro.

Sobre os sentimentos , que teremos á bora da morte.

Para fixar mais facilmente a tua imaginação , e estar menos distraído , considera-te deitado na cama , e que não te resta mais , do que duas ou tres horas de vida. Considera que has de experimentar nesta hora huma extrema fraqueza , que te priva quasi de todo o uso dos sentidos ; hum desalocgo mortal , que não te dá hum instante de repouso ; hum horroroso temor , que turba toda a alma ; as palitações frequentes do coração , que vai desfalecendo ; a suffocação do peito , a respiração apressada , o suor frio , que se espalha por todo o corpo , o qual principia já a
pare-

parecer cadaver; as faces encovadas, a cõr pallida, os cabellos todos humidos com o suor da morte; os olhos encovados, e horrorosamente abertos, que começaõ a turbar-se, e a perder a sua luz, ficando sô com a que basta para veres o miseravel estado a que estás reduzido; já desamparado de tudo o que te era mais amavel; e mais delicioso em o mundo; despojado de tudo o que era mais precioso; e reduzido a dar o ultimo suspiro nas maõs de algum domestico, ou estranho.

Pede a Deos a graça para poderes comprehender bem as terriveis consequencias deste ultimo momento, de que depende a Eternidade, e para sentir taõ vivamente tudo o que passará por ti nesta ultima hora, que tomes desde já as medidas certas para segurar a tua salvaçaõ.

I. P O N T O.

Dos sentimentos, que terão á hora da morte aquelles que tiverem vivido com desordem, ou tibiamente.

C Onfidéra a total mudança, que se vê em hum moribundo. Havia poucos dias que estava cheio de forças, e de saude, fazia grandes projectos, via-se accumulado de bens, e de honras; exaqui o mesmo sujeito reduzido de repente a huma cama, na ultima extremidade, sem forças, sem prazer, obrigado a deixar tudo, e ser deixado de tudo.

Ah Senhor! que he homem! Por mui rico, por mui poderoso, por muito necessario que seja para o mundo; bastaõ duas horas de febre para fazer o mundo todo inutil para elle, e elle mesmo inutil a todo o mundo.

Julga-se hum homem feliz por ter riquezas
pa-

para muitos annos : mas ó meu Deos ! de que serve ter riquezas para muitos annos , se não há muitos annos para gozar deffas riquezas ?

Neste miseravel estado , que cousa há capaz de pôr em segurança , e consolar hum peccador ? A lem'rança dos gostos passados , dos quaes só lhe resta huma saude mortal ; o temor dos tormentos futuros , cujo rigor já sente anticipadamente ; Deos , os homens , tudo conspira a affligir , a horrorizar , e a fazer desesperar aquelle pobre miseravel.

Que chaga (para o dizer assim) não abrem em o coração de hum moribundo as lagrimas dos que o servem , o pavor , e sobressalto que mostraõ os que se chegaõ a elle , o silencio dos que se retiraõ , os suspiros da mulher , os gemidos dos filhos , as lagrimas dos amigos , a inquietação dos domesticos ! Com que apprehensão toma os remedios mais violentos ! Mas que horror ! que angustia ! que tristeza ! quando vê , que não tira algum alivio destes ultimos remedios ? Nesta extremidade , por não dizer desesperação , chama-se a hum Confessor para confortar , e consolar hum pouco ao enfermo. Mas como poderá nesta hora consolar muito a hum máo homem a presença do Confessor ? Horroriza-se , olha para elle , fica todo sem acôrdo para poder exercitar alguns actos ; neste desasocego , neste horror lhe he necessario dispor-se para a morte. Porventura he este o tempo proprio para huma tal acção ? Achar-se-há este moribundo em estado de o poder fazer ? Neste terrivel temor , que se espalha por toda a alma , com huma turbação , que enfraquece , e offusca tanto o entendimento ; de que modo se poderá elle preparar ? Explica-se , declara-se , fallando não o que sente , ou o que tem no seu pensamento , mas o que ouve dizer ao Confessor ;

feffor; porque ordinariamente não sabemos naquella hora, nem o que devemos responder, nem o que respondemos.

O mesmo Jesu Christo, que consola tanto a alma dos Justos com a sua ultima visita, só vem visitar ao peccador nesta hora final, para lhe reprehender de huma maneira mais sensivel suas maldades, e os seus sacrilegios. Por ventura pôde consolar muito a presença de Jesu Christo na Eucharistia a hum moribundo, que em toda a sua vida tratou a este Senhor com desprezo, ou com tibieza? De que vergonha, e horror se não encherá á vista deste amavel Redemptor, que elle offendeu por tanto tempo, que tratou tão mal, e que agora por instantes está para ser seu Juiz!

Mas em quem achará este pobre algum alivio? Depois que tem recebido os ultimos Sacramentos, os parentes mais chegados se retiraõ; os melhores amigos já não apparecem; e não acompanhaõ já ao infeliz moribundo, senão alguns estranhos, que só esperaõ o momento em que elle expire.

O pensamento dos prazeres passados pôde fer de algum alivio contra os horrores da morte? A lembrança das dilatadas assembléas do jogo, dos divertimentos profanos, da liberdade dos costumes, e das de mais torpezas, consolarão muito a hum homem naquelle momento final? Que sentirá em seu coração quando o Sacerdote, antes de elle expirar, apresentando-lhe hum Crucifixo lhe diz: que sendo para elle já todos os remedios inuteis, e estando desamparado nesta ultima hora de todas as creaturas, só em Jesu Christo deve pôr dahi por diante a sua esperança, como centro de toda a sua consolação, e do seu refugio. Só a Jesu Christo, lhe diz elle, pregado na Cruz deveis recorrer, só nas suas Chagas santissimas, e
ternissi-

ternísimas, deveis buscar fortificar-vos contra os horrores da morte, e adoçar os rigores, e amargura della: recebei pois, meu amado irmão, este objecto unicamente capaz de vos consolar; eu vos entrego em seus braços.

Divino objecto, fonte das mais doces consolações para quem se tem applicado a imitar-vos em vida, e vos tem amado até á morte. Mas objecto triste, e desagradavel para quem ama em vida os prazeres, vive na abundancia, e só cuida na Eternidade, quando vê que o tempo vai acabando, e que não pôde já gozar do mundo: então se terminaõ as suas alegrias todas, os divertimentos, e todas as festas dos mundanos: então se reduzem a nada todas as falsas idéas, os vaõs projectos de fortuna, de grandes estabelecimentos, e de prazeres.

Exaqui a que se vê reduzido nesta ultima hora hum homem, que viveo dissolutamente. E quando tivermos vivido sem amor a Jesu Christo, em huma summa negligencia a respeito da salvação, com huma vida delicada, e mundana, poderemos achar muita consolação em ter hum Crucifixo nas mãos á hora da morte?

Mas se hum moribundo se vê reduzido a estar acompanhado só de hum Crucifixo, e não tem alguma semelhança com Jesu Christo Crucificado; se nunca se moveu com as terriveis verdades de nossa Religião; se escarneceu sempre, e mosou das mais santas praticas de piedade, que sentimentos poderá elle ter nesta ultima hora?

Ainda seria bom, se ao menos se soubesse aproveitar do pouco tempo que lhe resta. Mas ah! o horror, e a turbação em que está submergido, não lhe pôdem deixar todo o discurso, e toda a liberdade necessaria para se aproveitar desse pouco tempo.

Mas em fim, o enfermo está já quasi expirando: julgaõ que he necessario dar-lhe algum alento com as Oraçoens da Igreja. Estas Oraçoẽs faõ na verdade de muita consolaçaõ para aquelles, que tendo vivido bem, morrem como Justos; mas como poderãõ consolar; e animar a huma pessoa, que naõ ouve nellas huma só palavra, que naõ seja huma viva reprehensaõ das desordens da sua vida?

Consideremos, e penetremos bem o sentido das Oraçoens, que se fazem a hum agonizante: *Proficiscere anima christiana de hoc mundo*, diz o Sacerdote; sahi deste mundo alma christã. Ah Senhor! que desagradavel, e amargosa he esta despedida! Que cruel he para quem tem amado o mundo, para quem talvez empregou todo o seu amor só nas vaidades mundanas, para quem naõ tem feito cousa alguma para alcançar a Deos! *Proficiscere*: está pois tudo acabado, por grande apêgo que se tenha aos bens da terra, por muita grande difficuldade, que se finta, he necessario separar-nos de tudo; naõ quizeramos deixar nada, e vemo-nos obrigados a morrer a tudo.

Hodie sit in pace locus tuus, & habitatio tua in sancta Sion. Alma Christã, continúa o Sacerdote, ide hoje a hum lugar de paz, e seja a vossa morada na santa Siã. Que cheio de caridade, e de doçura, he este desejo da Igreja nossa terna Mãe! Mas que passará no interior de hum moribundo, quando conhece que naõ há alguma razaõ, para que ella tenha a seu respeito este desejo, escutando a voz de huma má consciencia, que lhe prognostica o contrario!

Miserere, Domine, gemituum, miserere lacrimarum ejus. Tende compaixãõ Senhor, vai continuando o Sacerdote, tende compaixãõ dos seus gemidos, enternecei-vos á vista das suas lagrimas.

mas. Mas se elle só tem dôr de se ver despojado de tudo o que lhe era mais amavel, e arranca violentado estes suspiros; se verdadeiramente só tem dôr com a vista da morte, e do inferno; se a verdadeira fonte das suas lagrimas, talvez he a fauldade dos peccados, e o sentimento de não poder peccar mais, poderá ser ouvida esta Oração que se faz em seu nome?

Agnosce, Domine, creaturam tuam, non à diis alienis creatam, sed à te solo Deo vivo, & vero. Reconhecei, Senhor, que he esta huma alma, que vós só tirastes do nada, e não foi creada por deoses estranhos, mas sahio das vossas mãos: por tanto reconhecei a vossa creatura. Mas se esta alma preferio as mais vis creaturas ao verdadeiro Deos: se viveu huma vida pouco confôrme ás maximas de Jesu Christo; se passou, e consumio os seus dias em peccar, porque signaes o soberano Juiz a conhecerá por sua creatura; e obra de suas mãos? que esperanza pôde haver que olhe Deos com bons olhos a huma alma, que sempre o tratou em vida com indifferença, fazendo-lhe tantas offensas, e com o maior desprezo!

Meu Deos! que sentirá em seu coração hum homem que está agonizando, entregue, e como submergido em dôres, em prazeres, em huma cruel desesperação, sem algum alivio! Fica-lhe neste estado muito conhecimento para distinguir os objectos? Tudo o que se lhe appresenta a seus olhos, tudo o que ouve, augmenta a sua pena, e o seu temor; e se tem perdido o uso dos sentidos, e está apartado de todos os objectos que o podem distrahir, com que horrorosa applicação revolve em seu pensamento o mal que fez, as boas obras que desprezou, ou que podia fazer, e as que executou mal, e froxamente!

Quis:

Quaes serãõ os sentimentos de huma pessoa, que viveu huma vida desordenada, quando chega a considerar consigo mesmo: Eu estou bem certo que daqui a poucas horas já não estarei nesta vida; se não estou em graça, estou perdido eternamente; e não sómente tenho alguma razão de temer com os mais justos, não estar em graça de Deos, mas tenho muitas razoens de duvidar se o estou; e talvez tenha fortissimas razoens para crer, que não tenho esta felicidade.

Nesta fatal extremidade vem á memoria tudo o que se há ouvido dizer dos Juizos de Deos, do Inferno, da Eternidade. Tudo isto vem á imaginação, e a penetra mui viva, e terrivelmente. He bem para admirar quanto este homem, que pouco antes mofava, e escarnecia das verdades mais fortes, o vejamos agora tão persuadido de tudo o que he objecto da nossa Fé! Que horror, que turbação, com o pensamento do Juizo, do Inferno, e da Eternidade!

Com tudo nesta confusão de pensamentos tristes, com todas estas turbaçoens de espirito, nestes mortaes horrores, entra este moribundo a agonizar. Assim que os que lhe assistem advertem nisto, buscão com toda a diligencia, mas inutilmente, suggerir-lhe, e trazer-lhe á memoria motivos de confiança na misericordia de hum Deos, que deseja ardentemente a conversão dos peccadores. Inutil socorro! Elle perde de repente o uso de seus sentidos todos, entregue, e submergido em hum abismo de remorsos interiores; e espira finalmente em os crueis sentimentos dos pezares, e da desesperação; e no mesmo instante expiraõ com elle todas as suas alegrias, todas as suas esperanças; no mesmo instante tambem finalizaõ todos os seus vaõs projectos de conversão, e de penitencia, e em fim acaba-se o tem-

po, e principia a formidavel Eternidade.

Assim acaba a vida de huma pessoa, que tem vivido com desordem, e dissolutamente; assim morrem os que vivem huma vida tibia, e pouco Christã; desta mesma sorte devo esperar morrer, se não começo já deste instante a viver melhor do que atéqui tenho vivido.

Se eu houvesse de morrer agora, estaria com melhores disposições; teria melhores affectos, e pensamentos mais doces, e que me dessem consolação? Poderia resistir aos horrores da morte, quando agora não posso cuidar nella sem tremer? Examinemos pois a nossa consciencia, e vejamos se nos promete huma morte mais tranquilla, e socegada.

Ah Senhor! Não permitais que faça agora esta Meditação para me fazer mais culpado, e ter nova materia de dôr, e de desesperação nesta ultima hora. Sei certamente que não há maior desgraça do que a de morrer reprobado: estou em estado de evitar esta terrivel infelicidade; vós me dais todos os meios para evita-la; toda a culpa será minha, se eu o não fizer.

Não quizera morrer no estado em que me acho: e como me atreverei viver mais tempo nelle? Arrisco a salvação da minha alma, a minha felicidade eterna; arrisco tudo, se me deixo estar huma hora em peccado: e esperarei, e dilatarei ainda a minha converção hum dia, huma semana, hum mez!

II. P O N T O.

Reflexões sobre estas verdades.

Que triste, e funesta cousa será depois de haver feito as considerações, que acabamos de meditar, morrer com tantos remorsos

fós de consciencia, e com tantos pesares, como se não as tivéssemos feito!

Era tão facil o converter-me, tinha tempo para o fazer, Deos me convidava com a sua graça, eu mesmo tinha pensamentos de me aproveitar della; não me haveria custado muito, se me resolvesse a fazelo: e ainda que me houvesse custado muito, e muito trabalho, certamente tudo era pouco, quando se tratava da minha felicidade, ou infelicidade eterna. O' se eu tivera seguido as santas inspiraçoens que então tinha! O' se me tivesse convertido! Mas não o fiz, nem estou em estado já de o fazer; morro em fim, e morro cheio de pesar, de turbação, e com huma certeza moral de ser condemnado.

Que infinidade de reflexoens se fazem naquella hora! mas todas inuteis. Com que solidez, e com que verdade se julga então de todas as cousas! mas já não he tempo de tirar fructo de todos estes bellos sentimentos. Arrependemo-nos então de muitas cousas; mas que duro será este arrependimento, quando soubermos, e sentirmos mesmo em nós que he sem fructo! Que dôr, e que tormento, de não ter feito o que se podia, e devia fazer! Que desesperação, por não poder fazer naquella hora o que se não tem feito antes, e o que se quizera ter feito!

Olha huma pessoa naquella hora para si, e vê que não quiz fazer reflexoens serias sobre as grandes verdades da Fé, quando as podia fazer tão utilmente em toda a sua vida: fa-las todas naquella hora, tem todo o vagar para as fazer, até mesmo se vê necessitado a faze-las; mas que cruel vagar, e terrivel necessidade he esta, quando vê que só tira por fructo das suas reflexoens ira, e desesperação contra si mesmo!

Vê então bem sensivelmente todas as desordens

dens de sua vida, conhece claramente, mas muito tarde, que viveu errado.

Meu Deos! E que sentirá neste momento huma pessoa consagrada ao Divino culto! Quando, vendo-se em o ponto de se decidir a sua forte eterna, considera quam imperfeitamente viveu em hum estado, que pedia huma taõ sublime perfeição! Ah! Para que era necessario fazer tanto estrondo, deixando o mundo para entrar na Religião, se nella havia de viver conforme as maximas do mundo, e condemnar-me?

Deos me tinha feito o singular beneficio de abraçar hum estado taõ perfeito, e naõ me aproveitei desta graça: despojei-me de tudo, fiz a Deos hum sacrificio de minha propria liberdade, escolhi hum estado de vida austera, e tudo isto para morrer em paz com huma morte de Santo: mas agora que infeliz, e desgraçado me vejo! Eu bẽm sabia que a boa morte he o fructo de huma vida santa: ah! quantas vezes dizia eu isto mesmo aos outros? E porque razaõ naõ me aproveitei do que tantas vezes ensinava? Que oraçoens sem attençaõ? Quantas Missas, e Commuhoens sem fructo! Que confissoens sem emenda, que graças frustradas, e quantas boas obras perdidas, por falta de bons motivos, e intençoens rectas!

Ah Senhor! que desgraça trabalhar tanto, para fazer huma taõ grande, e taõ consideravel perda! He possivel que se arrancasse huma pessoa do seio de seus pais, e fosse taõ insensivel aos seus afagos, e ás suas lagrimas, que vence-se os maiores obstaculos, tudo para segurar a sua salvaçaõ; e que depois, por ter buscado muito as suas pequenas commodidades, por naõ sei que apêgo a mil cousinhas que nada valem, ou, ao menos, que teriamos vergonha de nos apegar a ellas

ellas em o mundo, passe em clausura huma vida tibia, froxa, imperfeita, e se venha a achar na hora da morte cheia de immensos, e crueis remorsos, estranhamente horrorizada, e que em fim morra em huma duvida formal da sua salvaçãõ! E poderá consolar muito a alguẽm, haver comprado por tão grande preço esta tão triste morte?

Quaes saõ neste ultimo momento as inquietaçõens de hum Ecclesiastico, que em hum estado que pede huma vida tão exemplar, e huma piedade tão edificativa, tem vivido com costumes inteiramente seculares? Que turbaçõens, que angustias terá, quando vir que se chega o momento fatal em que se há de decidir a sua sorte eterna? Que sentimentos, lembrando-se dos frequentes perigos a que continuamente se expunha sem precauçãõ, e sem escrupulo; e com a lembrança da multiplicidade dos beneficios, das grandes rendas, de que fez hum uso tão pouco conforme ás suas obrigaçõens? Já naõ he tempo naquella hora, de socegar os remorsos com os vaõs pretextos de decoro, de honestidade, e de qualidade distincta; mas verá com toda a verdade que aquillo, de que elle ufava tão mal, eraõ as esmolas dos fieis, o patrimonio dos pobres, a herança, para o dizer assim, de Jesu Christo. Que horror terá, só com o pensamento da terrivel conta, que está precisamente obrigado a dar de todos aquelles bens!

Poderá por ventura inspirar muita confiança em Deos, a lembrança de huma vida passada tibiamente em o seu serviço? Com que olhos vemos nós este decisivo momento, quando consideramos seriamente, e com todo o socego, como se faz naquella hora, que a menor das graças, que temos despresado, teria podido conver-
ter

ter hum Gentio ; e que todas , as que temos recebido juntas , não tem feito hum Religioso fervoroso , hum Christão perfeito !

Ver-se-há naquelle momento hum grandissimo numero de faltas , que não conheciamos , ou que a paixão , e a tibieza nos fazia ter por leves , entãõ nos parecem peccados graves.

Que motivo de consolação poderá ter hum Religioso imperfeito naquelle terrivel momento ? Será porventura a lembrança das suas Regras , que elle observou tão mal ? Será a protecção dos Santos da sua Ordem , dos quaes se fez tão diffimilhanter com a sua desordenada vida ? Será a immensa bondade do mesmo Deos , a quem servio tão mal , depois de ter recebido delle tão grandes graças ?

Acháõ-se algumas vezes pessoas , que zombãõ das mais santas praticas de piedade ; que tem por pequenez de espirito aquella grande delicadeza de consciencia , e pontualidade constante , que tem os fervorosos em cumprirem as mais pequenas obrigações do seu estado. Se he verdade , como elles affirmãõ , que tinhãõ razãõ para olhar , e tratar assim estas pessoas ; perseverem , e façãõ este mesmo juizo tambem naquella ultima hora. Mas não , neste tempo não sustentaõ o character de espiritos fortes , e murmuradores. Se he verdade que deviaõ tratar os exercicios de piedade , e a mesma devoção , com o nome de vaõs escrupulos , alegrem-se , e dem a si mesmos os parabens , e os applausos nesta ultima hora. Se he verdade que foraõ prudentes em formar para si huma idéa de piedade Christã commoda , huma falsa consciencia , a cujo abrigo viverãõ em huma enganosa segurança ; reguem-se ainda entãõ sobre este sistema. Mas , ó meu Deos , esta he a causa dos seus espantolosos horrores , e

do

do seu cruel defasocego, isto tudo he o que os poem em huma total desesperaçãõ.

Em quanto dura a vida, cega-nos a paixãõ, deixamo-nos arrastar pelo exemplo; as creaturas nos encantaõ os sentidos, o embaraço dos negocios occupa todo o nosso espirito: parece mesmo que temos prazer em nos atordir, e offuscar a nossa imaginaçãõ sobre as maiores verdades da Fé; e a mesma Fé está quasi extincta pelas desordens de huma vida desordenada. Chega a hora da morte, o entendimento, a Religiaõ, a mesma Fé, tem neste momento toda a sua força; cremos, mas com huma fé, que nos atormenta, a qual he semelhante á dos demonios, que faz tremer, mas não converte.

He cousa bem para admirar, que convindo todos que na hora da morte caufará grande desesperaçãõ o não ter sido mortificado, o ter vivido huma vida mundana, e delicada, o ter feito tão poucas boas obras, em fim o ter vivido sempre tão mal; e que com tudo depois de haver feito estas reflexoens, de que estamos plenamente convencidos, ponhamos tão pouca diligencia em viver melhor! E eu mesmo, que faço agora estas reflexoens, e que condemno tão fortemente os que se não aproveitarem dellas, não viverei daqui por diante mais Christãmente?

Na morte todos os obstaculos, que nos escondiaõ a verdade, se desvanecem, e deixaõ toda a liberdade de julgar das cousas sem preoccupaçãõ.

Em vida viaõ-se bem estas cousas todas, mas não se conhecia totalmente a vaidade, e o nada dos bens do mundo; nem se advertia na vileza de todos os prazeres, e gostos da terra: mas na morte, não sómente vemos tudo isto, mas como que o palpamos, e sentimos tão vivamente,
que

que não se pôde comprehender bem como não sentiamos mais cedo este mesmo desgosto, e aborrecimento: entã vemos sensivelmente o nosso engano; mas que dôr, que cruel tormento, não estar já em estado de remediar a perda que fizemos com o nosso erro!

Que tristissimo espectáculo, mas bem proprio para nos apartar dos prazeres, e de todos os falsos bens desta vida, ver huma pessoa que acaba de expirar! Apenas dá o ultimo suspiro, ficã todos em profundo silencio; e ainda que antes fosse a mais perfeita em todas as bellas qualidades, que o mundo estima, já não inspira mais que horror. Depois de algumas funebres Oraçoens, e huma pouca de agua benta, com que se terminaõ todos os serviços, e obsequios, cobre-se o corpo, retiraõ-se todos.

Que he feito daquella excellente formosura, daquella boa disposiçaõ, e daquelle genio agradavel; que fazia as sociedades gostosas! Que he feito daquelles grandes projectos, daquella rica fortuna! De que servem já as preciosas alfaias, e a multidaõ de domesticos! Exaqui finalmente em que tudo se termina. Mas aonde está a alma, e em que parará o corpo, ou, para o dizer melhor, este cadaver, cuja podridaõ já começa a se não poder aturar! E ainda que fosse este o corpo da pessoa mais amavel em o mundo, e mais honrada, já não se pôde ver; he necessario muito depressa deita-lo fóra de casa. Marido, mulher, filhos, amigos, parentes, vizinhos, domesticos, todos á contenda se apressaõ a fazer tirar este corpo fóra de casa. Os que amáraõ com mais ternura esta pessoa, saõ os mais empenhados a desfazer-se della; nem ainda querem ouvir fallar della: convidaõ, e obrigaõ pessoas para o levarem, e o entregarem por pasto aos bichos:

encerraõ-o na sepultura, cobrem-o de terra: e quem poderá considerar sem horror o que se passa naquella sepultura dous dias depois?

Quando já o vem enterrado, exaqui o que se faz: voltaõ todos, cada hum ás suas occupaçoens, cuidaõ em adquirir novos amigos: tomaõ novas medidas para os seus projectos, e fortunas; aprobeitaõ-se dos teus despojos: mas tu estás inteiramente esquecido, já ninguem se lembra mais de ti, como se nunca existisses no mundo; murmuraõ, e dizem mal do teu genio colerico; já naõ fazem caso, nem se lembraõ de todas as tuas boas prendas, e muitas vezes destroem tudo o que fizeste; em fim já te reputaõ por nada; e verdadeiramente já naõ es cousa alguma entre os homens.

He verdade que em o dia, em que morres, teus parentes, e amigos derramaõ algumas lagrimas, com o pensamento de ter perdido em ti algum prazer, ou algum amparo; porque na verdade há muitos choros no mundo na morte dos parentes; mas nestes mesmos choros há ainda mais affectaçoens, e fingimentos, do que amor verdadeiro. Em fim, disto mesmo se consolaráõ brevemente, por pouco que seja o proveito que lhes vem da tua morte; isto he, por pequena que seja a parte, que cabe a cada hum, dos teus bens, já naõ teráõ muito trabalho nem pena em se alegrarem. Julguemos nós mesmos o que succederá, e o que faráõ depois da nossa morte a nosso respeito, pelo que fizemos na morte dos outros: morreráõ nossos Pais, nossos amigos, e foi por ventura necessario que passasse muito tempo para nos consolarmos da sua morte? E se elles foraõ taõ infelices, que se perderáõ, estamos-lhes por ventura obrigados por se terem condemnado, ainda que isto fosse por nos dar gosto?

E depois de tudo isto , ainda se faz muito caso das riquezas , e dos prazeres desta vida ; e ainda queremos antes expor-nos a perder a alma , e morrer condemnado , do que desgostar , e perder hum amigo.

Na verdade he cousa bem para admirar , que se cuide tão pouco na morte ; mas he muito mais para admirar , que cuidando nella , nos não convertamos. Quantos há , que vivem como se estivessem seguros de não morrer , ou de morrer mais de huma vez , ou como se não perdessem nada morrendo mal , ou como se podessem recuperar o que huma vez perderão ?

Porventura seremos nós deste numero ? E se assim for , que não sentiremos á hora da morte , com a lembrança das reflexoens que fazemos agora , se não tirarmos algum fructo dellas ?

Ah Senhor ! será possível que esta tão grande graça , que me estais agora fazendo , só sirva de me fazer mais culpado , e merecedor de maior castigo , não me fazendo agora melhor ? Que felicidade , que beneficio , e liberal graça seria para hum moribundo horrorifado á vista das suas defordens , em o ponto de expirar , se lhe desfeis ainda algumas horas de vida ! Que bem usaria , e empregaria a sua saude ! Ah meu Divino Salvador ! eu recebo hoje huma semelhante felicidade ; e como poderei não aproveitar-me della ? Confesso , que a minha vida atéqui tem sido cheia de peccados , vós ainda me concedeis algum tempo para a emenda ; será possível que eu abuse ainda desta graça ? Não , meu Deos : eu vou começar desde já , principio deste instante a reparar as minhas defordens , e dispor-me daqui por diante , por huma vida verdadeiramente Christã , a morrer santamente.

Mors peccatorum pessima. Psalm. 33. Que

in-

infeliz he a morte dos peccadores!

O' mors, quam amara est memoria tua homini pacem habenti in substantiis suis! Ecd. 41.

O' morte, quam cruel he a tua lembrança a hum homem, que poem toda a sua felicidade em gozar das suas riquezas!

Exibit spiritus ejus, & revertetur in terram suam: in illa die peribunt omnes cogitationes eorum. Píal. 145.

Quando a alma se apartar do corpo, ella mudará de affectos; neste momento fatal cessão todos os nossos vaõs desejos, e frivolos pensamentos; neste momento somos o que temiamos ser, e aquillo em que nem ainda queriamos imaginar.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do Mez
de Fevereiro.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Da importancia da salvação.

I. PONTO.

A salvação he o mais importante de todos os negocios.

Confidéra que de todos os negocios, que temos, não há algum que nos importe tanto como a nossa salvação. Do seu bom, ou máo successo, depende huma felicidade, ou infelicidade eterna. Todas as mais cousas nesta vida,

só nos são permissidas em quanto servem de meios para acertar nesta grande empresa. Se esta se perde, perde-se tudo: pois perdemos para sempre, e sem remedio ao mesmo Deos, que encerra em si todos os bens; e fóra do qual não há, nem póde haver verdadeiro, e sólido bem.

A salvação he propriamente o nosso negocio pessoal; os mais todos são alheios. Quando tratamos dos outros negocios, he para proveito dos filhos, dos amigos, da familia, da Comunidade, ou da República: e assim em tudo isto não fazemos, nem tratamos algum negocio proprio. Todas as mais cousas desta vida são temporaes; só quando huma pessoa cuida da salvação, cuida de hum negocio, que durará eternamente.

Ainda que em tudo o mais, por mui importante que pareça, não se acerte, sempre he mal que tem remedio; e ainda que o não tivera, com tanto, que se acerte na salvação, não se tem perdido nada. Só a perda da alma he irreparavel, toda a Eternidade não será bastante para chora-la.

Poderá por ventura consolar-se hum homem muito desta perda, lembrando-se que acertou em todas as mais suas pertençoens, que importavaõ pouco, e que só desprezou este importantissimo negocio, de que dependia huma felicidade eterna?

Se vivermos huma vida obscura, se estivermos esquecidos de todo o mundo, sem amigos, sem protecçoens dos grandes; se morreremos pobres, e em hum total desamparo, importa tudo bem pouco, com tanto que nos salvemos; a salvação recupera em hum instante todas as perdas, e todos os trabalhos, e misérias da vida: mas se nos condemnarmos, de que servirá o ter sido ricos, e poderosos no mundo? de que nos servirá o ter sido muitos sabios, e muito habeis para tudo, se viermos a ser taõ infelizes, que nos

con-

condennemos aos fogos eternos.

Todo o Universo armado contra hum homem, não lhe pôde tirar o Ceo, nem ainda turbar de huma forte a sua felicidade, se se salvou. Todo o Universo, que conspire á favor de hum homem, não pôde faze-lo, não digo eu, feliz, mas nem ainda menos miseravel, se se condemnou. Ah! de que serve a hum homem ganhar todo o mundo, se elle perde a sua alma? e que se lhe poderá dar, que o possa resarcir de huma perda tão consideravel? *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, anime verò sue detrimentum patiatur?* Matth. 16.

He cousa bem incomprehensivel, que convindo todo o mundo que de todos os negocios, que temos para tratar nesta vida, o da salvaçãõ he o de maior importancia, e o que unicamente nos importa; e que com tudo seja o que mais desprezamos, e menos temos no coraçãõ?

Estudos contrarios, divertimentos, visitas de cumprimento, inuteis conversaçõens, empregos, tudo nos parece muito necessario, e tudo nos occupa, e leva o tempo; nunca nos podemos desembaraçar destas, e outras semelhantes occupaçõens; achamos sempre pretextos para não as differir para outro tempo: mas se he necessario applicar-nos seriamente ao negocio da salvaçãõ, sempre he muito cedo, sempre haverá muito tempo para o diante; e o que he mais para admirar, nunca há oportunidade.

Certamente he necessario que façamos bem fraca idêa do que he a salvaçãõ eterna, para se fazer tão pouco caso della: ninguem se contentaria de pôr tão pouco tempo, nem tão pouca applicaçãõ em os seus negocios temporaes. E que bom successo se esperaria delles, se qualquer não pozesse nem mais tempo, nem mais cuidado, do
que

que ordinariamente se poem no negocio da Eternidade?

Nenhum homem haveria tão pouco zeloso do nosso bem, e tão pouco caritativo, que despresasse tanto a nossa salvação, como nós o fazemos, se ella dependesse tanto d'elle, como depende nos nossos cuidados.

Que cuidado não toma cada hum no seu emprego para sair bem com elle? Se alguem quer acomodar hum filho, ou associar-se em algum contrato, fazem-se infinitas diligencias, tirão-se mil informações, tomão-se tantos conselhos! que ineditas, que precauções não se tomão? e nunca parece bastante: mas se he preciso ao menos gastar algum tempo para a salvação, por pouco que seja, sempre parece muito.

Que prosperidade teria em seus negocios temporaes hum homem, que não trabalhasse mais nelles do que nós trabalhamos na nossa salvação? Certamente nunca nos capacitaríamos que este homem viria a ser muito rico; e parece-nos que chegaríamos a ser grandes santos, vivendo huma vida tão froxa, e tão tibia?

A salvação, sendo o negocio da Eternidade, não se póde trabalhar nella senão nesta vida, e todo este tempo he necessario. Deos nos assignou toda a nossa vida, para cuidarmos neste negocio, e não julgou que era necessario menos tempo para o conseguirmos; e nós julgamos que o podemos conseguir em menos tempo! se empregássemos na nossa salvação a centesima parte do tempo, e da applicação, que pomos nos negocios do seculo, viríamos a ser grandes santos: e com tudo, sendo esta a unica cousa necessaria, apenas lhe damos algum tempo, e ainda esse pouco, o choramos como perdido.

Quem considerasse o nosso modo de viver,
 não

não diria, que julgamos, que Deos he'nosso devedor, e nos ficará muito obrigado se nos salvarmos! Que idéa fariamos das grandes verdades, e maximas do Evangelho, se cresemos que se póde alcançar a salvação sem trabalhar, nem fazer mais do que fazemos?

Se hum homem de negocio, hum sabio, gasta hum dia inteiro, e o emprega todo nas obrigaçoens de Christão, chama-se isto commummente ter perdido o dia; mas se se passaõ os mezes inteiros em alguma producção do seu ingenho, ou nas occupaçoens do mundo, chama-se a isto ter trabalhado bem, e empregado utilmente o tempo.

A salvação he o nosso maior, e unico negocio: quando há hum negocio grande absorbe, e aniquilla de tal forte os mais todos, que apenas temos tempo de cuidar nestes, e consolamos nos da perda de todos, quando conseguimos aquelle grandê. Porém aqui succede tudo pelo contrario: a mais pequena perda dos bens temporaes, nos faz inconsolaveis, e nos enche de amargura ao mesmo tempo, que ficamos mui tranquillos depois de haver perdido a Graça: vive-se, buscaõ-se divertimentos, estamos em socego, no meio dos remorfos occultos de huma consciencia manchada com muitos peccados. Deixa-se ordinariamente para a ultima enfermidade o cuidado da salvação: que he o mesmo que para o negocio da Eternidade, para o negocio mais importante, e de maior consequencia, em que he necessario indispensavelmente trabalhar toda a vida, destinar hum tempo em que ninguem está capaz de trabalhar, nem ainda na cousa da mais pequena importancia, hum tempo, digo, em que huma pessoa está incapaz de tudo, em que já não he boa para cousa alguma.

Deos certamente não se enganou, dizendo,

que tudo o mais, excepto a salvação, não vale nada; não empregou mal certamente os seus cuidados, e a sua providencia, referindo, e ordenando tudo para este fim: donde procede logo o desmazelo para tudo o que respeita á nossa salvação? Deos, aquelle Senhor immenso, cheio de bondade, que comprehende, e que na verdade contém em si tudo, ha de nos parecer tão pequena cousa, que não se nos dê nada de o perder? Se o bem, e a felicidade, que perderão os condemnados, merecia tão pouco ser buscada; para que são tantas lagrimas, e tão crueis arrependimentos no Inferno? Se importa pouco o ser eternamente desgraçado, para que trememos nós mesmos, só com a lembrança desta infeliz eternidade? E se verdadeiramente cremos que isto he alguma cousa mui espantosa, e terrivel; como podemos viver mui descuidados, sem pôr diligencia alguma na salvação eterna, arriscando deste modo tudo?

Meu Deos! quantos excellentes dias mal empregados! Quantos annos perdidos! Sou bem infeliz, e bem desgraçado, por ter empregado tanto tempo tão vãmente! mas eu o farei ainda mais, se não começo neste instante a trabalhar seriamente na minha salvação. Ainda espero, Senhor, que chegue o tempo? Ah! talvez que já não haja tempo algum para mim. Espero que vós me soliciteis? Equando, ó meu Deos, o deixastes de o fazer? e quanto tempo há, que vós me solicitais, mas sempre inutilmente? E ainda a graça, que agora me dais, será inutil?

Até quando passarei os mais excellentes dias da minha vida em vãos passatempos, que eu mesmo sou o primeiro que os condemno? E condemno-os para me fazer mais culpado, continuando a perder o tempo destinado a tratar da salvação.

Até

Até quando terei por mui necessário, o que certamente sei me há de ser inútil para a Eternidade, em quanto desprezo unicamente a grande empresa da felicidade eterna?

Ah meu amabilíssimo Jesu! que dôr, que desesperação terei na hora da morte, vendo as razões, e os meios, que tenho tido de conseguir a minha salvação, e lembrando-me ao mesmo tempo do pensamento, e da facilidade, que agora tenho para o fazer, se passar a pouca vida que me resta, como atéqui tenho vivido? Ah meu Deus! vós não me castigastes atégora, ainda que o tenho merecido bem; e isto tem sido sem duvida, meu amavel e doce Redemptor, por queres dar-me ainda este dia para reconhecer o meu erro, e apartar-me dos meus caminhos errados. Eu confio desde agora, Senhor, na vossa graça, ainda que não a mereço; propriamente para este dia estava destinada a minha perfeita conversão. Esta resolução não será como as mais. Creio, estou plenamente convencido, vejo sensivelmente que não ha mais que hum só negocio importante na terra, que he o da minha salvação eterna, e só neste começo já a trabalhar seriamente.

II. P O N T O.

A salvação he o nosso unico negocio.

Considéra que a nossa salvação eterna não sómente he o mais importante de todos os nossos cuidados, e pertençaens, mas he propriamente o unico negocio que temos, e em que continuamente nos devemos occupar, se não quizermos gastar o tempo inutilmente.

Tudo o que no mundo se chamaõ empresas, a faltar propriamente, não merecem ter es-

te nome. Ao menos não são cousas, que nos pertençam como proprias; pois que fazendo, e tratando dessas cousas do seculo, tratamos mais dos negocios alheios, que dos nossos, e só trabalhamos para os que vierem depois de nós.

Qualquer negocio póde terminar-se, e fazer-se por meio de outra pessoa, e póde absolutamente perder-se sem sermos eternamente felizes, e desgraçados: só a salvação he a unica cousa, que não póde tratar-se senão pelos proprios cuidados de cada hum, e a qual não podemos desprezar sem perder-nos irremediavelmente por toda a Eternidade. He esta a unica cousa necessaria, de que falla tantas vezes Jesu Christo; he este o nosso unico negocio: unico, porque he este só o que nos importa mais, e cujo bom successo depende de algum modo de nós mesmos; unico, porque he elle só, que merece toda a nossa applicação: unico, porque só elle pede todos os nossos cuidados: unico em fim, porque depende só da nossa applicação, e da nossa diligencia.

He este o negocio de todo o mundo: do Rey no seu governo; do Bispo nos cuidados da sua Diocese; do sabio nos seus estudos; do soldado no seu estado; do mercador no seu commercio; do official no seu officio. Pouco importa que hum homem seja Rey, Prelado, Soldado, ou Mercador: não lhe he necessario ser sabio, ou ter muita habilidade; mas he absolutamente necessario a todos o salvarem-se, e serem santos: *Unum est necessarium.*

Nas occupaçoens ordinarias, se há falta, sempre há algum remedio; porém este importante negocio da salvação se se perde, não há remedio algum que o possa recuperar: todo aquelle, que não consegue o salvar-se, não tem feito nada, nem virá nunca a estado de poder remediar
esta

esta perda: aquelle que se condemna, está condemnado para sempre.

Por ventura seria bem recebido de hum Soberano o seu Embaixador, que voltando de hum Paiz estrangeiro lhe dissesse: Senhor, grandes cousas fiz na minha viagem, grangeei amigos, e reputação, enriquecime, gozei de muitos divertimentos, e em huma palavra, fiz tudo, excepto o unico negocio, a que me enviastes?

Estamos na terra sómente para nos salvarmos: Deos não tem outros designios, nem outro fim em nos crear, e conservar sobre a terra, mais que a nossa salvação, e a sua gloria; e como seremos bem recebidos d'elle na hora da morte, dizendo-lhe: Senhor, tenho feito grandes cousas no mundo, distingui-me muito pelo meu ingenho, pela minha industria, amontoei grandes riquezas, trabalhei com feliz successo na salvação alheia, só a propria desprezei, isto he, fiz tudo, excepto a unica cousa para que me creastes?

Com tudo, desta sorte poderá fallar a maior parte dos homens, porque deste modo vive a maior parte delles: e se agora houvessemos de apparecer diante de Deos, e dar-lhe conta da nossa vida, poderíamos fallar-lhe de outra fórma? Falla-se tanto da salvação, da Eternidade, desta unica cousa necessaria; e por ventura he certo que há huma eternidade, que se há de seguir a esta vida, e que esta vida me foi concedida para tratar do negocio da Eternidade? He sem duvida, que está tudo perdido para mim sem remedio, e que perco a minha alma vivendo como a maior parte dos homens vive, e como talvez eu mesmo tenho vivido atéqui; e que me encherrei de desesperação na hora da morte por não ter feito o que podia, e devia fazer, e que verei sensivelmente, que tudo o que mais me occupa agora, he nada.

Meu

Meu Divino Salvador ! cremos por ventura que a nossa salvação he a nossa maior empreza ? Os demonios , e os condemnados o crem tambem , e ainda melhor do que nós , especulativamente ; mas por ventura cremos nós estas verdades com huma sciencia pratica , que he só a sciencia dos Santos ?

Que ! os negocios alheios haõ de redundar em utilidade nossa ? As cousas temporaes , as obrigaçoens de civilidade , os divertimentos , e outros innumeraveis frivolos , e vaõs passatempos , haõ de occupar todo o nosso tempo ; e só o cuidado da salvação eterna há de ser a mais inferior das nossas occupaçoens , e nem ainda o trataremos como nosso proprio negocio !

De que serve ter-nos dado Deos a luz da razão , se ella se nos faz inutil para a unica cousa , para que nos foi dada , que foi para cuidar na salvação ? Ah ! só usamos do nosso entendimento para formar na imaginação cousas de nenhuma entidade ; queremos ter grande habilidade , quando se trata de cousas que naõ valem nada ; todos presumem dar sabios conselhos , e fazer resplandecer em tudo huma prudencia consummada , e com tudo isto saltamos ao ponto principal. Quando se trata da Eternidade , quando se trata de huma felicidade , ou infelicidade eterna , parece que nenhuma cousa se pôde dizer melhor , do que termos perdido o juizo. Mas o que he mais para admirar ainda , he , que convido todo o mundo , e conhecendo todos a importancia da salvação , e a inutilidade de tudo o mais , se applicuem com todo o cuidado a todas essas cousas que de nada valem , e desprezem a salvação.

Todos se presumem prudentes , e industriosos nos negocios do seculo , todos presumem ter muito prestimo para tudo : desprezar as cousas do mundo ,

mundo, ignorar a arte de acertar nellas, dizem que he não ter juizo, não ter modo, não saber viver: mas desprezar a salvaçaõ, não se lhe dar, nem pôr cuidado em acertar nella, como se se não perdesse cousa alguma perdendo a alma, he hoje huma cousa, de que ninguem se envergonha, nem se esconde: todos o sabem, fazem reflexaõ sobre isso mesmo, confessaõ-o publicamente, e até algumas vezes pertendem gloriar-se desta iniquidade: e por mui pouco Christaõ, que hum seja, por muito desordenado, e dissoluto; não deixa de passar por homem honrado, cheio de habilidade, com tanto, que saiba a arte de se fazer estimar no mundo, que saiba o segredo de ganhar as vontades dos homens.

Dar-se-hia por mui injuriado hum homem, se lhe dissessem, que não conhece os seus verdadeiros interesses, e que não sabe manear os negocios da sua familia: mas se o accusarem de não tratar da sua salvaçaõ, não o tomará por injuria. Certamente a razãõ disto he, porque não temos a salvaçaõ como interesse proprio. Men Deos! por ventura aquella cousa, que vós julgastes unicamente necessaria, já o não he!

Olhamos a perda da nossa alma sem alteraçãõ alguma; e a respeito dos nossos propios interesses temporaes, somos totalmente despropolitados, e fóra de razãõ. Confessamos planamente, que os Santos foraõ verdadeiramente sabios; e a razãõ porque foraõ sabios, he porque preferiraõ o cuidado da sua salvaçaõ a tudo o mais no mundo, e a olharaõ como a unica cousa necessaria.

Somos por ventura nós mais sabios do que elles, fazendo, e obrando tudo pelo contrario que elles? O cuidado da sua salvaçaõ os occupou totalmente toda a sua vida. Estamos por ventura muito occupados com a nossa? Errariaõ por ventura

tura os Santos em tomar tanto trabalho, e gastar tanto tempo em huma cousa, que nós fazemos tão barata? não certamente: mas nós somos os loucos em gastar tão pouco tempo em huma cousa, a qual pede toda a nossa diligencia, e todo o nosso tempo.

Temos achado acaso algum caminho novo, que o mesmo Jesu Christo ignorasse? ou esta salvação eterna, que custou tanto sangue a Jesu Christo, alcança-se já por menor preço, e não custa tanto?

Quaes são agora os sentimentos daquelles grandes homens, que respeitavamos como os mais intelligentes, e os mais instruidos no mundo politico, daquelles homens extraordinarios, que só se occupão em turbar, ou apaziguar o Universo, daquelles homens de riquezas, como lhe chama a Escriptura, que passaraõ toda a sua vida em huma especie de letargo a respeito da Eternidade? Que sentirão agora, se depois de terem acertado em tudo o mais, depois de terem vivido nos prazeres, na abundancia, estaõ desgraçadamente condemnados? Pois não lhe succede isto por haver amado demasiadamente o descanso, ou por falta de trabalhar na sua vida, que nunca foi isenta de turbaçoens: antes pelo contrario, a maior parte dos homens se tem condemnado por haverem abraçado muito as cousas inuteis, por terem trabalhado muito em cousas vãs, e por não terem cuidado na unica cousa necessaria, que só importava.

Ah Senhor! e não devo temer que seja eu deste numero, se continuo a viver como tenho vivido atéqui? Que tenho feito para me salvar? Que não tenho feito para minha perdição eterna? A minha salvação he a unica cousa que tenho desprezado, eu mesmo o confesso; e quem conside-

rar a minha insensibilidade, dirá que me não dá pena a perda da minha alma.

Meu Deos, espero, com huma confiança firme na vossa Divina misericordia, que brevemente se deixará ver pela mudança da minha vida, que tenho totalmente mudado de parecer. Quero salvar-me, meu amavel, e meu Divino Redemptor; e será daqui por diante a minha salvação a unica cousa que há de occupar todos os meus cuidados, assim como he a unica cousa, que os pede todos. Vós dais-me tempo de reparar a perda que tenho feito, e não he possível que me recuseis a vossa graça, da qual desde agora já sinto em mim os effeitos pela vontade sincera, que tenho de me converter. Conheço, e confesso, que tenho nesta vida só huma cousa que me importa unicamente, que he a minha salvação; estou resoluto a empenhede-la, e espero firmemente com á vossa graça o confeguei-la.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Fevereiro.

Dos motivos, que todos temos para trabalhar continuamente na nossa salvação.

I. PONTO.

Os motivos, que são communs a todos os Christãos.

C Onsidéra o que Deos tem feito para bem da nossa salvação. Parece tão occupado, e tão solícito em fazer-nos felizes, que se poderia dizer, que a sua felicidade depende da nossa. Que
naõ

naõ tem elle feito fazendo ao homem livre, e senhor da sua felicidade? E que naõ faz ainda continuamente para attrahir, e ganhar o seu coração? Elle lhe pede este coração, solicita-o, instiga-o, serve-se humas vezes de promessas, outras de ameaças, em fim naõ deixa cousa alguma, usa de todos os meios para vir a ter o nosso coração. E para que saõ taõ fervorosos cuidados? He porque depende de nós a perda da nossa alma, e elle quer, e deseja efficazmente a nossa salvação.

Comprehendemos nós acaso bem o ineffavel Mysterio da nossa Redempção? Naõ certamente: nem já mais o poderemos comprehender. Hum Deos se aniquila, para o dizer assim, para nos dar a conhecer até que excessõ estima a nossa alma, e até que ponto deseja a nossa felicidade eterna. Quem se atreveria nunca imaginar, que hum Deos se houvesse de fazer homem para a salvação destes mesmos homens?

Com tudo, este milagre se fez: e por muy grande que fosse, Deos naõ julgou, que isto era bastante para nos obrigar a ama-lo. He ainda necessario que huma vida de trinta annos passada em pobreza, e em trabalhos, se termine finalmente pela mais cruel, pela mais tyranna morte, que houve já mais. Exaqui o que vale a nossa alma, todo o sangue, todos os tormentos, a vida, e a morte de hum homem Deos. Jesu Christo descarnado a crueis golpes de açoutes, Jesu Christo expirando pendente em huma Cruz, exaqui o que custou a nossa alma: ainda importará pouco o perde-la?

Deos, este Senhor immenso, fazendo tudo quanto fez, naõ julgou que comprava muito caro a nossa salvação. E nós ainda cuidaremos que fazemos muito, por mais que façamos! E poderemos

remos em algum tempo fazer o que basta? Este bom Senhor não tem interesse algum na nossa salvação: e com tudo, que mais podia elle fazer por ella? E nós tendo tanto interesse em ganhar o Ceo, porque razão trabalhamos tão pouco para o alcançar?

Nesta mesma hora innumeraveis pessoas se achão desesperadas, por não terem feito o que eu posso ainda fazer; e eu mesmo me encherei tambem algum dia de desesperaçã, por não ter feito o que posso fazer. E pôde haver algum motivo mais forte, e mais poderoso para trabalhar incessantemente, e sem descanso?

Estamos ainda, graças ao Senhor, em estado de alcançar a salvação propria; estamos bem seguros, que he este o tempo proprio para cuidar desta grande empresa, e que Deos nos está offerecendo ao presente abundante graça para assim o fazermos: as mesmas reflexoens, que agora fazemos, os bons affectos, e santos movimentos que temos, são provas bem claras, e bem sensiveis dessa verdade. E quem nos disse que não he este aquelle importante momento, a que está ligada a nossa perdístinaçã, e de que depende a nossa felicidade eterna? Estou certo, que posso ao presente segurar a minha salvação por meio de huma sincera penitencia: tenho ao menos grande fundamento de duvidar, que se deixo de me converter agora, ponho-me em estado de nunca o fazer: e que! dilatar-me-hei ainda hum momento?

Estimamos ao menos a nossa alma tanto como o demonio a estima? Certamente seria coisa bem justa, se puzessemos tanto cuidado, e diligencia na nossa salvação, como o demonio poem para nos condemnar. Esta comparaçã he vergonhosa, mas com tudo he verdade que o demonio

nio faz muito caso, e tem em muito a nossa alma. Ainda que elle seja de huma natureza mais nobre que a dos homens, por mui soberbo que seja, não há cousa alguma tão baixa, e tão vil, que elle não esteja prompto a fazer para perder a nossa alma; e por mui grande, e dilatada que seja a resistencia, que se lhe faz, nunca desespere, nem se enfastia de fazer-nos guerra. Que constante, e continuada applicação em tentar-nos! Que destramente se aproveita das menores occasiões, que acha para nos perder! Meu Deos! he necessario que aprendamos do demonio a estimação, que devemos fazer da nossa alma; e que seja necessario reflectir na summa diligencia, e cuidado, que elle tem da nossa perdição, para dar aos Christãos motivos para trabalhar seriamente em ganhar o Ceo!

Meu Divino Salvador! por ventura ainda não fizeste bastante para me salvar? he preciso ainda ir buscar em outra parte novas razoens, para conceber huma justa idéa do que vale a minha alma, que vós remistes por hum preço tão grande? Vós me haveis resgatado, Senhor, e por isso sou vosso por dous titulos: e que motivo poderei ter em algum tempo capaz, que me embarace ser daqui por diante todo vosso?

Tenho feito estas mesmas reflexoens muitas vezes, tendo-me persuadido infinitas vezes, tanto como o estou agora destas grandes, e terriveis verdades: e que forte será a minha, se não viver melhor para o diante, do que tenho feito até aqui? De que me servirá conhecer, que ainda não principiei a trabalhar na minha salvação effizadamente, se não começo já neste instante a fazelo?

II. P O N T O.

Os motivos, que cada hum tem em particular.

C Onfidéra, que poderoso motivo he para nos obrigar a trabalhar, o especial cuidado, que Deos toma da nossa salvaçaõ?

Que esteja hum Deos, para o dizer assim, occupado, e applicado a este negocio, como se naõ houvesse no mundo mais que eu, e como se elle naõ podesse passar sem nós! E ainda nos será necessario algum motivo mais poderoso, e que nos obrigue a trabalhar, e cuidar neste Deos taõ bom!

Com que sabedoria naõ nos tem elle levado todos os instantes da nossa vida, desde que nascemos, para obrigar-nos a ama-lo! Que singular providencia a respeito da nossa salvaçaõ!

He por ventura pequena graça o nascer de pais Christaõs, ao mesmo tempo que outros nascem de pais Infieis? E he menor o ter sido creado no seio da Igreja, na qual talvez nunca entraríamos, se fossimos creados entre os erros?

Que felicidade o ter sido instruido por tal pessoa, de quem recebemos taõ bons principios, ter vivido com a outra, que me tem dado taõ bons exemplos, o ter achado hum taõ bom amigo, de quem recebi taõ bons conselhos! Nós cuidamos que tudo isto succedia por acaso; mas algum dia veremos, que foi effeito de huma providencia singular, e cheia de bondade.

Eramos inconsolaveis com a morte do parente, do amigo: julgamo-nos infelizes por sermos pobres, por termos menos talentos, por viver na obscuridade, e no esquecimento: aquella longa enfermidade, o successo molesto, e cheio de amargura nos faziaõ gemer, e punhaõ em
afflic-

afflicção : algum dia saberemos que a esta desgraça , a estes molestos , e tristes accidentes , em fim a todas estas pretendidas infelicidades devemos a nossa conversão , e salvação eterna.

Ha poucas pessoas , que não tenham corrido algum perigo , que não tenham estado enfermos , e talvez chegado á ultima extremidade. Deos bem via , que se morressemos neste estado , era inevitavel a nossa condemnação ; e ao mesmo tempo queria salvar-nos , e assim quiz ao menos ainda dar-nos tempo para a nossa penitencia.

Quantas lições santas , que nos parecia erão por acaso , mas na verdade erão muito de proposito ! Que felizes encontros certamente imprevisitos , mas tão proprios ao desígnio , que Deos tinha da nossa conversão ! Quantos pequenos milagres , para o dizer assim , se obravaõ em nosso favor ! Huma inspiração , huma reflexão que se fez , huma palavra que se ouviu , tem sido muitas vezes a causa de huma perfeita conversão.

Se temos a felicidade de estar consagrados ao serviço de Deos : lembremo-nos de tudo o que se passou na nossa vocação , examinemos de vagar todas as suas circumstancias , e admiremos com que sabedoria , e com que singular cuidado tem disposto este bom Senhor todas as cousas para a nossa felicidade.

Como succedeu o acharmo-nos em tal tempo com taes pessoas , e em tal lugar ! Que prodigio não terem os prazeres do mundo algum attractivo para nós em hum tempo , e em humidade em que naturalmente nos costumão , e nos podem mais encantar ! Que não deixassemos ofuscar a nossa imaginação com os falsos esplendores do mundo ! Que o mesmo amor dos pais não fosse prisão assaz forte para nos deter , a torrente do máo exemplo não nos arrastasse , e que
a auste-

a austeridade de huma vida em que tudo he violenta á natureza, não fosse capaz de defanimar-nos! e que em fim chegássemos a ter generosidade para acometter, e vencer os maiores obstáculos!

Quando tudo isto se achasse em huma pessoa já desgostada do mundo por muitos successos tristes, e amargosos, e por huma longa experiencia horrorizada com as terriveis ameaças de huma morte proxima, sempre seriaõ effectos visiveis da Graça: mas que tudo isto succedesse em humidade em que a fraqueza, e delicadeza da compleição, o gosto, que se acha em os novos prazeres, a esperança de huma grande fortuna, de hum rico estabelecimento, e huma longa vida, só inspiraõ naturalmente horror para hum estado tão santo: pôde haver hum milagre mais claro?

Mas donde vieraõ tão bons movimentos, e tão santos affectos, em hum tempo em que os mereciamos tão pouco? Fui escolhida entre outros muitos, que teriaõ servido muito melhor a Deos do que eu: e qual he a razão, porque não foraõ escolhidos, e donde procede o não terem elles perseverado, e que o mesmo Deos tenha permittido talvez que alguns não perseverassem para eu occupar o seu lugar? O! bondade ineffavel! O! misericordia, que excede tudo quanto posso imaginar!

Accrescentai a beneficios tão singulares tantas boas inspiraçoens, tantos desejos piedosos, outros innumeraveis favores, com que nos está prevenindo todos os dias. Os remorsos de consciencia, as inquietaçoens occultas, as turbaçoens interiores, de que serve para nos fazer buscar por hum caminho santo o verdadeiro repouso: são tantos effectos da sua misericordia, quantos poderosissimos motivos para trabalharmos continuamente.

nuamente, e sem descanso, na propria salvação,

Com effeito se estas visiveis provas do singular cuidado, que Deos toma da nossa felicidade, não nos obrigão a ama-lo, e servi-lo com todo o coração, e sem reserva; fomos os mais ingratos de todos os homens, e merecemos que nos castigue sem misericordia, e sem demora.

Exaqui grandes materias de meditação, exaqui sobre que se deveriao fazer sérias reflexoens muitas vezes, que seriao tanto mais proprias a mover-nos, e mais uteis, quanto ellas nos convêm mais singularmente: e como tudo isto são effeitos sensiveis de huma providencia tão benigna, e liberal, e manifestas mostras do amor extremo, que nos tem Deos com preferencia a outros muitos; assim tambem não ha nada mais proprio para nos inspirar huma Fé viva, huma confiança terna, e cheia de amor, huma generosidade verdadeiramente Christã, e hum amor ardente para com o mesmo Deos: e com tudo isto talvez que se achem pessoas, que nunca considerassem nestas cousas!

Ah Senhor! Em que cuidamos quando não consideramos estas verdades tão importantes, e só capazes de nos encher de hum solido prazer? Poderiamos por ventura deixar de trabalhar seriamente na nossa salvação, se considerassemos attentamente o que Deos tem feito, e o que faz todos os dias para nos salvar?

Grande razaõ certamente tem o demonio de empregar toda a sua industria para nos distrahir destes objectos tão capazes, e tão proprios de inspirar hum verdadeiro desejo de servir a Deos. Mas ao mesmo tempo nós somos bem culpados, passando tão ligeiramente por huns motivos tão urgentes para aspirar continuamente á perfeição do nosso estado.

Conf-

Consideremos agora com que fidelidade temos correspondido a tão grandes graças, e aos designios que tem tido Deos sobre nós; tomando tanto cuidado da nossa salvação. Examinemos qual foi atéqui a nossa negligência, convencidos das singulares bondades, e misericórdias immensas do Senhor, que com nosco tem usado, e da vontade, que tem de nos fazer santos: não dilatemos mais correspondêr a huma vontade, que nos he tão proveitosa; tomemos neste mesmo instante as medidas certas para chegar a ser taes. Este deve ser o fructo desta Meditação, e deste dia de Retiro: mas evitemos que não seja esta resolução como outras muitas, que não tiverão algum effecto.

Não permittais, Senhor, eu v'd-lo peço com toda a força, e efficacia; e sem olhar para as minhas infidelidades passadas, peço-vos que me perdoeis: dai-me graça para fazer efficazes os bons affectos, e santos movimentos, que agora me dais. Este mesmo dia de Retiro, que ao presente tenho; he hum novo beneficio da vossa liberal mão, e he para mim hum novo motivo para trabalhar na minha salvação sem demora, e com mais animo: tenho a vontade de salvar-me, e espero com a vossa graça ter algum dia a doce consolação de me ter salvado.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Fevereiro.

Do estado, a que a morte nos reduz.

A Preparação he quasi a mesma que a da terceira Meditação do mez precedente. Representa-se huma pessoa expirando, immovel em hum leito

leito, com as faces encovadas, a côr palida, os olhos espantados, e amortecidos, a boca abrindo-se a cada respiração, e que está quasi ficando aberta com o ultimo suspiro. Hum Sacerdote, e alguns domesticos postos de joelhos, pedindo ao Senhor que tenha misericordia deste moribundo, esperando todos que elle expire.

I. PONTO.

O que se passa na hora da morte.

Considera a que horroroso estado ficamos reduzidos na hora da morte. Immoveis, sem conhecimento, sem força, sem sentidos; desterrados para sempre do commercio dos homens, incapazes de toda a sociedade, desconhecidos a nossos mais intimos amigos. Já não ha nome, nem dignidade, empregos, qualidades, prazeres, honras, tudo se acabou: despojados de tudo, inúteis a tudo, não somos já capazes de cousa alguma no mundo, e já reputados por nada.

Este caracter, ou para melhor dizer, este retrato he horroroso, mas verdadeiramente he o meu retrato. Hei de ser hum dia este moribundo, despojado de tudo, e a tudo inutil, feito hum objecto de horror a todo o mundo, e só destinado a ser comido dos bichos na sepultura.

Ah Senhor, o que somos! E ainda nos encheremos de idéas vãs de grandeza, de frivolos divertimentos, e de puras quimeras! Só a morte nos representa bem vivamente taes como verdadeiramente somos; qualquer outra imagem nos lisonjea, e engana. É que triste cousa he o conhecer-nos só na morte!

Ha poucos dias que aquelle moribundo, cheio de saude, gostava as doçuras de hum rico estabelecimento.

belecimento, de hum novo emprego, e de huma fortuna, que principiava a fazer-se grande: aquella pessoa em tudo agradavel, e que brilhava em todos os ajuntamentos, e assembleas de prazeres, era como a alma de todas as festas, e de todos os divertimentos mundanos: com a cabeça cheia de mil projectos vaõs, tomava as mais justas medidas para a sua boa fortuna, fazia todos os esforços para satisfazer a sua ambição: e exaqui de repente huma apoplexia, huma febre, ou huma queda, escurece em hum momento todo este lustre, destrõe todos aquelles projectos, faz frustrados todos os designios, aniquilla todas estas esperanças, e muda este corpo em hum horroroso cadaver.

Senhor! que loucura he confiar na mocidade, em huma boa disposição, em hum emprego, em tudo finalmente o que se perde com a vida! Mas quando nos faria sabios o conhecimento desta verdade para deixarmos totalmente tudo o que se desvanece com a morte! Oh! e que objecto bem capaz de nos desenganar, e tirar dos nossos erros, he a vista de hum moribundo!

Olhai para aquelles horrorosos tregeitos da bocca, os olhos espantados, e as horriveis convulsoens de todo o corpo! Exaqui a que se reduzem todos aquelles modos brandos, e affectados, todas as graças, e todas as affectações dos mundanos.

Não vedes aquelle suor frio, que lentamente corre pelas faces abaixo? Pois exaqui o fim de todos os cuidados, e de todos os trabalhos que se tem tido para adquirir grandes riquezas: ouvis os suspiros, e os gritos mal formados do moribundo? Exahi em que se terminaõ todas as conversações pouco Christãs, e as desenfreadas

murmurações. O animo mais intrepido, a ambição mais desmedida, a mais elevada fortuna, tudo vem a acabar com a morte: este he o escolho inevitavel de toda a grandeza do mundo, ou mais cedo, ou mais tarde, tudo ha de vir a parar neste fatal termo.

Mas nesta terrivel extremidade, não se acha alguma cousa que conforte. Tudo conspira entã a turbar, e atormentar hum moribundo. A faldade dos bens que possuiu, e que agora perde; a violencia dos males que soffre, debaixo de cujo peso está opprimido; o horror de huma condemnação eterna, a que se vê exposto, e está temendo: tudo o atormenta.

Que he feito daquella fraqueza de animo? Que he feito das politicas mundanas? Onde está o esplendor, e aquelle grande Trem? Que he feito dos prazeres, e daquelle grande fausto? Tudo com o fumo se desvanece, e desaparece a nossos olhos, só com a visinhança da morte.

Apenas se sente que só restaõ ao moribundo alguns momentos de vida, logo se mudaõ todos os respeitos, que para elle haviaõ, em affectos de compaixão. Já olhaõ como a hum miseravel aquelle mesmo, que huns poucos dias antes era a todos hum grande objecto de inveja. E que homem haverá, ainda que seja o mais vil, e o mais baixo do mundo, que queira trocar a sua sorte com a de hum Grande, que antes tinha por feliz, posto neste estado?

Mas que pobreza entã, e que horroroso desamparo! Apenas tem expirado, logo se occupaõ das suas chaves, tomaõ posse dos seus bens, buscaõ adquirir outro amigo, e outro senhor. Os mesmos, que choraõ menos affectadamente, estáõ desejando, e quizeraõ que chegasse já o dia, em que a politica permite cessar o luto.

De



De que serve agora áquelle homem morrer rico com hum milhaõ, quero dizer, deixar hum milhaõ a seus herdeiros; se elle morre com as maõs vazias de boas obras, e a consciencia carregada de peccados?

De que lhe serve o ter mandado edificar hum magnifica casa, e te-la ornada de ricas alfaias? Está para ser privado della dentro de poucas horas. Os que lhe succedem, logo se aproveitaõ tranquillamente das suas despezas, e da sua economia: quanto a elle só lhe basta a sepultura. Já está feita a repartição das riquezas, que ajuntou. Nenhum homem ha mais pobre que elle neste estado: huma mortalha, e huma tumba ha de ser todo o seu movel. Estaõ para o levar pelo meio da cidade, mas isto só he para o enterrar: os que o acompanhaõ, já lhe naõ saõ nada: e toda a magnificencia mais cheia de fausto, e mais brilhante, se troca no horror da sepultura: *Et solum mihi superest sepulcrum.*

O' como he verdade, e como he certo, que todo este estrondoso lustre do seculo he hum especioso nada! Do qual nos he tanto menos permittido deixar-nos attrahir, quanto mais facil livrar-nos delle por meio de tantos exemplos. Sabendo eu certamente que hei de morrer, sabendo que hei de ser reduzido ao horroroso estado da morte, como posso occupar-me do infaciavel desejo dos bens, e dos prazeres desta vida?

E que desamparo de toda a parte! Parentes, amigos, todos se retiraõ, logo se acabaõ os cuidados, e todos os serviços, desde que a morte apparece. O moribundo quizera explicar-se nestas mais urgentes extremidades, mas naõ pôde. Que amargura, que afflicção, naõ poder ser soccorrido nesta ultima, e fatal extremidade! Elle faz signaes, mas naõ he entendido: pede algum alivio,

vio, já o não julgaõ capaz de o ter. Supponde que ereis o maior Monarca do Universo, e expiravas no meio de huma multidão de cortezaõs, e de criados: tu morrerias como o mais vil dos teus Vassallos, entre vivissimas, e crueis dôres, cercado de desgostos, e de amargosas angustias, que a morte faz sentir, sem que haja para ti mais remedio.

E seria entã para este moribundo remedio o lembrar-se que foi rico, e poderoso? Far-lhe-hiaõ grandes serviços, se elle estivesse em estado de ver, pondo-lhe diante dos olhos suas magnificas tapeçarias, e suberbos ornatos, monumentos da sua vaidade? Ser-lhe-hia de algum alivio o trazer-lhe á memoria os bailes, e os espectaculos a que assistia, as muitas horas que gastava no jogo, e todos os divertimentos, que fizeram a principal occupaçaõ de toda a sua vida? A viva imagem de huma vida de delicias, e sensual, pôde dar confiança, e pôde consolar a hum Christãõ, que está para expirar? E sendo isto assim, como pôde esta vida ser buscada, e amada em outro tempo?

Morre finalmente o enfermo: ó Deos! como he espantoso este momento, que poem fim a esta vida temporal, e dá principio á eterna! Morre aquelle homem desse suberbo mundo, que se achava em todos os prazeres: morre aquelle homem embaraçado, e prezo com habitos taõ criminosos: e se he homem, por cujas maõs passaraõ tantos negocios, os quaes nunca examinou bem; que deploravel, e digno de se chorar he o achar-se hum homem com tal embaraço na hora da morte!

Morre finalmente aquella pessoa taõ mundana, que muitas vezes para socegar a sua consciencia, e para firmar-se na sua livre dissoluçaõ, dizia

dizia a si mesmo, que se havia de converter na hora da morte. Morre, e ainda não está convertido, e já não está em estado de se converter, e tem já hum pezar, e arrependimento, que será eterno, de ter dilatado a sua conversão.

Vós, ó meu Deos, que por vossa misericordia quereis dar-me o pensamento, tempo, e desejo de evitar, e prevenir huma tal desgraça, dignai-vos de acabar a vossa obra. Eu seria o mais culpado, e o mais desgraçado de todos os homens, se sentindo nesta hora a amargura daquella cruel angustia, não a procurasse evitar por huma prompta, e sincera conversão.

II. P O N T O.

Reflexão sobre o que se passa na hora da morte:

C Onsidera que differença ha entre o estado, em que se acha huma pessoa na hora da morte, e aquelle em que viveu toda a sua vida. Aquelles olhos amortecidos, a côr pallida, aquella voz sumida, que pouco se parecem com aquelles modos engraçados, e mundanos, com aquella viveza, e com todo o esplendor de que se vangloriava!

Sucedem aos prazeres os choros, e os pezares; aos bellos, e bem passados dias, se segue huma profunda noute: com esta differença, que os divertidos dias passáráo como hum relampago, e a noute dura para toda a Eternidade: os prazeres estaõ esquecidos, os choros, e os pezares nunca se acabarão.

Meu Deos! Que distinctamente se vê no rosto, e nos olhos do moribundo a natural imagem da vaidade desta vida, e do nada de todas as fantasticas grandezas! Que claramente apparece nes-
re

te ultimo momento a vileza, e o nada dos passatempos, e de todas as maximas do mundo! Mas he cousa bem triste, e bem funesta, não se conhecer este erro, senão quando já não ha tempo para o emendar.

Os vadios, e mundanos olhaõ, e tem por miseraveis as pessoas virtuosas, e as trataõ como espiritos pequenos, e baixos. Que desengraçadamente motejaõ a sua modestia, sua delicadeza de consciencia, e sua regularidade! Quem os ouvisse fallar, diria, que não ha juizo, senão entre aquelles, que vivem segundo as maximas do mundo.

Se perguntassemos a hum destes quando morre, se persiste ainda nos seus primeiros sentimentos, se continúa a julgar taõ baixamente das pessoas de virtude, e que juizo faz agora das maximas do mundo! que crueldade seria trazer-lhe a memoria taes cousas! Que raiva, que desesperaçãõ terá elle de as ter seguido! Com que horror não fica hum homem todo occupado, desde que se vê ameaçado da morte, e no momento em que, enfraquecendo-se os sentidos, começa a perder de vista o mundo! Que turbaçãõ! que medo! que dôr! O Sol, diz elle, já não luzirá para mim: Ah! tudo desaparece, todas as creaturas me fogem. Que me importa ao presente ter luzido, ter levado vantajem, e a primazia a todos, ter feito, e trabalhado tanto para o mundo? Elle está já acabando para mim.

Que he feito daquellas sociedades, daquelles gostos, e daquelles prazeres? Eu já não apparecerei mais nelles, ahi já outro tem tomado o meu lugar. Os dias bons passaraõ, todas as alegrias estaõ acabadas para mim; já não sirvo de nada, nem a parentes, nem a amigos, nem a filhos. Os horrores da morte me tem todo occupado,

gado, sinto-me desfalecer : eu morro. Exaqui o decisivo momento da minha sorte eterna. O' terrivel estado ! O' espantoso fim !

Para que gastei as minhas forças , e a minha faude em amontoar riquezas ? Ah ! talvez não me enterrarão , nem ainda com o vestido em que expiro. Devia eu tomar tanto cuidado de huma formosura , que está já feita hum objecto de horror ? Era necessario fazer tanto estrondo para morrer agora com tantas dores ? E que lucro tenho ao presente de ter servido o mundo ? Huma consciencia carregada de peccados , huma desesperaçã consumidora , hum amargoso arrependimento ! E que dura cousa he o ter este arrependimento , quando he já sem fructo !

Naõ he para admirar , que se morra despojado de todas as cousas em hum desamparo universal. Por ventura as riquezas , as heranças , as magnificas alfaias , servirão de muito a hum homem que morre ? Todos os bens do seculo para hum moribundo são como se nunca existissem , ou como se outro os tivesse.

E de que consolação será a presença dos parentes a huma pessoa , que tem perdido todo o conhecimento , ou que não poderá ver , ou conhecer os que deixa , senão para se affligir ? Mas he cousa bem para admirar , que estejamos tão apegados a tudo , o que certamente havemos de deixar com a vida ! Oh quanto mais valle desapegar-mo-nos de tudo , em quanto dura a vida , do que sentir , e ver na hora da morte arrancar o nosso coração das creaturas !

Rimos , jogamos , e divertimo-nos na mesma casa , que algum dia estará armada de luto para os funeraes. Aquelle criado , que me serve , ajudará talvez a por-me na tumba , e a levar-me para a sepultura. E que saudavel he a pratica de

naõ entrar jámais no aposento, sem trazer á memoria o dia, em que nos tirarãõ dalli para nos enterrarem!

Se quando hum mundano vai aos espectaculos, ou aos bailes, considerasse no miseravel estado, em que se achará deitado em huma cama na hora da morte, e no cruel arrependimento, que terá entãõ de se ter achado nestas assembleas profanas; he certo que nunca jámais appareceria nellas. Mas por ventura o naõ considerar agora nesta verdade, fará que naõ se desespere entãõ por se ter achado nellas?

Os enfeites, aquelles modos mundanos, e todos os ricos ornatos, servirãõ acaso para fazer os olhos menos horrorosos, a cõr menos pallida, e menos negra, e todo o rosto menos horrivel? Para que fugis agora de ver este retrato taõ natural? Dizem que este retrato faz desgostar do mundo: meu Deos! que dura, e que horrivel cousa he esperar o fim da vida para nos desgostar d'elle!

Que lucro se acha em se naõ cuidar na morte? Gozã-se os prazeres com menos turbaçãõ, vive-se nos peccados com mais segurança, apegamo-nos ás creaturas com mais ardor, seguimos as maximas do mundo com mais ancia, e com mais zelo: finalmente, em se naõ cuidando na morte, trabalha-se efficaçmente em procurar tudo o que faz a morte amargosa, e cheia de afflicçãõ. Quando se está nos prazeres, e gostos desta vida, teme-se cuidar na morte: mas por ventura na hora da morte cuidar-se-ha de boa vontade nesses mesmos prazeres?

Que horror! quando no meio dos ultimos combates da alma, que ainda se defende, se vê que ainda naõ temos vivido affaz bem para merecer a salvaçãõ! Sente-se que o Anjo exterminador

nador nos vai chamar para apparecer diante de Deos ; e que em menos de hum quarto de hora estaremos naquella immutavel , e terrivel Eternidade. Oh Deos , que horror ! que turbaçaõ , que pezar , que desesperaçãõ ! principalmente quando se fazem estas tristes reflexoens.

Eu tive tempo de trabalhar na minha salvaçaõ : mas este tempo já passou , e não tornará jámais. Conheci a inutilidade dos cuidados , em que me entertinha no mundo , senti a vaidade dos falsos prazeres , o nada das imaginadas grandezas , o perigo que corria no seu serviço : e estes pensamentos , e estes remorsos , e todas estas saudaveis reflexoens não me fizeraõ mais sabio , nem mais virtuoso. Meditei , conheci todas estas verdades : e com tudo me ceguei , e obstinei , e agora morro , e sou condemnado.

O^e misericordia do meu Deos , a quem devo as reflexoens saudaveis , que agora faço , não permittais que ellas me sejaõ inuteis.

Por muitas vezes á vista de hum corpo morto , me tenho desgostado dos vaõs prazeres desta vida : muitas vezes detestei as vaidades , de que o mundo se serve para nos enganar : e que se seguiu daqui ? E que se seguirá agora destas reflexoens ? Ah ! perde-se o fructo destes sentimentos com a vista do cadaver : e tirarei por ventura ao presente mais fructo de meditar estas verdades ?

Sim , eu me aproveitarei , meu doce , e meu Divino Salvador. Que ! seria bom que as reflexoens que faço , e os bons sentimentos que tenho , só servissem de fazer a minha morte mais amargosa , meus arrependimentos mais crueis , e a minha desesperaçãõ mais certa ? Meu amabilissimo , e adoravel Redemptor , eu não abuzarei de huma tão grande graça : eu começo nesta mes-
ma

ma hora, por meio de huma vida santa, a preparar-me a morrer bem, e nem quero esperar para esta tarde, para me preparar, mas ha de ser já.

Dixi nunc cœpi; hec mutatio dexterae Excelsi.

Sim livremente digo, que começo a servir a Deos nesta mesma hora; e que só á mão do Altissimo devo esta conversão.

Ne forte superveniat in vos repentina dies illa.

Estai sempre dispostos para fazer a jornada, para que vos não mandem partir quando o não esperades.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do Mez
de Março.

Da Paixão de nosso Senhor Jhesu Christo.

SO a simples historia da Paixão de Jhesu Christo, tal como a descrevem os Evangelistas, he huma materia de meditações tão terna, tão penetrante, e provê naturalmente o espirito de tantas reflexoens, e de affectos tão piedosos: que parece não se pôde fazer cousa alguma melhor nas tres seguintes Meditações, do que contar mui simplesmente, confôrme a descripção que faz o Evangelho, tudo o que o Salvador do mundo padeceu nos tres principaes theatros de sua Paixão. Huma alma fiel achará facilmente só nesta expozição, acompanhada de algumas reflexoens, que meditar por muitas horas. Basta para huma pessoa se mover, ler o que
humi

hum Deos soffre por amor dos homens, e crer verdadeiramente o que lê.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Dos trabalhos, que padeceu Jesu Christo em o Horto.

I. PONTO.

O que Jesu Christo soffreu no Horto.

Considera, como Jesu Christo, tendo sahido de Jerusalem se encaminhou para o monte Olivete, onde tinha por costume orar durante a noite: e tendo passado a torrente de Cedron com os seus onze Apostolos, deixou oito delles ao pé deste monte, onde havia hum lugar chamado Gethsemani.

Ficai aqui, lhes diz o Senhor, em quanto eu vou fazer a minha oração. E levando consigo os tres discipulos que amava mais, S. Pedro, Santiago, e S. João; conduzio-os para hum jardim, onde logo os advertio que orassem para alcançarem socorro do Ceo contra a tentação, que os ameaçava.

E quaes foram os pensamentos, e os affectos deste divino Salvador nesta jornada?

Apenas elle se apartou hum pouco a huma parte mais retirada do jardim, logo, ainda que nunca tinha sentido em sua alma outras paixoes, mais que as que elle em si mesmo excitava, quer nesta occasião por amor de nós entregar-se a todas as mais cruéis, e ás mais violentas. E como vinha expiar todos os peccados dos homens, começa

meça a sua Paixão pelas dôres interiores , e pelas angustias do coração.

Huma multidão de objectos os mais tristes, e mais horrorosos , se apresenta vivamente á sua imaginação , e lhe fazem sentir anticipadamente todos os tormentos de sua sacratissima Paixão.

Representa-se-lhe da maneira a mais viva , com que ignominia há de ser arrastado pelas ruas de Jerusalem , como hum embusteiro : cuspidos , descarnado a golpes de açoutes , coroado de espinhos , como o mais famoso malvado : cravado finalmente em huma Cruz , como o opprobrio do Genero humano , e abominação de seu povo. Que viva impressã não faria no espirito , e no coração de hum homem Deos huma imagem tão horrorosa ?

Que tristeza ! que dor ! quando se lhe representa a enorme traição do seu discipulo , a horrivel ingratição de hum povo cheio de tantos beneficios , e a cobarde fugida de seus Apostolos. Hum tão grosseiro tratamento he hum tormento bem cruel para hum bom coração : e houve já mais algum melhor que o do Salvador dos homens ? Oh quanto o faria padecer este tão vivo conhecimento !

Com effeito o excesso de suas afflicções interiores he tão grande , que elle não o pode diffimular. Elle o faz conhecer a seus Apostolos. Eu estou padecendo cruezs tormentos , lhes diz o Senhor , a tristeza, em que estou submergido me opprime , e he bem capaz de me fazer morrer. Mas os seus Apostolos estão muito adormecidos , para se poderem compadecer da sua afflicção : e esta mesma indifferença , esta insensibilidade seria pequeno tormento para Jesu Christo ?

Torna ao lugar da sua Oração ; e dobrando o seu fervor , augmenta suas afflicções : na
da

da escapa, nem á sua memoria, nem ao seu coração; junta presentes na sua alma todos os tormentos, todas as circumstancias da sua Paixão; penetra todo o seu rigor, e sente em si muito de vagar toda a sua amargura. O horror o occupa todo, e ó poem em huma tal oppressão de espirito, que chega a desfalecer. Oh meu doce Jesu, quanto vos custa amar-me com tanto excesso! Quando tirarei eu do meu coração algum affecto de ternura para vos agradecer tanto amor?

Mas o que agrava, e augmenta mais a sua dôr, he ver por hum antecipado conhecimento o abuso sacrilego, que tantos peccadores haviaõ de fazer das graças, que elle lhes vai adquirir com o seu sangue.

Elle quer salvar a todos os homens; e a maior parte delles se há de perder. Aceita todos os tormentos, e ainda a mesma morte mais infame, para apagar nossos peccados; e a terra estará sempre cheia de peccadores; morre por amor do seu povo; e este infeliz povo não se aproveitará da sua morte.

Agitado com estes tristes, e crueis pensamentos, quaes foraõ os movimentos do seu coração; A sua dôr he muito excessiva, elle se turba: a sua tristeza se augmenta, huma mortal desconsolação o enche de tristeza, e o abate. Deste modo este amavel Salvador reparando com as suas afflicçoens interiores as desordens do nosso coração, se entrega a tão violentos combates, se priva voluntariamente de tudo o que poderia suavizar a sua dôr, e se vê reduzido a huma especie de agonia, na qual lhe he necessario hum milagre para não morrer.

Neste estado tão digno de compaixão, que o faz verdadeiramente homem de dôr, prostra-se
em

em terra com o rosto banhado em lágrimas : e nesta postura de humilde requerente encaminha ao Ceo sua oração.

Meu Pai , meu amavel Pai , unica testemunha de minhas penas , e que só podeis comprehender o excesso de minha dôr , vós sabeis com que resignação aceito este caliz. Na verdade a sua amargura he excessiva ; e a attender só á minha natureza humana , eu vos pediria que o apartafseis de mim , e me dispensasseis de o beber : mas já que só pela minha morte hei de expiar todos os peccados dos homens , e assim o tendes ordenado , cumpra-se a vossa vontade. Não tendes algum respeito á natural averção que tenho á morte ; se a carne a teme , o espirito a deseja ; e o prazer , que tenho de fazer o que vos agrada , e morrer pela salvação dos homens , a elevará sempre assima da minha tristeza , e do meu abatimento. Que amor para nós ! que zelo para nossa salvação ! Em quanto o Salvador orava deste modo , os seus Discipulos adormecerão. He bem para admirar que no maior da sua dôr , em que sua alma estava submergida , se lembrasse delles , e interrompesse sua Oração para os ir acordar. Como , lhes diz elle , pudestes adormecer em hum tempo , em que he tão necessaria a vigilancia ? Não pudestes passar comigo huma hora sem vos deixares prender do somno ? Onde estão as provas do vosso amor para comigo , e do vosso valor ? Exaqui toda a sua queixa. Meu Deos , que força deve fazer esta queixa em hum coração racional , e Christão ?

Neste tempo o Filho de Deos sentindo augmentar-se a sua tristeza , torna ao lugar da sua Oração : e dobrando o seu fervor , repete com soluços interrompidos de lagrimas o mesmo , que já tinha dito muitas vezes a seu Pai. Disponde
de

de vosso Filho como vós agradecer: tudo, o que elle deseja, he que se faça a vossa vontade nelle, e que por sua morte fique satisfeita a vossa justiça de todos os peccados do mundo.

Tendo acabado a segunda Oraçãõ, achou a seus Apostolos adormecidos como dantes. Que cruel tormento he para hum bom coraçãõ a cobardia dos melhores amigos nas mais urgentes, e mais importantes occasioens!

O Senhor repetio terceira vez a sua Oraçãõ, nã qual augmentando-se o seu horror, entregou a sua alma; e seu corpo a huma tristeza excessiva; e como só buscava padecer, rejeitou todas as doçuras sensiveis, com que poderia ser aliviado.

O temor, e extrema tristeza tinhaõ, por hum effeito natural, ajuntado o sangue ao redor do coraçãõ; mas o amor, e desejo ardente de nossa salvaçãõ, tendo-o impellido, e espalhado com violencia por todo o corpo, fez-se do mesmo sangue hum suor taõ abundante, que regou a terra. Que! tanto sangue espalhado por effeito do excessivo amor, que Jesu Christo me tem a mim, nã arrancará nunca de meus olhos huma só lagrima?

Entãõ o victorioso amor, tendo extinguido qualquer outra paixãõ, Jesu se levantou taõ resoluto, como nunca, a soffrer a morte: ensinando-nos por aqui, que principalmente á Oraçãõ devem os Justos as suas victorias.

Desperta seus Apostolos com huma doçura, da qual elles foraõ attrahidos; dizendo-lhes, que estava chegada a hora, e que se hia entregar nas mãos dos peccadores.

Ainda o Senhor estava fallando, quando Judas apparece na frente de huma companhia de soldados da guarda do Governador, seguida de

hum grande tropa de officiaes, e criados, huns armados com espadas, outros com páos; enviados todos para prenderem a Jesu Christo. Oh meu Deos! em que precipicios não cahimos quando vos deixamos, depois de vos haver conhecido?

Este traidor se adianta, e tendo ainda a insolencia de chamar Mestre àquelle, que elle mesmo vinha sacrificar á sua paixão, dá em Jesu o osculo mais cruel, que jámais houve.

Oh meu doce Jesu! que amargoso vos feria este atraçoado osculo! O Salvador abraçando entãõ a ultima vez este desgraçado apóstata, e fallando-lhe com hum tom de Pai: Amigo, lhe diz, com hum osculo te atreves a prender-me, e a entregar-me? Que causa te dei para me tratares deste modo? Era necessario servir-te de signal o mais sensível de huma terna amizade, para fazeres huma traição tão feia? Que coração haveria tão barbaro, que se não movesse, e entornecesse com huma tão doce queixa? Judas he insensível a huma reprehensão tão penetrante, e tão terna: entrega, vende o melhor de todos os Senhores, de quem tinha recebido tantos beneficios. Vende-o por trinta dinheiros, preço ordinario dos escravos; estando prompto a vende-lo ainda por menor preço; de forte que com qualquer cousa, que lhe dessem, se contentaria. Exaqui o caso, que se faz de hum Deos, quando se tem perdido a sua graça.

Seria muito facil a Jesu Christo o tirar-se das mãos desta tropa de malvados: porque, que podem todas as astucias, e todas as forças humanas contra hum Deos todo poderoso? Mas era propriamente o seu amor quem o sacrificava á gloria de seu Pai para a redempção do Genero humano. Jesu vai ao encontro de seus inimigos; e
ape-

apenas tem dito que he o mesmo, a quem elles buscaõ, quando a sua voz, como hum raio, os lança por terra: para que vejamos claramente, que se eile mesmo não se entregasse á morte por amor dos homens, nunca os Principes das trevas o poderião prender. Permite-lhes que se levantem, e que o prendão, depois de lhes haver dito segunda vez, que elle mesmo era o Jesu de Nazareth, a quem elles buscavaõ. E em quanto elle se deixa prender como hum cordeiro, prohibe-lhes, como Soberano, o mal tratar a seus Apostolos, e lhes manda que os deixem ir. Que cuidado não toma este amavel Salvador dos seus no mesmo tempo, que o trataõ taõ mal? Ah Senhor! hei de eu ser o culpado, e só vós haveis de receber o castigo?

Neste tempo a Cohorte, e o seu Capitaõ com os Officiaes dos Judæos o prenderão, e ataraõ.

Meu doce Jesu! que desordem he esta? Vós estais oprimido de tristeza á vista do que haveis de soffrer pelos meus peccados: e eu que pequei, passo os meus dias entre prazeres, em delicias, e cheio de alegria! Vós insensivel a todos os vossos trabalhos, estais prezo como hum fascinoroso: e eu vivo descansado em toda a minha liberdade! Vós sois arrastado com infamia sem dizer palavra: e eu fulmino mil queixas, finto vivos affectos de vingança, desde que se me representa que não me honraõ tanto como desejo.

Creerei sempre o que acabo de meditar, sem que seja enternecido de huma taõ penetrante, e taõ forte verdade? He possivel, que tendo eu contribuido tanto a pôr Jesu Christo no lamentavel estado, em que o vejo no Horto, seja insensivel a taõ dolorosa vista?

II. PONTO.

Reflexões sobre o que Jesu Christo padeceu no Horto.

Considera que excessivos seriaõ os tormentos, que Jesu Christo soffreu no Jardim do Olive; pois de todos os trabalhos, que este Divino Salvador soffreu em sua Paixã, podemos dizer, que só destes elle se queixou.

Naõ espera que os algozes venhaõ espalhar o seu sangue: taõ grande tormento he para elle a menor dilacã no padecer. Ainda que dentro de poucas horas havia de ser entregue ao furor de seus inimigos para ser sacrificado pela salvaçaõ dos homens, com tudo, este tempo lhe parece ainda muito apartado: tarda, e dilata-se-lhe o dar aos homens esta manifesta, e clara prova do seu amor. Faz do lugar da sua oraçaõ hum Altar, que elle rega com seu sangue; o amor fez aqui o officio de sacrificador; este amavel Jesu prostrado sobre o seu altar, he a victima deste sacrificio doloroso; e o ardor, em que o seu coracã se abraza, he o fogo que o consome; e tudo isto se faz por mim, por amor de mim se vai fazer este sacrificio sanguinolento.

Bem parece, meu Divino Jesu, que a vossa Paixã he effeito do vosso amor; só acho nella a minha infidelidade, e minhas ingraticoens, que naõ sejaõ da vossa escolha: e esta he toda a causa da vossa mortal tristeza. A crueldade dos algozes naõ tem alguma parte, para o dizer assim, nesta Paixã; toda a sua causa he a minha malicia.

A vista de minhas ingraticoens, de minhas desordens, de meus peccados; o antecipado conhecimento, que Jesu tinha da insensibilidade, em que ao presente estou, afflige, e atormenta o seu

Seu coração, até lhe ser necessário hum milagre para não morrer; isto he o que poem o seu coração em huma especie de agonia: e sempre hei de olhar, sem me mover nada, para Jesu neste estado?

Não he este aquelle caliz muito amargo, que Jesu recusa beber? quanto aos açoutes, os opprobrios, a coroa de espinhos, e a Cruz, havia já muito tempo que tudo isto era o objecto de seus mais ardentes desejos; e assim não se lhe podia fazer hum objecto de horror, e causar-lhe huma tão grande repugnancia. He pois só a perfidia de Judas, a reprovação dos Judeos, o abuso que haviaõ de fazer de seu fangue tantos reprobos, e particularmente a minha infidelidade, e a minha ingratitude, que affligem, e atormentam excessivamente a Jesu Christo, que o horrorizam, que o enchem de amargura, que o entristecem, e lhe fazem soffrer mil mortes a cada momento.

Minhas desordens, Senhor, que tinheis entãõ todas presentes á vossa alma, vos affligiaõ; e não vos consolarei eu em algum tempo com a minha verdadeira penitencia? Reduzir-se-há toda a minha religião a alguns sentimentos vaõs de compaixão, ao mesmo tempo que estou contribuindo tanto com meus peccados a augmentar as vossas dores, e as vossas penas? E estas reflexoens que agora faço, e que devo aos merecimentos deste precioso fangue, de que vos vejo banhado, não se farãõ para mim huma nova causa de condemnação, se não me aproveitar dellas, e a vós de algum modo huma nova causa de tristeza, e amargura?

E que sensível foi a este Divino Salvador a traição de Judas! Elle o tinha chamado, e escolhido por seu Apóstolo; tinha-o accumulado de
mil

mil favores, até o tinha distinguido pelos empregos; havia-o instruído com muito cuidado, admitido á sua mesa, ainda quando este traidor estava com o coração cheio de fel, e havia já concebido o impio desígnio de o entregar a seus inimigos, com quem tinha já convindo no preço, e finalmente estava resoluta a perde-lo: e nem a doçura, com que este amavel Salvador lhe falla, nem as ternas reprehensões que lhe dá, nem os novos signaes de amor, que lhe mostra, nem finalmente a ultima, e terrivel ruina com que o ameaça, podem mover, ou abrandar o coração deste pervertido Apostolo. Taõ difficiloso he converter-se hum peccador, que tem recebido singulares favores do Ceo, e que tem abusado por muito tempo da Graça! e não tenho bem razão de temer que me ache eu nas mesmas circumstancias, se resistir á Graça mais tempo?

O meu Deos, que terrivel he este exemplo, e capaz de me causar hum justo horror! Que estado mais santo, e mais perfeito, que o do Apostolado? Que vocação mais certa, e mais milagrosa, que a de Judas! Onde se podia estar mais ao abrigo das tempestades, das paixões, e das astucias do inimigo, do que debaixo dos olhos de Jesu Christo, e na companhia dos Apostolos? Com tudo Judas taõ bem chamado a hum estado taõ santo, instruído pelo mesmo Jesu Christo na Escola dos Santos, cheio, e accumulado de seus beneficios, testemunha de seus milagres; Judas se perverte, Judas commette o mais horrivel crime, que já mais se imaginou; Judas se condemna!

Não podemos dizer que lhe faltaraõ auxilios: o mesmo Jesu Christo lhe dá a mão; serve-se para o converter daquella mesma voz, com que tinha tirado tanta gente da sepultura; empre-
ga

ga a sua doçura , os seus rogos , as suas ameaças ; e Judas he insensivel a todas estas settas , Judas persiste no seu peccado , Judas se condemna.

Ah Senhor ! em que lugar , e em que estado sobre a terra estaremos em huma perfeita segurança ? E que pretexto teremos para não temer ? Oh que difficil he a conversão de hum Discipulo pervertido , que rara he ! E em que profundos precipicios cahe ! e que difficulosamente se aparta , e se tira da sua perdição huma alma , que tem servido a Deos , que tem gostado de Deos , e que se aparta do seu caminho !

Buscares vós com tanto cuidado , Senhor , aquelles que vos trataõ mal , e ainda aquelles mesmos que vos entregaõ , he na verdade effeito de huma bondade bem extraordinaria ; mas em fim he a bondade de hum Deos : mas que aquelles que vós buscais , e que experimentaõ quanto sois amavel , que aquelles mesmos que saõ penetrados , e cheios de indignação da perfidia do traidor Judas , vos saltem á fidelidade , e imitem todos os dias este perfido ! exaqui o que parece taõ incomprehensivel , como a malicia , como a mesma dureza daquelle malvado.

A traição de Judas he o mais enorme , e mais horrivel crime , que houve jámais ; mas Judas não chegou a este excessõ de repente. Tinha huma inclinação natural á avareza , e satisfazia com pequenos furtos esta inclinação viciosa. As suas murmuraçoens fazem ver bem claramente , que pouco mortificadas estavaõ as suas paixoens. Oh quanto he necessario , e quanto he importante suffocar desde o berço todos os monstros , que vem nascendo ! e que terriveis , que espantosas desordens causa em huma alma , ou mais cedo , ou mais tarde , huma paixão que se poupa , que se nutre , e que se fomenta !

Com

Com que doçura , e ao mesmo tempo com que industria , o Divino Salvador se applica todo a converter a Judas ! Elle descobre os seus mãos delignios , sem fazer conhecer o traidor ; *unus ex vobis* : fazendo-se ainda este bom modo inútil , declara a elle mesmo o seu crime : *tu dicis*. Parecendo-lhe que o perfido não está movido , e penetrado desta advertencia , faz sentir a desgraça do criminoso , e a enormidade do crime : *ve illi*. A sua obstinação não impede ao Salvador lavar-lhe os pés para emprender ainda a sua conversão. Jesu aos pés de Judas , que espectáculo ! Nada he capaz de abrandar o seu endurecido coração. Jesu ainda se digna de lhe chamar amigo , no mesmo tempo que este traidor o entrega : *Amice*.

Oh meu Deos ! quanto vos custa o perder-nos , e quanto vos entristeceis de ver-nos morrer ! Que não fazeis vós para o impedir ! Quantas reprehensões occultas , quantas advertencias doces , e amorosas ! Que instancias , que sollicitações antes de nos desamparar ! Mas que grande he a nossa dureza , e a nossa obstinação em resistir a hum tão grande zelo da nossa felicidade !

Quantas vezes movido eu das bondades excessivas do meu Salvador , e perguntando-lhe se feria em algum tempo tão desgraçado , que chegasse a offende-lo , me tem elle respondido no fundo do meu coração , que eu já o tinha offendido muito ! Que convites mais doces , que interiores reprehensões mais penetrantes , e mais ternas , do que as que me tem enviado para me levantar , e apartar dos meus erros !

Quantas vezes me pudera dizer com o Profeta : *Si inimicus meus maledixisset mihi , justiuissimè utique* ; se hum barbaro , se hum herege , se hum inimigo declarado me tivesse carregado de injurias , e me houvesse tratado com o maior

maior desprezo, eu teria tido paciência: *Tu verò homo unanimes!* mas tu, a quem fiz nascer no seio da Igreja, a quem tenho creado com tanto cuidado, livre de tantos perigos, enriquecido de tantos favores, amado com huma extrema ternura! tu, a quem tenho admittido á minha meza, nutrido, e sustentado com a minha propria carne, que te esqueças de meus beneficios! Que desprezes os meus favores! Que te ajuntes com os meus mais mortaes inimigos! E que ainda quando te chamo amigo, me sejas traidor: *Amice, ad quid venisti?*

Senhor, esta reprehensã me he tanto mais sensível, quanto ella me pertence mais: mas como he só para me converter, que me reprehendeis, espero com o auxilio de vossa graça, fazer cessar para mim esta reprehensã. Se o impio Judas no excessõ da sua dôr se viesse lançar a vossos pés, e diante de Pilatos, na presença de todo o povo, ou no Calvario vos viesse pedir perdã: com que alegria, meu doce Jesu, teríeis visto vir para vós esta ovelha desgarrada? A sua desesperaçã he hum dos maiores ultrajes, que este desgraçado vos fez. Quero aproveitar-me da sua desgraça, recorrendo á vossa infinita misericordia.

Espero que haveis de vencer a minha resistencia; e que me haveis de dar força para resistir a minhas paixõens, fazer huma pròmpta, e verdadeira penitencia, e para morrer a meus vicios, muito tempo antes da morte. Exaqui o que espero de vós, ó meu Deos, e exaqui o que vos peço.

Quanto seria digna de chorar a minha sorte, meu amavel, e meu Divino Salvador, se pudesse ver-vos com hum coraçã frio, e duro, no estado tão digno de compaixã, a que vos
redu-

reduzio a vossa ternura para comigo!

Ah! o amor vos prende muito mais estreitamente do que as cordas, com que vos vejo atado, e este mesmo amor não me prenderá já-mais a vós? e serei sempre insensível ás manifestas, e claras provas do vosso amor? Serei sempre ingrato, sempre tibio no vosso serviço? Trocai este coração, ó meu doce Jesu! Nada vos custa o faze-lo: eu não porei já-mais obstaculo a isso; porque parece-me que faço desde agora sinceramente a irrevogavel protestaçaõ de ser daqui por diante todo vosso. Seria necessario ainda para augmentar os vossos tormentos, que fosse verdade que a minha obstinaçaõ, e a minha malicia em não querer aproveitar-me das pias reflexoens, que ao presente faço, tenhaõ sido hum dos objectos da vossa tristeza, e do vosso abatimento no Horto?

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Março.

Do que padeceu Jesu Christo em Jerusaleem.

I. PONTO.

O que padeceu Jesu Christo em Jerusaleem.

Considera, como os Soldados, e todos os que forão enviados pelos Judeos, tendo preso a Jesu no monte Olivete, o ataraõ com duras cordas; e tratando-o com a maior ignominia, o conduziraõ para Jerusaleem, com lanternas, e fochas

chas acezas, e com hum tumulto tal, que dava a conhecer a todo o mundo, que levavaõ algum famoso ladraõ.

Quaes seriaõ os affectos de desprezo, e de indignaçãõ de todo este povo, quando viraõ que era Jesu aquelle grande Profeta, que havia tres dias tinhaõ recebido na mesma Cidade como o Messias, e que agora acabava de ser prezo como hum embusteiro por ordem do Magistrado? A sua veneraçãõ se mudou de pressa em desprezo, e em odio: mas quaes foraõ, e quaes deviaõ ser os affectos interiores de Jesu Christo?

Neste tempo aquelles, que levavaõ o Filho de Deos atado, e prezo como hum ladraõ, lançavaõ grandes gritos de alegria, e se applaudiaõ a si mesmos do que tinhaõ feito.

Levaraõ-o logo á presença de Annás, que tinha naquelle anno o cargo de Pontifice. Elle ficou sumamente gostoso de que tivessem prezo aquelle, a quem mortalmente aborrecia. Como sabia que este espectáculo daria gosto a Caifaz seu genro, enviou-lhe a Jesu assim mesmo como estava atado, para o examinar, e para o condemnar.

Caifaz sabendo que elle vinha, ajuntou consigo os Sacerdotes, os Escribas, e os Ancioens, que todos ardiaõ, e se consumiaõ no desejo de o ver a seus pés, e de poder exercitar nelle a sua cólera, e a sua vingança.

Pedro, envergonhado por ter desamparado o seu bom Mestre taõ cobardemente, esperava-o no caminho para o ver ainda ao menos huma vez antes de morrer. O medo o tinha feito fugir; mas o amor o fez voltar. Vê a seu Divino Salvador, que he conduzido vergonhosamente de casa de Annás para a de Caifaz; move-se, penetra-se todo com esta vista.

Vendo então hum dos Discipulos de Jesu, que mais animoso que os outros seguia de perto ao seu Divino Mestre, tomou animo, e se resolveu a o não deixar totalmente mais: mas não podendo vencer inteiramente o seu temor, só o seguia de longe, e não se atrevia a ajuntar-se com o Discipulo, que hia perto de Jesu.

Meu Deos! que funestas consequencias traz consigo qualquer reserva em materia de piedade! e como he certo que o temor de passar por Discipulo de Jesu Christo, ou mais cedo, ou mais tarde faz apostatas.

Pedro, que só seguia a Jesu de longe, estava com impaciencia de saber em que pararia todo aquelle tumulto: adiantou-se até o meio do lugar, em que os Officiaes, e todos os criados de casa se aquentavaõ: foi-se aquentar na sua companhia; e esta má companhia foi a causa da sua desgraça.

Neste tempo o Pontifice, que queria cobrir o seu má designio com boas apparencias, fez vir a Jesu á sua presença, e lhe perguntou por seus Discipulos, e por sua Doutrina. Jesu lhe respondeu: Que estava admirado de que elle mesmo lhe perguntasse pela sua doutrina; que sempre havia ensinado nos lugares mais publicos; que tinha sempre prégado a vista de todos, e que jámais tinha ensinado cousa alguma escondidamente; que se quizesse instruir-se perfeitamente da sua doutrina, não tinha mais que tomar o trabalho de a perguntar a todos os que a tinham ouvido.

Huma resposta tão sábia, e tão modesta, merecia hum applauso universal; ella com tudo lhe grangeou huma violenta, e ignominiosa bofetada, dada por hum Official de Justiça. Huma tal afronta era tratar como vil escravo o Rei dos Reis.

Reis; e todavia hum tratamento taõ injusto, e taõ injurioso foi taõ approvado, que se applaudo em toda a falla com grandes clamores contra o Salvador do mundo.

Este foi hum dos mais sensiveis ultrajes, que fizeram a Jesu Christo; de forte que este Divino Salvador, todo ancioso de padecer, não pôde com tudo nesta occasião dissimular o seu sentimento. Respondeu-lhe, mas com huma doçura, e huma modestia toda Divina: Se eu fallei mal, mostrame em que: mas se disse bem, para que me feres desta sorte.

Buscaõ de todas as partes alguma falsa testemunha contra Jesu para terem ao menos hum pretexto de o matarem. Porém por mais que fizessem para dar alguma cõr á sua calumnia, todas as falsas testemunhas, que apresentaraõ, se contradiziaõ taõ visivelmente, que o Salvador não se dignou responder huma só palavra para se justificar; e nunca puderaõ achar cousa alguma, que podesse dar a menor apparencia de verdade á calumnia.

Entaõ o Summo Sacerdote advertio em lhe perguntar hum ponto delicadissimo, e no qual julgou, que certamente não podia dispensar-se de lhe responder. Eu vos conjuro por Deos vivo, lhe diz elle, que nos digais se sois o Messias, o unico Filho de Deos. Sim, respondeu Jesu sem duvidar, eu sou o que vós dizeis: e tomando hum ar, e huma voz de Senhor, diz, Sabei, que algum dia vereis ao Filho do homem descer do Ceo, trazido sobre as nuvens, resplandecendo em gloria, e revestido de huma Magestade só propria daquelle, que está sentado á mão direita de Deos todo poderoso, e será entaõ o Juiz destes mesmos, que o não querem agora ter por seu Salvador.

Este

Este Oraculo , que deveria converte-los , irritou mais a sua colera , e o seu odio. Para que necessitamos mais destas testemunhas ? clamaõ elles : vós mesmos acabais de ouvir , que elle se faz o filho unigenito do nosso Deos : que vos parece ? Responderaõ todos por huma voz , que Jesu merecia a morte.

Exaqui pois o Santo dos Santos , a innocencia mesma , o Creador do Universo , e o Salvador de todos os homens , condemnado á morte pela mais enorme , e injusta sentença , pelo mais impio Tribunal , e contra todo o direito , e justiça.

Ah Senhor ! gritamos a qualquer injustiça , ou á menor injuria , que nos fazem : e o Filho de Deos naõ diz palavra , vendo-se condemnado á morte pelos impios !

Determinada a sua morte , todos se retiraõ , e entregaõ o Salvador por todo o resto da noite á crueldade dos soldados , e á insolencia dos criados , que naõ sómente zombáraõ d'elle , mas , olhando-o como huma victima destinada já á morte , o tratáraõ cruelissimamente.

Huns lhe cospem no rosto , outros lhe daõ pontapés ; estes lhe cobrem os olhos , e por zombaria a mais impia , e a mais afrontosa , que jámais houve , Falso Messias , lhe dizem dando-lhe bofetadas , advinha quem te deu. Os Officiaes incitaõ os soldados a maltrata-lo , dando-lhe elles mesmos com bengalas. Em fim estaõ todos como apostados , a quem lhe há de dizer mais injurias , e quem lhe há de dar mais golpes.

Oh Sabedoria eterna ! oh formosura infinita ! diante de quem todos os poderes do Ceo , da terra , e dos infernos devem dobrar os joelhos ; exaqui estais feito objecto da insolencia de huma multidão de malvados , e o ludibrio de tantos impios. Concebamos , se he possivel , as injurias , e as ignomi-

nomias com que Jesu foi maltratado, e o que soffreria este Divino Cordeiro o resto da noite no meio destas bestas ferozes.

Mas o que affligio mais o Salvador, foi a cahida do seu Apostolo. Pedro, que até entã só se tinha declarado ametade por discipulo de Jesu Christo, não esteve muito tempo sem o negar totalmente, até affirmar com juramento, que não conhecia aquelle homem. Que sensível seria esta infidelidade a hum coraçãõ tão terno como o de Jesu Christo?

Affim que vinha amanhecendo o dia, os inimigos do Salvador, de que estava composto o Conselho dos Judeos, tendo-se ajuntado, depois de muitas deliberaçoens, querendo ainda fazer a Jesu mais odioso a todo o povo, determinãõ faze-lo julgar ainda, e condemnar á morte por Poncio Pilatos, que governava na Judêa pelos Romanos. A este Tribunal conduzem o Salvador com as maõs atadas, como hum malvado, pelo meio de Jerusaleem, e pelas ruas cheias de gente.

Que espectáculo! Jesu com a cabeça descoberta, o rosto amortecido das bofetadas, as maõs atadas, pelo meio de huma multidãõ de povo, que o enche de mil blasfemias, e de todo o genero de injurias, conduzido ao Governador para receber a sua ultima sentença, por sollicitaçãõ dos Sacerdotes, e dos Ancioens, diante de hum Juiz estranho, que só conhecia dos crimes mais enormes. Pezai bem todas estas circumstancias. Quando, meu Divino Salvador, sararãõ os vossos opprobrios a minha soberba, e servirãõ de freio á minha ambiçãõ? Bem justo seria, que elles me fizessem menos delicado em pontos de honra, e mais humilde.

O Juiz Gentio descobrio brevemente a verdadeira causa do odio dos Judeos contra o Salvador,

vador, e da injustiça, que lhe faziaõ. Não tendo a calúnia podido faze-lo julgar criminoso em materia de Religiaõ, querem os Judeos neste Tribunal faze-lo passar por criminoso em causa de estado: mas as suas accusações todas se desvanecem: Pilatos reconhece, e declara publicamente a sua innocencia, e o envia a Herodes Tetrarca de Galilea, para não estar obrigado a julga-lo, e grangear hum amigo, á custa do Innocente.

Havia muito tempo, que Herodes desejava ver a Jesu, porém por hum motivo de curiosidade: assim o Salvador não se dignou responder huma só palavra a todas as suas vãs perguntas: tudo se terminou em zombarias, e afrontas; e aquelle, que merecia ser honrado como a Sabedoria eterna, foi tratado como louco por Herodes, e os seus.

Este máo Príncipe o mandou vestir por escarneo com huma vestidura branca: e assim vestido como Rey de theatro, o tornou a enviar a Pilatos.

He possível, Senhor, que não haja algum Tribunal, algum Estado no mundo, em que não sejais maltrado? Aborrecido dos Ancioens, amaldiçoado pelo povo, desprezado dos Grandes!

Pilatos fica sempre cada vez mais convencido da innocencia do Salvador; faz disto mesmo huma declaração publica: mas a sua desgraçada politica, e o respeito humano fazem commetter a mais horrivel injustiça. Eu estou resolute, diz elle aos Judeos, a livrar este Innocente, depois de lhe ter dado huma severa reprehensão, e prohibir-lhe debaixo de penas graves ensinar novas doutrinas. Esta proposição irritou muito mais o furor do povo, a quem os Sacerdotes tinhaõ cuidado

Uado de inflamar em raiva contra o Salvador: Pilatos pareceu-lhe, que tinha achado outro expediente para o livrar.

Era côstumê propor ao povo na vespera da Pascoa dous presos, e dar liberdade, e a vida a quem elle escolhesse. Pilatos advertio em dar-lhe a escolher duas pessoas, sobre cuja preferencia não havia que deliberar. Hum era Jesu, o Santo dos Santos: o outro Barabbás, hum malvado, falteador, ladraõ famoso, cabeça de huma companhia de ladroens, o qual havia pouco tinha sido carregado de ferros, por ter morto hum homem. Exaqui o competidor de Jesu: mas a quem haõ de escolher? Como he o mundo o que há de fazer eleiçaõ, certamente ficará Jesu esquecido, e desprezado.

Com effeito, ainda o Governador não tinha nomeado Jesu, e Barabbás, quando todo o ajuntamento do povo se poem a clamar: Apartai, tirai de nós esse embusteiro, não livreis o falso Messias, dai vida a Barabbás.

Exaqui a justiça, que se faz á sua virtude: exaqui o caso, que se faz do Messias. Pilatos pasmado, e cheio de indignaçãõ com hum tal furor, que quereis pois, lhes diz, que faça de Jesu? Seja crucificado, clama esta plebe inolente, crucifica-o, crucifica-o.

Mas que mal fez elle, replicou o Governador, e para que hei de condemnar hum homem á morte, sem que tenha feito couza alguma, que a mereça!

Mas dobrando-se os clamores, e pedindo o povo á imitaçaõ dos principaes Sacerdotes a sua morte com mais instancia, julgou, que o meio de focegar a sua raiva, ou ao menos de a mitigar, era po-lo em hum estado, que mettesse compaixãõ ainda aos mais cruezis. Manda pois prender a Jesu, e

açouta-lo tão cruelissimamente, que elle mesmo vendo-o no estado, em que os algozes o tinham posto, se encheu de horror.

Tinha entregue este Divino Cordeiro ao furor dos soldados, e criados dos Judeos, a quem elle tinha dado a entender, que lhe dariao prazer em não poupar a este delicado corpo. O intento de Pilatos, pondo a Jesu Christo em hum estado, que mettesse compaixão aos mais inhumanos, era focergar a raiva destes furiosos, sempre com tudo cada vez mais alterados, e mais desejosos do seu sangue.

Ah Senhor, a que estado estais reduzido! e que não vos possa já salvar a vida, senão fazendo-vos soffrer dôres, e affrontas mais insuportaveis, que a mesma morte!

A impia, e cruel ordem do Governador, foi executada com furor, e com excessão. O corpo adoravel deste Divino Cordeiro, foi descarnado a golpes de açoutes, com tanta crueldade, que só por milagre Jesu conservou a vida.

O mesmo Pilatos ficou horrorisado com esta vista; fez cessar aquelle chuveiro de açoutes: porém o pouco descanço, que derao a Jesu, foi só para lhe fazer soffrer hum novo tormento, e novos opprobrios. Os soldados, para darem mais gosto aos Judeos, lhe puzerao por zombaria huma capa vermelha nos hombros, huma cana na mão, e sobre a cabeça huma coroa de agudissimos espinhos. E nesta lamentavel figura, pondo-se os impios diante d'elle com hum joelho em terra, o saudavao por zombaria com o nome de Rey dos Judeos; e levantando-se, lhe cospiao no rosto: depois arrancando-lhe a cana das mãos, lhe davao com ella grandes golpes na cabeça, para fazerem entrar mais dentro as pontas dos espinhos, e tirar deste modo o sangue, que os açoutes tinhao poupado. Parece que todos disputavao entre si a quem o havia de atormentar mais.

Certa-

Certamente pareceu tão mudado, e tão desfigurado, que Pilatos não duvidou, que com a sua vista ainda os mais insensíveis se moverião. Sathio ainda outra vez da sua falla: e mandando pôr adiante o Filho de Deos neste lastimoso estado, exaqui tendes, lhes diz elle, o homem que vós me entregastes para o mandar matar; julgai vós mesmos se poderá ainda viver muito tempo; exaqui vo lo apresento, podereis ainda conhece-lo? Ainda temereis daqui por diante, que elle se faça o vosso Rey, e julgareis, que está em estado de ensinar mais novas doutrinas na vossa cidade? Deixai-o acabar com dôres, e no seu desfalecimento, o miseravel resto da vida, que ainda lhe fica.

Hum espectáculo tão triste irritou mais affim o povo, como os Sacerdotes. Estavaõ tão longe de se enternecer, que se ouviu bradar de todas as partes: Morra, seja crucificado, expire, morra com o ultimo castigo. Por mais que o Governador lhes representou a sua crueldade, a sua injustiça, elles o ameaçaraõ com a indignaçãõ do Imperador, se o não condemnava á morte.

Entãõ Pilatos cedendo á injustiça destes furiosos, que clamavaõ, que a vingança de seu sangue cahisse sobre elles, e seus filhos: depois de ter protestado, que o fazia conflagrado, condemnou o Salvador á morte, e deu a liberdade ao mais malvado homem Barabbás.

Exaqui está pois Jesu Christo condemnado á morte: estaõ todos contentes, todos triunfãõ.

Oh Divino Salvador! será possível, que tantos tormentos, tantas ignominias, tanto sangue espalhado para minha salvaçãõ, sirvaõ só para condemnar-me? E se não viver de outra sorte do que vivo, que posso racionalmente esperar? Não o permittais, Senhor: eu vos custei muito, não me deixeis agora assim perder. Minha salvaçãõ he o

preço do vosso sangue; fazei, que ella seja humo alivio das vossas penas: eu estou bem resolutto a lhe não pôr já obstaculo; e espero, que me haveis de dar a graça de vencer os que lhe tinha posto.

II. PONTO.

*Reflexões sobre o que Jesu Christo soffreu em Jerusa-
salem.*

C Onfidéra se estás muito movido do que acabas de ler, e se estás ainda pouco penetrado, examina se he verdade, ou ainda se he possivel o que crês.

Nós nos enterneceriamos todos, lendo huma semelhante historia, ainda quando soubessemos, que o que lessemos era huma fabula. Estamos bem certos da verdade desta historia: este tecido de injustiças, de opprobrios, de tormentos, e de crueldades he bem certo: a Pessoa adoravel, que soffré tantas crueldades, nos he bem claramente conhecida: e ainda havemos de estar indifferentes a respeito de hum objecto, que nos deve penetrar de huma verdadeira ternura? Sabemos, que he só por nosso amor, que este amavel Senhor padece, e nós o vemos padecer com o coração duro!

He possivel, que naquella prodigiosa multidão de povos, que então se achava em Jerusa-lem, não se achasse huma só pessoa assaz caritativa, e assaz agradecida, que tomasse o partido deste homem Deos? Havia entre elles muitos, que tinhão recebido de Jesu grandes beneficios; quasi todos tinhão sido testemunhas, e objecto de seus milagres; e não há hum só, que diga huma palavra em seu favor! Faz perder o juizo huma tão enorme, e tão feia ingratitude, e excita huma bem justa raiva contra aquelle Povo.

Ah

Ah Senhor ! e quanto mais nos devemos admirar, vendo a insensibilidade, que os Christãos tem com a lembrança dos tormentos do seu Salvador. Os Judeos vos desprezaráo, e maltrataráo tanto, não querendo conhecer-vos: poréna nós vos conhecemos, meu Divino Senhor: e estamos por ventura todos penetrados, e movidos, vendo tão indignos tratamentos? Quantas vezes temos visto a Jesu Christo ultrajado, e maltratado, sem tomarmos o valor de defender, e zelar a sua honra?

E poderemos comprehender a grandeza, e amargura de seus opprobrios, e de suas penas?

Que effeito, e que impressão deveria produzir no animo daquelle immenso povo, hum espectáculo tão estranho, quando ás duas horas da noute, sem estarem preparados para verem huma scena tão tragica, advertidos, e acordados somente pelo estrondo confuso de huma tropa de homens armados, divisaõ á luz de alguns archotes a Jesu Christo atado, e amarrado como hum criminoso, arrastado desapiadadamente pelas ruas daquelle grande Cidade: que ignominia, que opprobrio! Lembrei-me eu jámais do Deos, que adoro, e do Senhor, a quem sirvo, quando sou tão delicado em pontos de honra, quando sinto em mim huma viva ambiçã, quando estou cheio de odio contra aquelles, que me desprezã? Em quantas assemblêas mundanas se renova hoje o desprezo, que se fez de Jesu Christo, e da sua Doutrina em Jerusaleem? Murmura-se impia, e escandalosamente das cousas mais santas, sem que algum se atreva a tomar o partido da Religiaõ, e honrar a Jesu Christo. Há acaso no mundo muita sujeiçã, e respeito á palavra de Jesu Christo? Ah! com que desprezo saõ as suas maximas tratadas nelle! E até o mesmo Jesu Christo em seus

Templos não está livre dos insultos, e da infelicia desses homens licenciosos.

Tem os homens vergonha de serem tidos por Discipulos de Jesu Christo, fogem da qualidade de homem devoto, e religioso, com tanto ardor, como S. Pedro fugio, e se envergonhou de ser Discipulo de Jesu Christo, o Salvador dos homens. Hum criado insolente, e impio, descarrega huma grande bofetada em Jesu Christo, e toda a assemblêa se poem a rir: succede, que hum homem dissoluto, e de vida licenciosa faz em huma conversaçã mundana huma impia murmuraçã da virtude, faz hum insulto a Jesu Christo, fórma discursos injuriosos á Religiaõ, e ao Evangelho, e todos se poem a rir, e chamaõ a isto divertir a sociedade, todos o applaudem.

Quando o Filho de Deos não tivesse soffrido pela salvaçã dos homens mais, que huma só bofetada, que motivo era de pasmo, e de admiraçã, para quem conhece a dignidade, e todas as qualidades amabilissimas de sua pessoa! E que deve sentir no fundo de sua alma hum Christãõ, que considera o que Jesu Christo merece, e tudo o que Jesu Christo padeceu?

Quando hum homem no meio de seus trabalhos se vê honrado, he isto para elle ao menos huma especie de alivio em os seus males: mas a maior afflicçã, que póde haver, he quando os maiores trabalhos saõ acompanhados de injurias, de desprezo, e ainda de maiores ultrajes. Exaqui o que succede ao meu Divino Salvador. *Novissimum virorum, virum dolorum*: he o homem de dôres: elle as soffre todas, e no meio dessas mesmas dôres, he tratado como o infimo, e o mais desprezivel de todos os homens. E porque não nos lembramos deste ponto da nossa fé, em tantas occasioens, em que a nossa soberba nos faz obrar taõ pouco Christãmente? Que

Que dominio não tem a inveja sobre os corações, que ella tem inficionado com o seu veneno? As mesmas almas, na apparencia mais santas, não estão mais izentas della, que as outras. O Filho de Deos teria sido menos exposto á perseguição dos Sacerdotes, e a todas as palavras calumniosas dos Escribas, se tivesse feito menos prodigios: a virtude estará sempre como hum alvo á inveja. As pessoas virtuosas devem esperar, ao exemplo de Jesu Christo, serem perseguidas por mil modos: mas ay daquelles que exercitão a sua paciencia!

Pilatos conheceu a innocencia de Jesu Christo, quiz salva-lo, e com tudo o condemnou á morte. O meu Deos, que distancia há entre o conhecer-vos, e o amar-vos! Todo o mundo Christão vos conhece: e há nelle muitas pessoas, que vos amem? Pilatos queria salvar a Jesu Christo, cuja innocencia elle bem conhecia; mas não queria desagradar aos Judeos, cujo furor, e ameaças temia. Desgraçada politica, cega prudencia dos homens, pela qual se sacrifica a Religião á ambição, e ao interesse!

E que bem claramente se deixa ver a paciencia de Jesu no meio de tantas crueldades! Acha-se na sua Paixão em circumstancias, em que he mais difficultoso o calar-se. Fazem-lhe injurias tão manifestas; formão contra elle tão enormes, e tão falsas accusações; fazem-lhe soffrer afrontas tão brutaes, e tão deshumanas, que he bem para admirar, que as podesse soffrer sem dizer palavra. Que excellentes pretextos, ao que parece, não tinha elle de confundir a malicia de seus inimigos com suas palavras? Devia procurar a gloria de seu Pai, sustter a santidade de sua Doutrina, e evitar o escandalo: instaõ-no, fazem-lhe mil perguntas, e Jesu não diz palavra. Oh que grandes cousas nos diz este silencio, e que bellas lições nos dá!

Meu

Meu Deus ! que efficaz remedio deve ser contra os impetos das nossas paixoes , e contra os nossos affectos de vingança , e de colera , a paciencia de Jesu padecendo , a doçura inalteravel de seu rosto entre todas as crueldades , a tranquillidade de seu coração , a sua ternura no meio de tantas indignidades , e ultrajes , para com seus inimigos !

Que espectáculo ! Jesu Christo arrastado pelas ruas com as mãos atadas , como hum criminoso : Jesu Christo coberto de salivas , deshonorado com huma bofetada , carregado de açoites , e entregue á insolencia dos moços , e dos soldados , que por toda a noute zombarão , e escarnecerão d'elle : Jesu Christo desprezado em todos os tribunaes , Jesu Christo atado a huma columna , e deshumanamente descarnado a grandes golpes de açoites , como o mais vil dos homens ! Amor proprio , delicadeza humana , não acharás aqui de que te confundir ? Póde subsistir ainda á vista deste objecto a nossa sensualidade , a nossa froxidão ?

Ah Senhor ! ella atéqui tem subsistido : mas que será , se ainda viver em mim depois das reflexoes , que acabo de fazer sobre os vossos tormentos ? Tenho dous grandes objectos diante dos olhos : os tormentos de Jesu , e a insensibilidade dos Judeos , que o fizeram padecer tanto : e será possível , Senhor , que estes sejaõ o meu modelo , e que seja eu tão insensivel como elles ?

Oh amavel Jesu , era necessario que padecesseis tanto para me persuadires , que me amais , e obrigar-me a amar-vos com ternura ? Os vossos tormentos não puderaõ mover o coração dos vossos inimigos , poderão elles mover o meu ? Comprehendo eu bem quanto vós me amais ? E se o comprehendo , como vos amo tão pouco ? Posso eu affirmar que vos amo ? Ah Senhor ! de que me serve este conhecimento do pouco amor , que vos

tenho, se o meu coração não se muda? Mas esta mudança he obra vossa: eu mesmo já sinto o effeito da vossa graça, e o fructo dos vossos tormentos. Vou já neste instante a pôr a mim mesmo huma lei de não perder jámais de vista a Jesu na sua Paixão, ou me seja necessaria paciencia nos males desta vida, ou força para me defender da guerra, que me fazem os gostos, e os prazeres.

Não, meu doce Jesu, não perderei jámais de vista essa preciosa columna, a que estais atado; terei continuamente diante dos olhos esta innocente Victima deitada por terra, e banhada no seu sangue. Eu descobrirei em seus olhos meios fechados, e quasi extinctos, sobre os seus labios, e sobre o seu rosto pallido, e amortecido, alguns vestigios daquella eterna formosura, que faz a felicidade dos Bemaventurados na habitação da Gloria; direi a mim mesmo continuamente: *Vulneratus est propter iniquitates nostras*. Sou eu, ó meu Deos, sou eu ainda mais, que os vossos algozes, a causa, e o principio dos vossos trabalhos; e sou eu o que de todos os peccadores vos tenho descarregado maiores açoutes, com as minhas feias ingraticidios, e tão grandes peccados.

Oh Jesu! oh doce nome do Salvador! oh objecto de tantos desejos! O Ceo vos concedeu ao desejo de tantos para que fosseis tratado com a maior infamia, e com a mais horrivel crueldade; e eu ainda hei de augmentar a amargura do vosso caliz! Não o permittais, meu amavel Redemptor. A minha conversão há de ser hoje o preço de vossos trabalhos, e o fructo de todas estas reflexoens.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Março.

Da morte de nosso Senhor Jesu Christo.

I. PONTO.

O que se passou na morte de Jesu Christo.

Confidera, que tendo sido condemnado á morte o Salvador do mundo para satisfazer, e faltar o ardor infaciavel, que os Judeos tinhaõ de lhe arrancar a vida, foi entregue esta innocente Viçtima á sua raiva, e ao seu furor.

Estando açoutado taõ cruelmente, que todo seu corpo era huma só chaga, ainda naõ he isto bastante para contentar a este mesmo Senhor; de fórte, que o desejo de padecer, e o seu amor para nós, he ainda mais infaciavel, que o odio dos Judeos.

Vede com que raiva aquelles furiosos se lançaõ sobre o Divino Cordeiro. Despem no: o sangue tinha pegado a seu corpo a vestidura vermelha, com que o tinhaõ vestido por escarneo: tiraõ com violencia estas vestiduras, e com ellas arrancaõ a sua carne a pedaços: daõ lhe outra vez os seus vestidos, e lhe poem em seus hombros huma pesada cruz, com cujo peso cahe por terra.

Bem se vê, que tudo he extraordinario na Paixaõ de Jesu Christo: que homens se atreviaõ jámais a pôr huma carga taõ pesada a hum homem desfalecido com tantos tormentos, que cada hum delles por si só bastava para lhe tirar a vida? Porém, por mais fraco, por mais desfalecido,

lecido, que esteja o Salvador, quer elle mesmo levar a sua Cruz, para nos pôr diante dos olhos a indispensavel necessidade, que todos temos de levar a nossa; e não era só a sua, que elle levava, mas com ella levava tambem as nossas todas.

Sahê Jesu de Jerusalem com esta pesada carga sobre seus hombros; as suas dôres eraõ excessivas, e sua fraqueza extrema; fraqueza, ajoelha a cada passo; he necessario hum novo milagre para não expirar debaixo deste peso. Teriaõ compaixão de qualquer desgraçado, que vissem neste estado; mas para Jesu Christo nenhuma compaixão há: só tem para com elle dureza, e crueldade; quanto mais o vem padecer, mais obstinados estaõ em lhe procurar novos tormentos.

Perdoai-me, Senhor, expressoens tão baixas, e reflexoens tão indignas da Magestade de vossa Divina Pessoa; mas no estado, em que estais, não há creatura tão vil, e tão baixa, que não pareça menos desprezada, menos mal tratada do que vós.

O temor, que tiveraõ os Judeos, que Jesu Christo expirasse debaixo da pesada carga, e assim ficassem privados do maligno prazer, que queriaõ ter vendo-o expirar com infamia pendente na Cruz, obrigou a estes furiosos a alugar hum homem chamado Simão, para que levasse por alguns passos a sua Cruz com elle. Feliz homem por ter podido aliviar por alguns momentos aquelle, que voluntariamente se tinha carregado de todos os peccados dos homens! Ah Senhor! quando cessarei ao menos eu de augmentar as vossas penas com peccados novos? Quando me applicarei todo a aliviar-vos, para o dizer assim, levando ao vosso exemplo a minha cruz com paciencia?

O Filho de Deos hia chegando ao lugar do supplicio, chamado Calvario, quando divisou no meio daquella innumeravel multidão de povo, que
alli

alli tinha concorrido , algumas santas mulheres , que mostravaõ pelas suas lagrimas , e pelos seus suspiros , quanto sentiaõ os seus trabalhos.

O Salvador não pôde ve-las sem se enternecer: tanto sabe elle destinguir das turbas os seus fieis servos. Voltou-se pois para ellas , e lhes disse : Filhas de Jerusaleem , não vos afflijais com meus trabalhos , eu os soffro muito de boa vontade : o que me afflige cruelmente , e o que deveis chorar são os vossos proprios peccados , e dos vossos filhos , porque estes serã a fonte , e o principio de todas as vossas desgraças : porque se eu , que sou a mesma innocencia , padeço tormentos tão asperos , e tão terribes , por ter voluntariamente tomado sobre mim o peso dos vossos peccados , que devem esperar os peccadores , e qual será o rigor da Justiça de meu Pai para com elles ?

O Salvador estava tão pouco sensivel aos seus proprios males , e tão occupado dos nossos , que dizia isto caminhando para o lugar do supplicio. Chega em fim ao lugar destinado para servir de altar ao mais santo de todos os Sacrificios : no maior das suas dôres daõ-lhe hum pouco de vinho misturado de vinagre , e de mirra. Quiz gostar esta amargura , não recusando cousa alguma , que podesse atormenta-lo : mas vendo , que esta bebida , fazendo-lhe adormecer os sentidos , diminuiria as suas dôres , como tinha resolutio beber até a ultima gota o caliz da sua Paixão , quiz recusar a si tudo , o que podia mitigar os seus tormentos.

A's nove horas da manhã despem o Salvador segunda vez , e tirandolhe com violencia os seus vestidos , abrem de novo todas as suas Chagas. Quantas mortes em huma só , meu doce Jesu ? Quando veremos o fim dos vossos tormentos ? Mas quando vereis vós o fim dos meus peccados ?

cados, que vos fazem padecer tanto?

Mandando-lhe os algozes que se extendesse sobre a Cruz, elle obedece: e por hum excesso de crueldade desconhecido até então ainda aos mais crueis tyrannos, traspassão seus pés e suas mãos com grossos cravos, que fazem entrar na Cruz, em que estava estendido, a grandes golpes de martelo.

Só a idéa deste terrivel tormento horrorisa, e faz tremer. Basta picar hum nervo para causar nelle horriveis convulsoens: e que vivissimas dôres não sentiria este Senhor, quando com duros cravos traspassaraõ, e despedaçaraõ seus pés, e suas mãos, que quasi não são mais que hum tecido de nervos, de musculos, veias, e artérias? Consideremos, e concebamos em o nosso espirito, se he possivel, o que Jesu Christo padeceu neste passo.

Mas que tormento, ó meu Deos! que excesso de dôr, quando levantando a Cruz, a deixaõ cahir em huma cova! Que penoso aballo para aquelle corpo! o qual inclinando-se para a terra com o seu mesmo peso, fica com tudo pendurado em tres cravos!

Oh! e como he verdade, que morrer sobre a Cruz, he morrer tantas vezes, quantos são os momentos, que nella se vive! Exaqui o voffo genero de morte, ó meu doce Jesu!

Triste estado he este, em que Jesu Christo passa tres horas, tendo aos seus lados dons ladroens crucificados como elle. Neste estado condemnava Jesu Christo, e ao mesmo tempo expiava a perguica, e a delicadeza dos homens. E continuarei eu ainda a busca-la, e a deleitar-me nella?

Mas ao menos teria compaixão delle neste passo aquella multidão de gente, que tinha con-

corrido a este espectáculo? De nenhuma forte. Apenas Jesu Christo he levantado na Cruz á vista de todo o povo, logo he injuriado, e carregado de todas as partes de mil maldiçoens. Se tu es o Filho de Deos, lhe diziaõ alguns, desce agora da Cruz, e faze-nos alguns milagres.

Não poupaõ algum genero de maldiçoens, e de blasfemias. Dizem elles movendo a cabeça: Ah infeliz! que te gavaſte, que destruirias o Templo de Deos, e que o tornarias a edificar em tres dias; salva-te agora a ti mesmo, se pôdes, e prova-nos com isso que es o Messias.

No meio de huma perseguiçãõ taõ pertinaz, e taõ cruel, Jesu Christo não disse palavra, nem deu algum signal de impaciencia, nem de inquietaçãõ; mas tendo os olhos, e a cabeça baixa, soffre tudo com huma modestia inalteravel, e huma profunda humildade. Reserva para os seus martyres o rosto rizonho, e agradavel, que parecerá insultar os tyrannos, e os tormentos; e era esta huma cousa mui gloriosa, e de muito lustre para que a quizesse Jesu aniquilado. Os seus sentimentos pendente na Cruz, saõ os de hum homem humilhado, penitente, carregado dos peccados de todos os homens. Oh maravilhosa disposiçãõ de Jesu, que deve confundir bem as nossas impaciencias, e a nossa soberba! Quando será a paciencia, e a humildade de Jesu entre seus tormentos, o modelo e a imagem da nossa?

Nesta terrivel extremidade, em quanto o povo estava parado a ve-lo, e os passageiros lhe diziaõ mil injurias, Jesu fazendo o ultimo esforço para levantar os olhos ao Ceo: Meu Pai, clama elle, perdoai-lhes, eu vo-lo peço, porque elles não sabem o que fazem. Homens vingativos, recusais ainda depois disto perdoar as injurias, que vos fazem, e dizeis ao mesmo tempo que sois Discipulos de Jesu Christo? Hu-

Huma paciência taõ maravilhosa, huma dôçura taõ extraordinaria moveu, e penetrou todo a hum dos ladroens, que com elle estavaõ crucificados: reconheceu o Salvador pelo Messias, e aproveitando-se da graça do Redemptor, estando todo penetrado de hum vivo arrependimento dos seus peccados, pede-lhe que tenha d'elle misericordia, e que o receba no Ceo.

Jesu, que via a mudança, que tinha obrado a sua graça nesta alma penitente, lhe respondeu conforme aos seus desejos; e ao mesmo tempo, que o outro ladraõ expirava impenitente, este morte predestinado.

Ah Senhor! no dia das vossas grandes misericordias, naquelle mesmo instante, em que morreis pela expiação de todos os peccadores, estando no meio de dous ladroens, que tinhaõ demorado até entaõ o converter-se, condemna-se hum! Oh meu Deos! quem poderá differir até a morte a sua penitencia, e esperar morrer penitente?

Apenas o Filho de Deos tinha acabado de responder a este feliz moribundo, quando vio ao pé da Cruz sua Mãi, derramando muitas lagrimas, opprimida com a mais viva dôr, foi muito sensivelmente movido, e todo penetrado com esta vista; e naõ foi esta a menor de suas afflicções interiores.

Esta Senhora tinha huma grande parte neste sacrificio; ella amava ao seu Filho com muita ternura: e como poderia delampara-lo em taõ grande extremidade? Esta Mãi toda desconfolada, tinha ao pé de si Maria filha de Cleophas sua parenta, e a Santa amante de Jesu Maria Magdalena: o Discipulo, que Jesu amava taõ ternamente, e que amava tambem ardentissimamente a Jesu, tambem alli estava. Entaõ o Salvador
do